REVISTA DA SEMANA

7 de Fevereiro de 1953 Cr$ 4,00 em todo o Brasil



NO TEXTO

A POSSE DE EISENHOWER

CARNAVAL INFANTIL

O DESFILE DO CAMPEÃO



JÁ SAIU O LIVRO MARAVILHOSO DOS MIL ASSUNTOS...

O MAIS BELO
E MAIS ÚTIL

almanaque de 1953



CONTENDO:

20 CONTOS

NARRATIVAS HISTÓRICAS

MARAVILHOSAS HISTÓRIAS INFANTIS

UMA COMÉDIA PARA REPRESENTAR

UM ROMANCE — COMPLETO:

"QUO VADIS"

O MARAVILHOSO ROMANCE DE H. SIENKIEWICZ, RICAMENTE ILUSTRADO A CÔRES POR FORTUNIO MATANIA

"EU SEI TUDO"

AS BANDEIRAS DE TÔDAS AS NAÇÕES NAS CÔRES PRÓPRIAS

PÁGINAS EM POLICROMIA

CALENDÁRIOS:
CATÓLICO ★ CIVIL ★ ISRAELITA ★ PERPÉTUO ★ PERPÉTUO DAS FESTAS MÓVEIS E TÔDAS AS INFORMAÇÕES ASTROLÓGICAS ÚTEIS PARA O ANO

NAS BANCAS DE JORNAIS, EM TODO O BRASIL

PREÇO 25 CRUZEIROS

ATENDE-SE PELO REEMBÔLSO POSTAL OU VALE DO CORREIO

PEDIDOS À CIA. EDITÔRA AMERICANA — RUA MARANGUAPE, 15 — LAPA — RIO



Três Eisenhowers festejando a dezenove de janeiro o aniversário natalício de um dêles, o Edgar, de braço erguido. Na outra foto, Ike e o famoso chapéu.

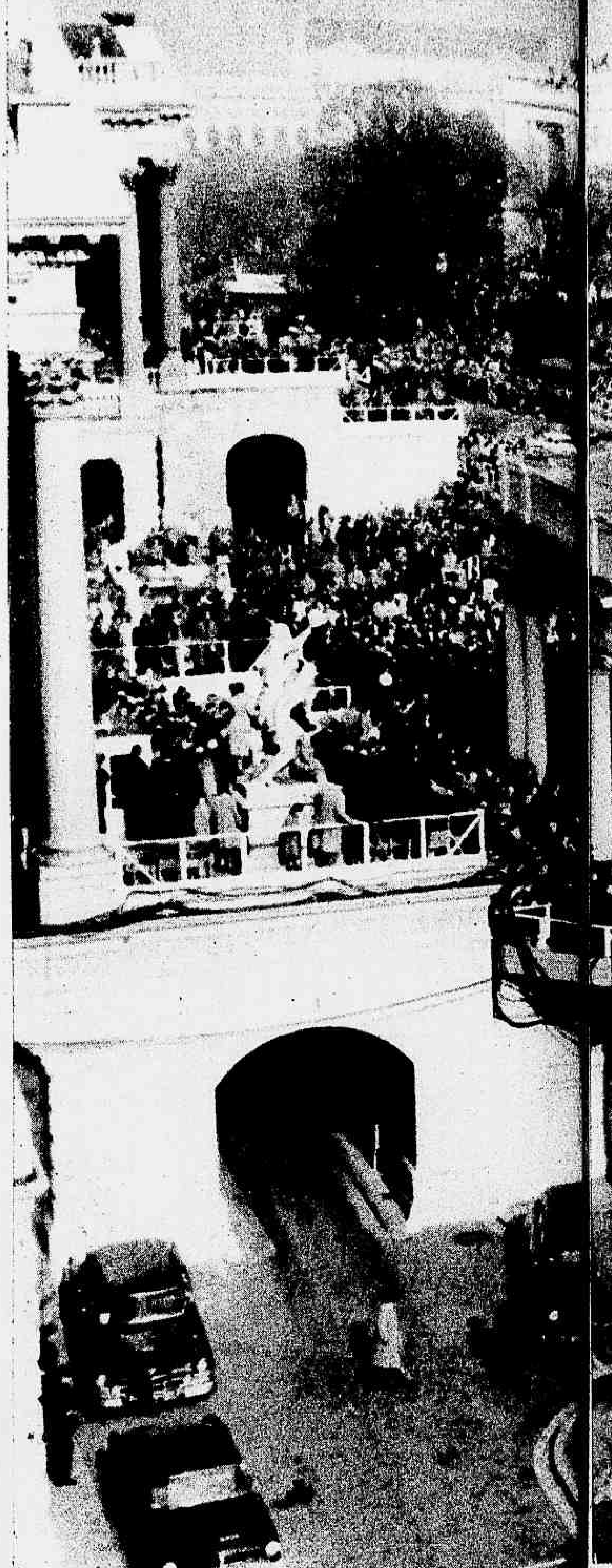
A POSSE DE EISENHOWER



POSSE DE EISENHOWER



O novo presidente eleito quando ia com Truman com destino ao Capitólio, a fim de prestar seu juramento solene de bem cumprir a Constituição do país.



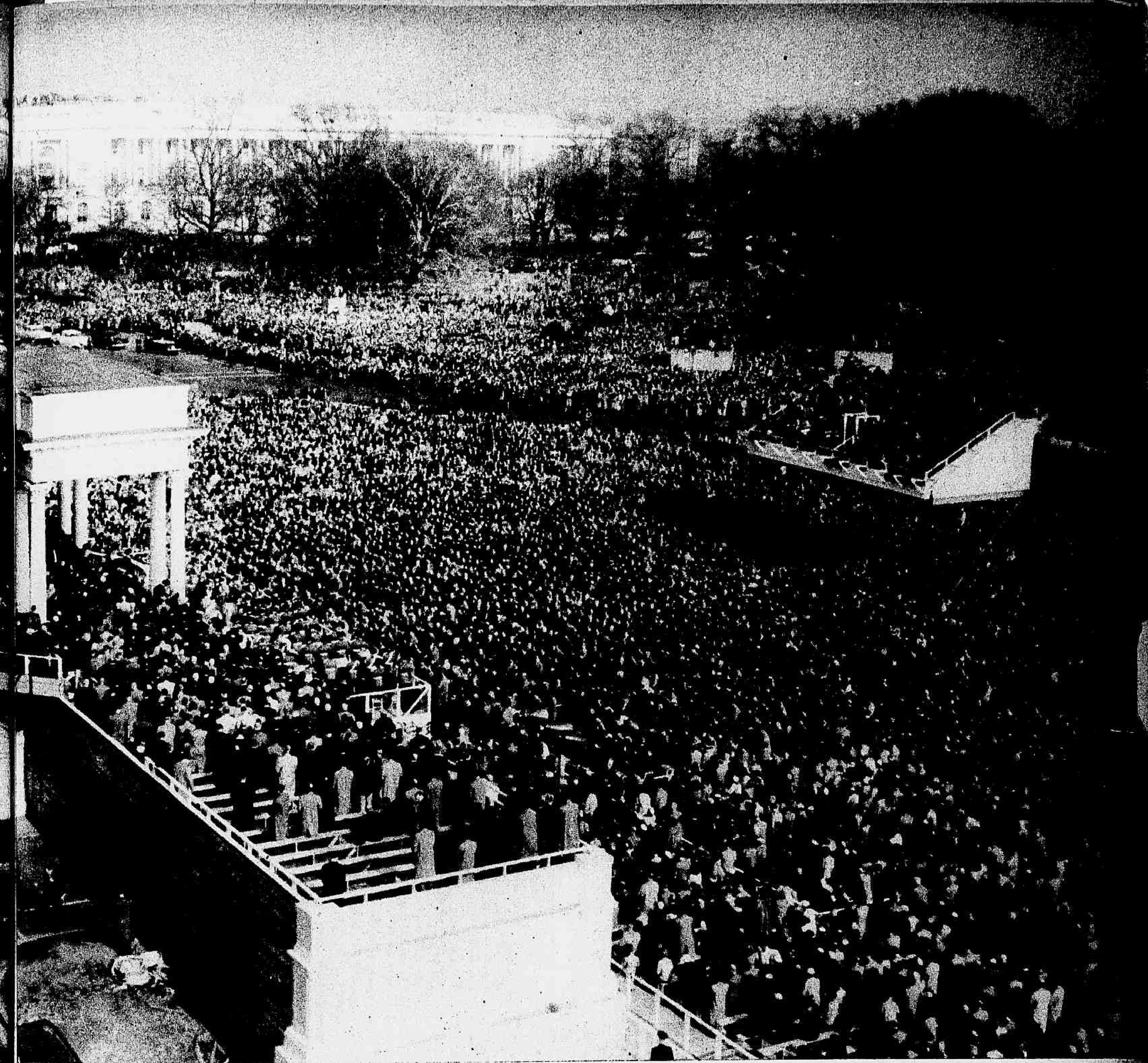
Milhares de pessoas assistiram, espalhadas pela Eisenhower. Esta fotografia foi apanhada do alto

A VOLTA DOS REPUBLICANOS AO PODER ★ UM MILHÃO DE ESPECTADORES APLAUDE O NOVO PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS ★ DOIS MIL E QUI-

Reportagem de D. G. COIMBRA

O dia 20 de janeiro de 1953 marcou um dos maiores acontecimentos, não sòmente para a grande nação norte-americana, como para todo o mundo ocidental: a posse do general Dwight Eisenhower, o popularíssimo Ike, conhecido e admirado em todos os países. Sua posse foi antecedida de colossais preparativos no engalanamento de ruas e avenidas vizinhas ao Capitólio, levantando-se arquiban-

Desfile de centenas de cadetes da Academia Militar de West Point em formação impecável, em frente ao coreto em que Eisenhower e sua família assistiam à parada.



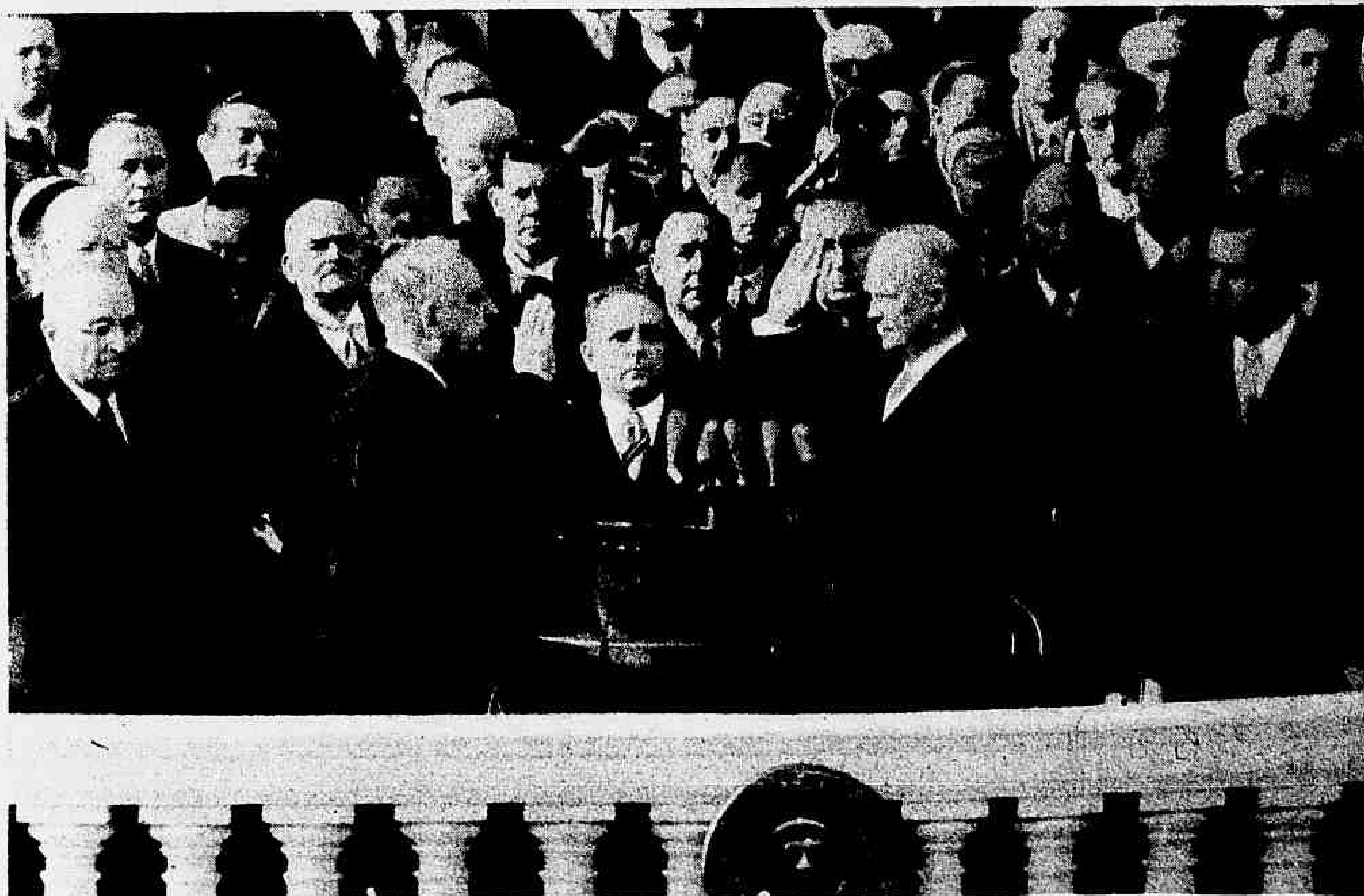
grande Praça do Capitólio, ao ato solene do juramento do novo presidente dos Estados Unidos da América do Norte, General Dwight D
de uma das alas do imenso edifício da cidade de Washington, para que se pudesse ter uma idéia panorâmica da multidão que ali se acotovelava.

NHENTOS DETECTIVES E MILHARES DE POLICIAIS DEFENDEM A VIDA DE IKE ★ DESFILA, PELA PRIMEIRA VEZ, UM CANHÃO ATÔMICO ★ ALEGRIA NAS RUAS.

para a **REVISTA DA SEMANA.**

cadas imensas, como as que iam da Casa Branca à Pennsylvania Avenue, não se falando em dezenas de milhares de cadeiras ao longo das vias públicas por onde passaria o imenso e luzidio cortejo na posse do 34º Chefe do Executivo norte-americano.

Diante do majestoso edifício do Capitólio, as instalações especiais para receber o novo Presidente e sua comitiva, numa cerimônia



O General Dwight Eisenhower jura cumprir a Constituição, acompanhando o gesto solene do Ministro Fred Vinson, Presidente da Suprema Côrte de Justiça dos Estados Unidos.



À noite do dia vinte de janeiro, Ike e sua espôsa compareceram ao «National Guard Armory», assistindo ao baile que se desenrolava lá em baixo com grande animação.

A POSSE DE EISENHOWER

que marcou a volta do Partido Republicano, no ostracismo há 21 anos. De todos os pontos do país afluíram forasteiros, e do Canadá, México e Alaska vieram milhares de turistas para ver a festa de ascensão dos republicanos ao poder, na pessoa do grande cabo-de-guerra, Eisenhower.

O cortejo, que se estendeu por dez milhas, revestiu-se de um colorido até então inédito nos anais de posses de Presidentes da República. Além dos mais variados corpos de tropas em seus uniformes de grande gala, viam-se nessa parada colossal, 325 veículos alegóricos e 343 animais, dentre êles três elefantes, que são os símbolos do velho Partido Republicano. O desfile majestoso levou quatro horas e meia para passar diante do povo apinhado ao longo de ruas, praças e avenidas.

(Continua na pág. 50)



Harry Truman, após as solenidades de posse do seu sucessor, embarca no mesmo dia para Independence. Ei-lo aqui no momento em que agradecia saudações de seus amigos.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 6 ★ 7-2-52

SUMÁRIO:

A posse de Eisenhower .... 3/ 6 e 51/53

O desfile do Campeão 15/17
Quando é doce morrer no mar ... 19/21
O novo Eldorado verde 23/26
A primeira mulher juiz no Brasil .. 32/35
As grandes migrações do século XX 28/29

●

Viagem ao fundo do mar 7
Começos de uma fortuna — Conto 11
A Bem-Amada — Romance 12/13
Semana Literária 31
O Centenário de Manuel Vitorino .. 36/37

●

A Semana em revista 8/ 9
A Personagem da semana 9
A Revista há 50 anos 18
Conta-me teus sonhos 18
Êste mundo e o outro (caricatura) 22
Lido... Visto... Ouvido... .... 38/39
Passatempo 48
Último flash 54

●

Segredos do «nylon» 10
Carnaval .... 14/27 30 e 43/46
A saúde do bebê 40
Conversa de mulher 42
Correio da Revista 48
Arabelle (folhetim) 49

●

Capa: **Joan Rice** (Foto RKO)

★

EXPEDIENTE

Diretor: GRATULIANO BRITO — Assistente: RENATO DE ALENCAR — Paginação: VICTOR TAPAJÓS — Reportagens: NAPOLEÃO AGUSTIN LOPES — Desenhos: ALBERTO LIMA — Publicidade: J. M. COSTA JÚNIOR.

★

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposição de Sevilha e de Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da **COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA** — Rua Visconde de Maranguape, 15 — **Rio de Janeiro.**

★

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York, N. Y. Na África Oriental ortuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizada Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 52 páginas.

★

TELEFONES

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550.

★

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS DARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$350,00
Seis meses	Cr$180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na capital a cargo da Agência Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.



VIAGEM AO FUNDO DO MAR

DE há muito deixamos de pensar no mar como cenário de aventuras misteriosas e lendárias. Ninguém se lembra mais da cidade mergulhada de Ys, da Atlântida, das sereias, de outros mitos... Ninguém se recorda de que Vênus surgiu das águas. Alguns romances, apenas, mal ainda evocam Laffite, o Capitão Blood, Simbad... Quando passamos de avião pelo aeroporto de São João de Pôrto-Rico, lemos em um planisfério mural, os nomes romanescos dos piratas das Antilhas, última glória dos bucaneiros, pintada na parede, para a indiferença dos viajantes em escala.

O mar, hoje em dia, é caminho de turistas pacientes. Se não é isso, pior, é campo de batalha, com submarinos perigosos, minas terríveis e homens-rãs para caçar essas minas terríveis. Ou, então, mera via comercial, transporta artefatos para cá e matéria-prima para lá. Os Mares do Sul foram os últimos que entraram em poesia, em histórias de Maugham e de outros autores considerados exóticos e subliteratos. Acabou-se o mar, o velho mar de Ulisses, o mar ilustre dos gregos (Thalassa! Thalassa!), dos guerreiros e dos civilizadores, dos Colombos e dos Magalhães, o mar de Sagres e de D. João II.

Pois, é nessa atualidade marítima sem lendas, sem epopéias e sem lirismo, de cabotagem ou longo curso, onde os navios-fantasmas não aparecem mais, onde nem uma sereiazinha levanta a cabeça dourada para cantar com a lua cheia — desde que os faróis começaram a espancá-las com suas chicotadas de luz — que um sujeito de nosso tempo veio descobrir um novo encanto, um novo mistério, uma nova legenda. Trata-se de Mister Harry E. Rieseberg, cujo livro de memórias acaba de ser publicado, com um título muito expressivo: «Seiscentos bilhões no fundo dos mares».

Não é apenas o sentido utilitário das cifras que interessa no livro de Rieseberg: essa obra narra a mais extraordinária aventura vivida de nosso tempo — a de um «pirata» moderno a que o romancista Varende até apelidou de «banqueiro do oceano» e que faz suas abordagens, pilhando-os, em galeões há séculos mergulhados nos abismos marinhos.

Rieseberg era funcionário público e fizera uma viagem à África, com o presidente Theddy Roosevelt. De volta, empregou-se em uma repartição do Estado, disposto a passar o resto da vida como burocrata. Fadado à aventura, certo dia, entretanto, apareceu-lhe um colega, dizendo-lhe que sua repartição queria informações sôbre naufrágios de navios carregados de tesouros. Rieseberg indicou-lhe a biblioteca do Congresso, de Washington, mas, dias depois, a moça voltou declarando-lhe que nada encontrara. Resolveu êle investigar o assunto, pessoalmente. Descobriu tanta coisa, indicações precisas que imediatamente se demitiu do cargo, vendeu o que tinha e, com o capital apurado e a sociedade de um escafandrista profissional, começou suas aventuras, na busca aos navios afundados no decurso dos séculos e que continham vultosos tesouros, ouro, prata, jóias, pedrarias. Seu livro conta fascinantes episódios dessa emprêsa que passou por duras provas, mas que conseguiu trazer à tona mancheias de ouro, moedas, barras de prata, cofres de pedras preciosas e joalharia antiga, que por muitos e muitos séculos dormiam entre polvos e tubarões, «atols» e furnas, nas carcaças submersas. Rieseberg acha que a oitava parte do ouro até hoje extraído do fundo da terra, jaz no fundo do mar: seiscentos bilhões, exatamente, é essa oitava parte, como está no título de seu livro, êsse estranho, espantoso **diário de bordo**, tão maravilhoso como seria o de Laffite ou o do Capitão Blood...

Rieseberg termina o seu livro falando na Frota da Prata, desaparecida no mar das Baamas, carregados de lingotes de ouro e de barras de prata todos os seus galeões que transportavam para o rei da Espanha os tesouros do Novo Mundo. Diz êle que um dia pescará essa fortuna de muitos milhões que o espera, como a Bela Adormecida, no seu castelo de coral, no fundo daquele mar... Mas, fiquem quietos em casa, nas suas chinelas, nos seus pijamas, não sonhem com uma viagem àquelas regiões poéticas e lendárias, antes que vá lá ter Mister Rieseberg: êle não dá no seu livro, as indispensáveis coordenadas, para localização exata dessa fascinante frota argêntea...

EDMUNDO LYS

A SEMANA EM REVISTA



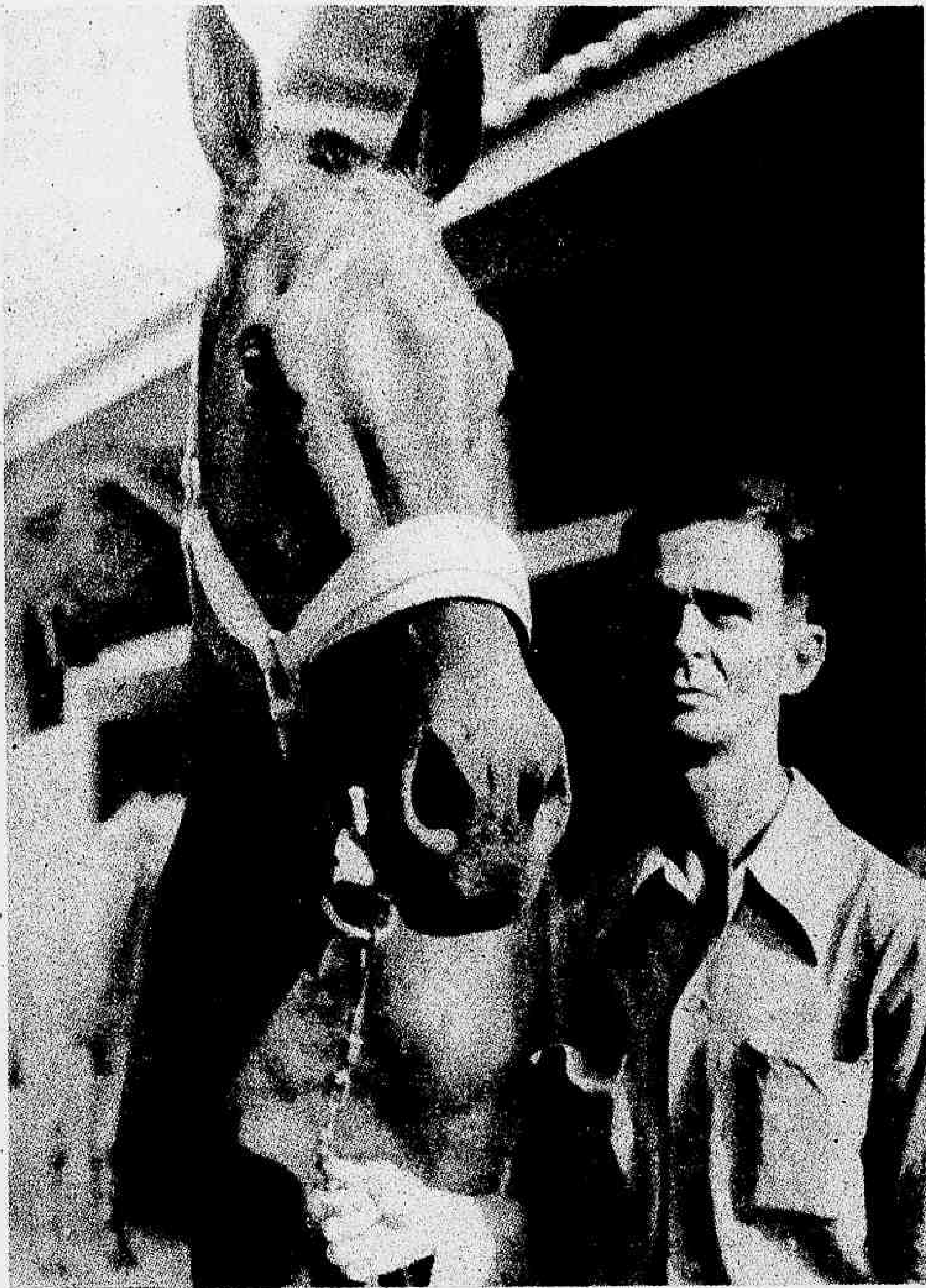




ÊSTE CIDADÃO com o rosto em esparadrapos, supercílio inchado, com equimoses generalizadas e ares de quem está no Pronto Socorro, não é nenhuma vítima de acidentes do tráfego, nem andou nos tumultos da Central do Brasil para pegar um trem. Trata-se de Zàzinho, meia-esquerda do «Botafogo Futebol e Regatas», desta capital, após o jôgo com o Peñarol do Uruguai, em partida de cordialidade esportiva em Montevidéu, em dias da semana passada.

Na outra foto vemos Holberg atracando-se com um popular, enquanto Gilson aparece na foto com as costas enlameadas. Não há dúvida que, lá pelo Uruguai a sentença do «mens sana in corpore sano» vai progredindo muito... Mas isso não é nada, pois se trata de um jôgo de estréia. Para os outros, é de se esperar melhor «performance» dos «valientes» nervosos que não podem suportar um só «goal» de adversário nas suas rêdes. E o pessoal do Botafogo ainda foi feliz de sair com vida.

Felizmente, segundo os telegramas vindos de lá, os rapazes da «estrêla solitária» não replicaram com grosserias, e, voltando ao gramado, cumprimentaram o público, dando provas de elevada compreensão desportiva. O gesto botafoguense repercutiu favoràvelmente no espírito dos torcedores de Montevidéu, que muito os aplaudiram



O TURFE CARIOCA está com um problema muito sério: esclarecer o caso do cavalo «Sombreado», vencedor do primeiro páreo da corrida de um dos últimos domingos. O caso foi levantado com as dúvidas em que está o Stud Book Brasileiro sôbre a identidade do corredor. E' brasileiro? E' uruguaio? Diante da dúvida os comissários de corridas suspenderam o pagamento do prêmio e as investigações continuam. Nesta foto vemos «Sombreado», pupilo de Rubem da Silva que o segura, e, pelos olhos do cavalo da dúvida, parece que está a dizer: «No tempo em que nós falávamos, não se dava disto...» As diligências prosseguer e «Sombreado» ficará na «sombra», até esclarecer-se a questão.



POSSE DO NOVO diretor dos Correios e Telégrafos, tenente-coronel Gerardo Amaral, em dias da semana que passou, em cerimônia efetuada no salão nobre do Ministério da Viação. O titular da pasta da Viação teve oportunidade de saudar o novo diretor do DCT, exaltando-lhe as qualidades de homem probo e realizador, tendo respondido o coronel Gerardo Amaral, prometendo dedicar tôda a sua capacidade de trabalho ao serviço do DCT. O coronel Amaral, conforme determina o Estatuto dos Funcionários Públicos, fêz sua declaração de bens: uma casa financiada pela Carteira Hipotecária do Clube Militar e um automóvel comprado a prazo com reserva de domínio.

A PERSONAGEM da SEMANA



A Estrada de Ferro Central do Brasil é, por tôdas as razões, a mais importante ferrovia do país. E por isso mesmo deveria constituir o modêlo das nossas estradas de ferro. Mas infelizmente isto não acontece. Assim, após uma série de episódios desagradáveis de ordem pessoal e funcional entre o seu dirigente e Ministros, toma posse do cargo de Diretor da Central mais um novo elemento. Desta vez, porém, não foi escolhido entre estranhos: é o Engenheiro Jair Rêgo de Oliveira, pertencente aos grandes da estrada.

Homem simples e, de certo, conhecedor do assunto, fêz declarações realmente práticas e lógicas: Na menção de seus bens (um apartamento na Avenida Atlântica e trinta mil cruzeiros em depósito) está evidentemente caracterizada a condição do homem que tem sido apenas o servidor público. Resta-nos assim esperar a ação do novo diretor cujos resultados tanto dependem de sua capacidade quanto ao apoio que tiver para enfrentar os mil fatôres contrários à boa ordem dos serviços, fatôres largamente conhecidos.

Homens que trabalham

Se V. S. sofre de prisão de ventre e esqueceu-se de tomar **Ventre-Livre** ontem à noite, antes de dormir, não esqueça hoje.

Tome uma dose de **Ventre-Livre** hoje à noite, antes de ir para a cama, que amanhã passará o dia bem e trabalhará com prazer.

Os homens ativos, que trabalham com afinco, devem cuidar especialmente da saúde, pois precisam ter o estômago, os intestinos, o fígado, enfim todos os órgãos, e também os **nervos**, em bom estado, para conservar as suas energias.

A prisão de ventre intoxica o organismo, abate as **forças** e, por conseguinte, diminui a capacidade de trabalho.

Combata a prisão de ventre sem perda de tempo, usando **Ventre-Livre**.

Ventre-Livre tonifica as camadas musculares do **estômago** e intestinos e limpa os das substâncias infectadas e **fermentações** tóxicas, verdadeiros venenos, que perturbam as **funções de todos** os órgãos e causam tão grande mal aos nervos.

Tome **Ventre-Livre** hoje, à noite.

• • •

Lembre se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

• • •

Tenha sempre em casa
alguns vidros de **Ventre-Livre**

SEGREDOS DO NYLON

AS mulheres não entendem de nylon», êsse material hoje tão importante em suas vidas — segundo ficou demonstrado em duas grandes «enquêtes» jornalísticas realizadas na França e na Inglaterra.

Um detalhe curioso é que foi apurado que as inglêsas usam as meias do avêsso na proporção de 50 por cento e as francesas de 80 por cento, por serem estas muito mais faceiras. Trata-se de uma simples ilusão de óptica: do avêsso a malha dá a impressão de ser mais fina, pelo relêvo da costura. Atualmente há fábricas que já usam o mesmo truque, fazendo a costura da parte de trás das pernas pelo direito a fim de que as meias sejam usadas do avêsso.

Os fabricantes e vendedores de «nylon», como todos os que lidam com clientela feminina, são necessàriamente grandes psicólogos.

— Neste estabelecimento, — confessou um especialista — a maioria das freguesas não sabe o que quer.

No Brasil, como na América do Sul em geral, as mulheres exigem meias finíssimas, preferindo gastar sem limite a economizar comprando meias mais grossas e duráveis. Entretanto, gostam de pedir «meias muito finas mas que sejam boas para andar...»

Raríssimas mulheres saberão o que significam «denier» e «gauge». «Denier» corresponde à grossura do fio. O fio «15 denier» é muito fino, o «30 denier» o é menos. Quanto a «gauge», refere-se à solidez da trama, ao número de fios tecidos por polegada ou polegada e meia. Para o fio «15 denier» em geral a «gauge» é 51 ou 60, para o «30 denier» mais fechada, mais forte e mais resistente portanto.



Sôbre a nudez crua de belas pernas o manto diáfano do nylon, eis a pará-frase de Eça de Queiroz que teria ocorrido a estas três beldades do ecran. A mulher sabe de mil artifícios para prender e agradar



Há um grande equívoco de julgamento do «nylon» pelas mulheres. No início da fabricação de artigos de «nylon», espalhou-se que o «nylon» não se gasta e elas interpretaram que não se rasga. Não é a mesma coisa!

O «nylon» é extraordinàriamente resistente ao uso. Se o pé o comprime num sapato sem asperezas e de maneira regular, se êsse mesmo pé não tem imperfeições nas unhas, nem machucados ou calosidades, a meia terá uma duração quase eterna. Mas o «nylon», qualquer que seja a «gauge» e sobretudo quanto mais aberta e portanto fina, não resiste a puxões mais do que o «rayon» ou a sêda. O verniz descascado de uma unha é suficiente para romper qualquer meia de «nylon».

No meio das multidões, as meias de «nylon» correm grandes riscos pelos choques e puxões, como também numa sala de fumantes, em que a brasa dos cigarros pode seguir trajetórias imprevistas — e o «nylon» é fàcilmente inflamável, às vêzes basta uma minúscula porção de brasa para queimá-lo.

Numa loja em liquidação em que as freguesas faziam carga excessiva contra o balcão, um chefe de seção exclamava inùtilmente: «Recuem, por favor!», até que lhe ocorreu advertir: «Por favor, minhas senhoras, nesse apêrto, vão rasgar as meias!»

Outra revelação para muita gente: o «nylon» não é elástico e tem menor flexibilidade mesmo quando tecido em ponto de meia que outros fios. Assim, é aconselhável comprar meias um número sempre maior que o pé, e também «soutiens» e «maillots» um tamanho acima dos confeccionados em outros tecidos. Os vendedores insistem: calce as meias com luvas. Pode parecer exagerado, mas tem sua razão de ser. E quando algum lhe oferecer uma lima de unhas com o par de meias adquirido, não se ofenda — trata-se de um conselho.

O «nylon» não deve ser passado a ferro, a não ser com ferros muito leves e que pouco esquentam, fabricados especialmente. Os demais tecidos podem absorver até 100 por cento de seu pêso em água, o «nylon» não mais de 8 por cento. E queima a temperatura muito baixa.

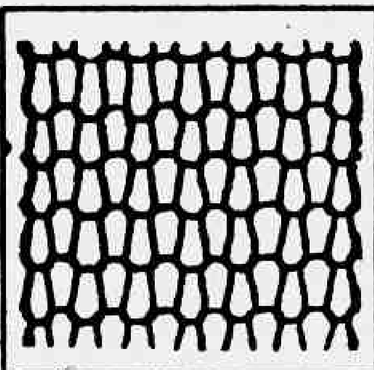
O fio de «nylon» tem uma resistência de 50 quilos por milímetro quadrado, igual a de um fio de aço.

Quando ainda em estado pastoso, o «nylon» pode ser utilizado como matéria-plástica e ser transformado em xícaras que não se quebrarão, pentes resistentes e diversos outros objetos inquebráveis.

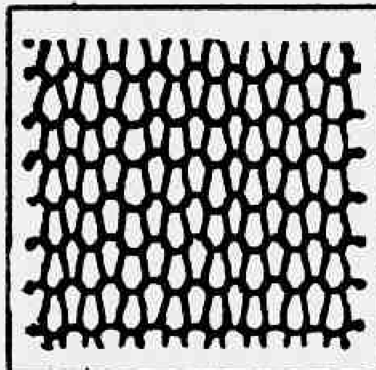
De qualquer modo, se a leitora aprecia meias finas, não pule com elas cêrcas de arame-farpado. Quando se diz que o «nylon» é muito forte, é porque sua resistência à fricção é maior 300 vêzes que a da sêda — mas não é bom confundir fricção com puxão.

"Denier" e "Gauge" — aprenda a conhecê-las para escolher suas meias

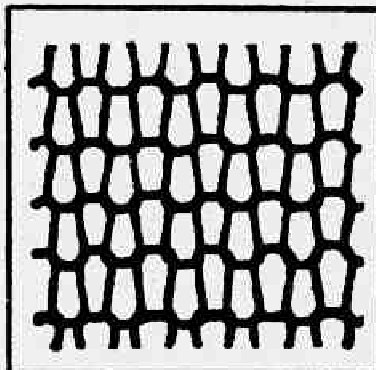
15-51



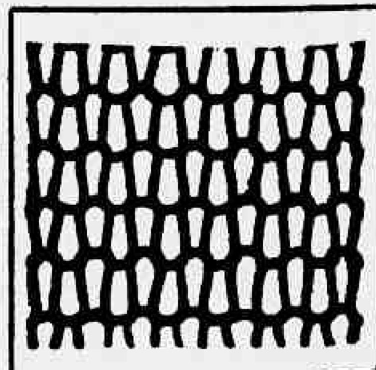
15-66



30-45

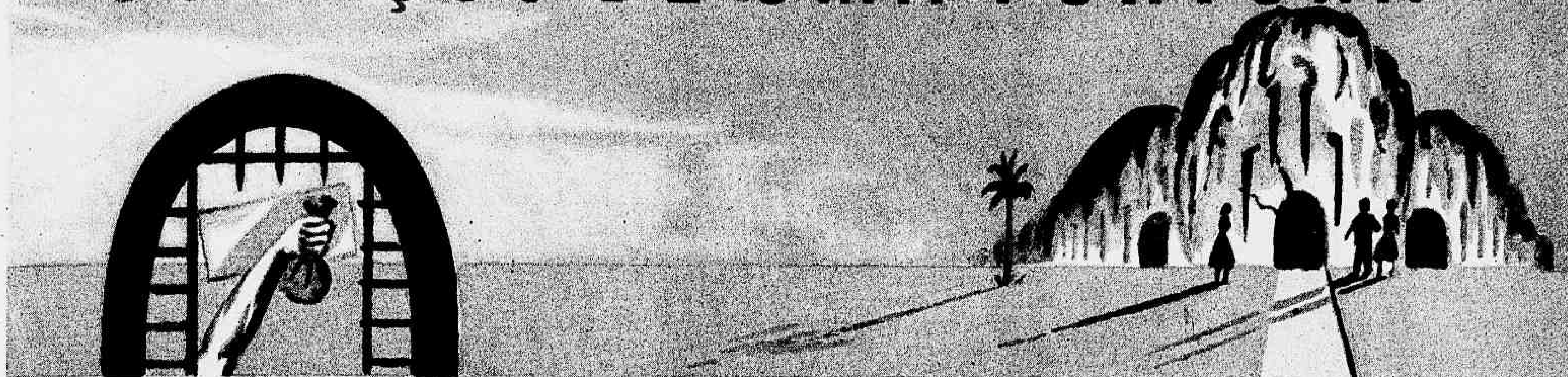


30-54



"15x66" representa malha mais fechada e resistente que "15x51". *Denier* 30 e *Gauge* 54, formam uma trama mais cerrada e forte que "30x45".

COMEÇOS DE UMA FORTUNA



ERA uma daquelas manhãs que parecem suspensas no ar. E que mais se assemelham à idéia que fazemos do tempo.

A varanda estava aberta mas a frescura se congelara fora e nada entrava do jardim, como se qualquer transbordamento fôsse uma quebra de harmonia. Só algumas môscas brilhantes haviam penetrado na sala de jantar e sobrevoavam o açucareiro. A essa hora, Tijuca não havia despertado de todo. "Se eu tivesse dinheiro..." pensava Artur, e um desejo de entesourar, de possuir com tranqüilidade, dava a seu rosto um ar desprendido e contemplativo.

— Não sou um jogador.

— Deixe de tolices — respondeu a mãe — Não recomece com histórias de dinheiro.

Na realidade êle não tinha vontade de iniciar nenhuma conversa premente que terminasse em soluções. Um pouco da mortificação do jantar da véspera sôbre mesadas, com o pai misturando autoridade e compreensão e a mãe misturando compreensão e princípios básicos — um pouco da mortificação da véspera pedia, no entanto, prosseguimento. Só que era inútil procurar em si a urgência de ontem. Cada noite o sono parecia responder a tôdas as suas necessidades. E de manhã, ao contrário dos adultos que acordam escuros e barbados, êle despertava cada vez mais imberbe. Despenteado, mas diferente da desordem do pai, a quem parecia terem acontecido coisas durante a noite. Também sua mãe saía do quarto um pouco desfeita e ainda sonhadora, como se a amargura do sono tivesse lhe dado satisfação. Até tomarem café todos estavam irritados ou pensativos, inclusive a empregada. Não era êsse o momento de pedir coisas. Mas para êle era uma necessidade pacífica a de estabelecer domínios de manhã: cada vez que acordava era como se precisasse recuperar os dias anteriores. Tanto o sono cortava suas amarras, tôdas as noites.

— Não sou um jogador nem um gastador.

— Artur — disse a mãe irritadíssima — já me bastam as minhas preocupações!

— Que preocupações? — perguntou êle com interêsse.

A mãe olhou-o sêca como a um estranho. No entanto, êle era mais parente que seu pai, que, por assim dizer, entrara na família. Apertou os lábios.

— Todo o mundo tem preocupações, meu filho — corrigiu-se ela entrando, então, em nova modalidade de relações, entre maternal e educadora.

E daí em diante sua mãe assumira o dia. Dissipara-se a espécie de individualidade com que acordava e Artur já podia contar com ela. Desde sempre, ou aceitavam-no ou reduziam-no a ser êle mesmo. Em pequeno brincavam com êle, jogavam-no para o ar, enchiam-no de beijos — e de repente ficavam "individuais" — largavam-no, diziam gentilmente mas já intangíveis: "agora acabou", e êle ficava todo vibrante de carícias, com tantas gargalhadas ainda por dar. Tornava-se implicante, mexia num e noutro com o pé, cheio de uma cólera que, no entanto, se transformaria no mesmo instante em delícia, em pura delícia, se êles apenas quisessem.

— Coma, Artur — concluiu a mãe e de novo êle já podia contar com ela. Assim, imediatamente, tornou-se menor e mais malcriado:

— Eu também tenho as minhas preocupações mas ninguém liga. Quando digo que preciso de dinheiro parece que estou pedindo para jogar ou para beber!

— Desde quando é que o senhor admite que podia ser para jogar ou para beber? — disse o pai entrando na sala e encaminhando-se para a cabeceira da mesa. — Ora essa! Que pretensão!

Êle não contara com a chegada do pai. Desnorteado, porém habituado, começou:

— Mas papai! — sua voz desafinou numa revolta que não chegava a ser indignada. Como contrapêso, a mãe já estava dominada, mexendo tranqüilamente o café com leite, indiferente à conversa que parecia não passar de mais algumas môscas. Afastava-se do açucareiro com mão mole.

— Vá saindo que está na sua hora, cortou o pai. Artur virou-se para sua mãe. Mas esta passava manteiga no pão, absorta e prazeirosa. Fugira de novo. A tudo diria sim, sem dar nenhuma importância.

Fechando a porta, êle de novo tinha a impressão de que a cada momento entregavam-no à vida. Assim é que a rua parecia recebê-lo. "Quando eu tiver minha mulher e meus filhos tocarei a campainha daqui e farei visitas e tudo será diferente", pensou.

A vida fora de casa era completamente outra. Além da diferença de luz — como se sòmente saindo êle visse que tempo realmente fazia e que disposições haviam as circunstâncias durante a noite — além da diferença de luz, havia a diferença do modo de ser. Quando era pequeno a mãe dizia: "fora de casa êle é uma doçura, em casa um demônio". Mesmo agora, atravessando o pequeno portão, êle se tornara visìvelmente mais moço e ao mesmo tempo menos criança, mais sensível e sobretudo sem assunto. Mas com um interêsse dócil. Não era uma pessoa que procurasse conversas, mas se alguém lhe perguntava, como agora: "menino, de que lado fica a igreja?", êle se animava com suavidade, inclinava o longo pescoço, pois todos eram mais baixos que êle; e informava atraído, como se nisso houvesse uma troca de cordialidades e um campo aberto à curiosidade. Ficou atento, olhando a senhora dobrar a esquina em caminho da igreja, pacientemente responsável pelo seu itinerário.

— Mas dinheiro é feito para gastar e você sabe com que — disse-lhe Carlinhos intenso.

— Quero para comprar coisas — respondeu um pouco vago.

— Uma bicicletinha? — riu Carlinhos ofensivo, corado na intriga.

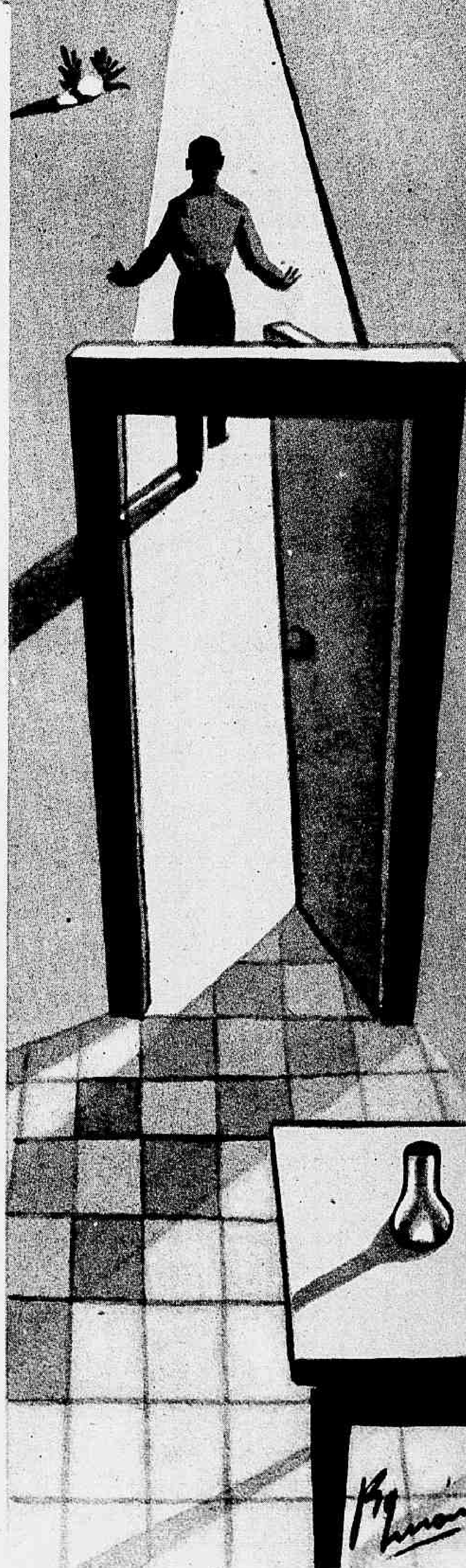
Artur riu desagradado, sem prazer.

Sentado na carteira, esperou que o professor se erguesse. O pigarro dêste, prefaciando o começo da aula, foi o sinal habitual para os alunos se sentarem mais para trás, abrirem os olhos com atenção e não pensarem em nada. "Em nada", foi a resposta perturbada de Artur ao professor que o interpelava irritado. "Em nada" era vagamente em conversas anteriores, em decisões pouco definitivas sôbre um cinema à tarde, em dinheiro.

Êle precisava de dinheiro. Mas durante a aula, obrigado a estar imóvel e sem nenhuma responsabilidade, qualquer desejo tinha como base o repouso.

— Você então não viu logo que Glòrinha estava

(Cont. na pág. 48)



Conto de CLARICE LISPECTOR

Ilustração de RAMON

A BEM AMADA

SEGUIRAM o seu caminho aquêles homens, e quando estavam fora do alcance dos ouvidos de Jocelyn, disse um dêles ao seu companheiro:

— Quem é êste jovem kimberlin? Não parece dos nossos.

— Pois fique sabendo, que é dos pés à cabeça. E' o sr. Jocelyn Pierston, filhó único do comerciante de pedras nas pedreiras do Este. Está para casar com uma linda jovem, cuja mãe é viúva e se mantém na vida da melhor maneira, embora não esteja nas mesmas condições em que está o velho Pierston, que, segundo dizem, tem muitos milhares, embora viva com muita simplicidade na mesma casa de pedra dos seus antepassados. Êste seu filho está fazendo em Londres grandes coisas como escultor, e me recordo que, quando pequeno, esculpia figurinhas de soldados em pequenos blocos de pedra retirados do subsolo das pedreiras de seu pai. Depois, fêz uma série de pedras de xadrez, e assim foi seguindo. Dizem que está muito relacionado em Londres, e o que estranho é que tenha voltado aqui para escolher a jovem Avícia Caro, que é uma linda moça, apesar de... Ora veja! O tempo vai mudar!

Enquanto aquêles dois conterrâneos passavam revista à sua vida, Jocelyn continuava a esperar Avícia no lugar combinado, até que soaram as sete da noite, justamente a marcada pela noiva. Quase ao mesmo tempo viu um vulto humano que se encaminhava em sua direção, visível aos focos de luz dos postes da praia. Logo que se aproximou de Jocelyn, dirigiu-se a êle, perguntando:

— E' o sr. Pierston?

— Sim. Por quê?

— Trago um recado para o senhor. — E lhe entregou uma carta.

CAPÍTULO IV

Jocelyn recebeu o envelope do desconhecido e se aproximou de um poste e leu o seguinte:

"Meu querido: Lamentarei se te causar mágua o que vou dizer-te em relação ao que combinamos para nos encontrar esta noite nas ruínas de Sandsfost. Não é por nada, mas, segundo sei pelas nossas várias entrevistas, teu pai insistirá em que devemos sujeitar-nos aos costumes da ilha, e tu, como filho obediente, hás de ouvir a teu pai durante o nosso noivado, uma vez que tôda a população está inflexìvelmente chumbada aos hábitos antigos. Para dizer a verdade, minha mãe supõe que, por motivos naturais, teu pai te tem insinuado no que devemos fazer.

"Pois bem: a coisa é contrária a meus sentimentos, razão por que me atrevo a prescindir dela, já que não a creio de bom aviso, apesar de, como em teu caso, haja motivos que justifiquem, de algum modo. Quanto a mim, confiaria mais na Providência.

"Enfim, resumindo o meu pensamento, achei melhor não ir, embora não seja mais do que para guardar as aparências, e que nos encontremos em lugar e hora adequados e de acôrdo com os costumes, para que fiquem satisfeitos todos aquêles que o sabiam.

"Tenho a certeza de que não te molestará muito esta decisão, pois compreenderás meus sentimentos modernos e não pensarás mal de mim pelos mesmos, e procedêssemos de outro modo e nos saíssemos mal, poderíamos pensar segundo os velhos sentimentos de família, como pensariam os nossos antepassados e, provàvelmente o teu pai, que não poderíamos casar-nos honradamente e, portanto, poderíamos ser desgraçados. Sem embargo, voltarás brevemente, não é verdade, querido Jocelyn? E então chegará o tempo em que já não será mais necessária mais nenhuma despedida. Sempre e para sempre tua, — **Avícia.**"

(RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA)

Jocelyn Pierston, jovem escultor, aproveitando uns dias de férias veio matar as saudades na cidadezinha em que morava seu pai e onde êle mesmo nascera e se criara. No mesmo dia de sua chegada encontrou-se com Avícia, uma companheira de infância. Enamoraram-se e Jocelyn lhe propôs casamento. O povo da ilha aprovou o enlace, mas a jovem parecia não crer muito na firmeza dêsse noivado, pois o rapaz estava habituado aos grandes centros e ela não passava de uma matutinha, embora fôsse bastante instruída. Logo depois êles deviam despedir-se, pois Jocelyn teria que voltar ao seu curso. Estava êle, à noite, aguardando a chegada dela para a despedida, perto da estação, conforme combinaram.

Lida a carta, surpreendeu-se Jocelyn da ingenuidade e do simplismo de sua noiva e de sua futura sogra, que supunham serem os velhos costumes uma séria norma de conduta, enquanto para êle e outros já ausentes dali, não passavam tais tradições, de restos de um arcaísmo bárbaro. Seu pai, como homem de recursos podia manter olhares seguros a respeito de sua descendência, o que tornava plausível a conjectura de Avícia e de sua mãe; mas, dizer-se que estivesse enterrado aos costumes antigos, nunca falara disso a seu filho em favor das velhas usanças.

No que lhe tocava o conceito de moderno em que o tinha a noiva, ficou o rapaz bastante chocado, e essa razão imprevista que o privou da companhia da moça, o incomodou bastante. Como subreviviam as antigas idéias sob a educação moderna!

O leitor há de recordar que tudo isto se passava há mais de quarenta anos, entre os habitantes da ilha dos Honderos.

*

Se bem que a noite estivesse ameaçando borrasca, Pierston não estava disposto a retroceder a fim de alugar uma viatura, pelo que continuou a caminhar inteiramente só. Em tão desabrigada paragem, o vento da noite sibilava ferozmente, e o mar açoitava as pedras e se arrojava sôbre as muralhas em choques que se podiam comparar a uma batalha e seu ruído era mais de luta do que de exclamação de ação de graças.

Em dado momento divisou a um trecho do caminho, o vulto de uma mulher. Lembrou-se de que, enquanto lia a carta de Avícia, passara por êle uma figura feminina, a qual estava agora a alcançar.

Tradução de RENATO DE ALENCAR
Ilustração de RAMON

Por um instante alentou a esperança de que bem poderia ser Avícia, cuja disposição, talvez, houvesse mudado; mas esta a quem estava a ombrear, era mais alta e melhor proporcionada do que sua noiva. Notou ainda, que, apesar de estar-se no outono, ia ela envôlta em peles ou mantô de rica confecção, o que lhe dava muito boa aparência.

Logo que chegou junto a ela, viu-a à luz das lâmpadas e apreciou bem o seu perfil. Tinha um porte majestoso e arrogante como o de Juno. Nunca havia visto Jocelyn uma figura mais clássica. Andava a passos largos, mas com tal equilíbrio e firmeza, que êle tivera dificuldade para chegar ao seu lado. Durante alguns minutos Jocelyn procurou fitá-la com insistência, ao mesmo tempo em que se esforçava por descobrir quem poderia ser essa deusa. Já estava a ponto de ultrapassá-la, quando foi ela quem se antecipou, perguntando-lhe:

— Creio que o senhor é Pierston, das pedreiras do Este?

Jocelyn confirmou e pôde então certificar-se da formosura e beleza arrogante daquele rosto, perfeitamente de acôrdo com o tom altivo de sua voz. Era um tipo completamente novo em sua experiência de amor de arte, pronunciando sua língua com acento não tão local como o de Avícia.

— Quer fazer-me o favor de dizer-me que horas são?

Jocelyn olhou o mostrador do relógio, com auxílio de um fósforo, e ao dizer-lhe que eram sete e um quarto, observou, sob o esplendor da chama, que seus olhos estavam irritados e vermelhos, como se houvessem chorado.

— Sr. Pierston — continuou a desconhecida — se bem que lhe pareça muito estranho, perdoar-me-á pelo que vou atraver-me a dizer-lhe? Poderia o senhor emprestar-me algum dinheiro por um ou dois dias? Saí tão apressada que deixei minha bôlsa com dinheiro em cima do toucador.

Parecia estranho o caso, mas, apesar disso, havia em sua personalidade tamanha firmeza de expressão, quedeu a Jocelyn a segurança de que não se tratava de uma impostora. O rapaz atendeu à súplica e, metendo a mão no bôlso, detendo-se nessa atitude por uns instantes, perguntou a si mesmo de quanto precisava ela, com a expressão "algum dinheiro". Mas, a esplêndida maneira de falar daquela bela mulher contribuiu para que Jocelyn se pusesse em harmonia com ela, no que acertou. O caso dava motivo a uma novela. Retirou cinco esterlinos e lhe entregou.

Tal liberalidade não pareceu surpreendê-la, e, ao ouvir a soma que êle anunciou em voz alta, uma vez que ela não podia ver, disse tranqüilamente:

— E' bastante. Muitos agradecimentos.

Enquanto continuava a conversar com ela, não havia notado Jocelyn que o vento, passando de sôpro a grunhido, e de grunhido a alarido, com a habitual rapidez de suas mudanças naqueles sítios, havia trazido, por fim, a prometida chuva. As gotas, que começaram a cair espaçadamente chocando-se com suas faces pelo lado esquerdo, como se fôssem brincadeiras de crianças a alvejá-los com seus estilingues, tomaram imediatamente o caráter de nutridas descargas de fuzilaria, um de cujos disparos foi tão violento que chegou a furar a manga de Jocelyn.

A desconhecida, voltando-se para êle, interessada



no acidente, lamentou não haver previsto aquela borrasca antes de fazer-se a caminho.

— Devemos recolher-nos a algum lugar — disse o jovem.

— Mas... onde? — indagou aflita a mulher.

A barlavento se estendia o largo e monótono banco empedrado, de confiruração demasiadamente obtusa para servir de abrigo, e onde o mar bramia arrojando mais seixos e pedregulhos. À sua direita se alongava a baía com as distantes luzes dos barcos, já ofuscados pela tempestade. Por detrás, os débeis focos de luz que denunciavam a existência da vila. Diante dêles nada havia de definitivo, e nada podia haver até que chegassem a uma ponte de madeira, distante uma milha, pois o castelo de Henrique VIII éstava ainda um pouco mais além.

Mas, precisamente sôbre o banco pedregoso, divisaram um bote dêsses chamados **lerrets**, que haviam colocado ali, naturalmente para evitar que fôsse despedaçado pelas ondas. O bote estava com a quilha para cima. Os dois, mal avistaram o bote, instintivamente correram até êle, subiram ao bando empedrado e procuraram abrigo no barco. Jocelyn verificou que o barquinho salvador já deveria estar ali desde muito tempo, e que lhes poderia prestar agora excelente ajuda sob aquêle temporal. Procuraram fugir à chuvarada e ao vento forte e entraram naquele abrigo providencial, indo encontrar no seu interior uma rêde de pesca. Dada a pequena altura do "teto", tiveram que andar de gatinhas, não sendo possível permanecer de pé.

CAPÍTULO V

A escuridão era completa e a chuva caía sôbre a quilha da velha embarcação com um barulho semelhante a trigo jogado com fôrça por um gigantesco semeador.

Estavam os dois agachados e tão pertinho um do outro que êle sentiu o roçar da pele com que ela se abrigava. Nem um, nem outro, havia pronunciado uma única palavra desde que deixaram o caminho, até que ela rompeu o silêncio com intencionada indiferença:

— Que azar!

Jocelyn concordou com aquelas palavras, e, depois de algumas observações, viu claramente que ela havia chorado, e que, de quando em quando, procurava sufocar sentidos soluços.

Pierston, então, falou:

— Se a má sorte fôr maior para você do que para mim, muito sentirei que assim seja.

Ela nada respondeu a isto, e êle acrescentou que aquêles sítios eram muito despovoados e desertos para uma mulher andar só e a pé, e esperava que nada de mais grave lhe houvesse sucedido para levá-la a tão desagradável situação.

A princípio não pareceu que estivesse disposta a esclarecer algo de sua vida, e Pierston quedou silencioso, mas, no íntimo fazia conjecturas sôbre quem pudesse ser essa criatura e quem viera conhecer em condições tão excepcionais. Vendo que a chuva estava quase passada, exclamou:

— Parece-me que devemos regressar.

— Voltar?! Nunca! E ela deixava transparecer na voz firme e resoluta a mais completa vontade de prosseguir na viagem.

— Por que não? — Perguntou êle.

— Há poderosos motivos.

— Não compreendo como pode você conhecer-me, quando eu não a conheço.

— Oh! Mas você me conhece, sim. Pelo menos sabe algo a meu respeito.

— Confesso-lhe que não. Como é possível? Você é **kimberlina.**

— Não, de certo. Sou uma ilhense da gema, ou melhor: fui... Já ouviu você falar da **Best-Bed Stone Company?**

— Sei, sim. Trataram de arruinar meu pai arrebatando-lhe o comércio ou, pelo menos, assim pretendeu fazer o fundador da Companhia, o velho Beucomb.

— E' meu pai!

— Queira desculpar-me o ter falado dêle com pouco respeito, pois não o conheço pessoalmente. Creio que, depois de transferir seus interêsses na Companhia, se retirou para Londres.

(Continua no próximo número)



Carnaval Infantil

Nesta página a petizada encontrará três modelos de fantasia que serão, segundo o gôsto de cada qual, perfeitas para brincar os três dias de folia de S.M. o rei Momo I e Único. Ao alto: **Mambo**, calças compridas, chapéu de palha esgarçada e blusa de listras. Em baixo: **Japonêsa**, quimono de mangas largas, decote quadrado; na cabeça: pentes ou agulhas de tricô. **Portuguêsa**, saia de bailarina, corpete bem ajustado...

MAMBO





JAPONÊSA



CANARIA

(Continua na página 43)

Iluminada pelos archotes e pelos «flashes», a sorridente e simpática Rainha do campeonato abriu o desfile do C. R. Vasco da Gama. Na cruz o retrato de Ciro Aranha.



O DESFILE DO CAMPEÃO

O povo carioca tem paixão pelo futebol. Tem o maior estádio do mundo e o Vasco da Gama dispõe de uma torcida decidida em todo o Brasil. Tudo isso se prova sobejamente e com tôda facilidade. Quanto à paixão pelo futebol, chegaremos a encontrar na origem do esporte entre os nossos índios, se formos aprofundar muito o assunto. Consta que os primeiros cientistas que viajaram para o interior do país encontraram os indígenas atirando uma bola uns para os outros. Jogando-a com os pés, com as mãos e também com a cabeça. Ninguém duvidará disso mesmo porque a peteca, que é genuìnamente nacional, também nos veio dos nossos bisavós de tanga.

O fato agora em foco é o regozijo popular em tôrno do campeão de futebol, conquista essa de fato devida às qualidades de técnica e de perseverança dos bravos jogadores vascainos. Depois de enfrentarem um campeonato cheio de surprêsas e de contratempos conseguirem a colocação com seis pontos na frente do segundo colocado, que por sinal foi o campeão do ano passado, realmente merece que os seus torcedores se sintam perfeitamente justificados na expansão que deram no formidável desfile alegórico em homenagem ao Clube de Regatas Vasco da Gama.

O Vasco da Gama é campeão de terra e mar. E se nós folhearmos a REVISTA DA SEMANA desde os primeiros dias de sua



O Botafogo, que é chamado o «Glorioso» também tem outros apelidos. Aqui aparece o Pato e ao seu lado vemos Carlitos... Rocha?

O «Almirante» de braços abertos e espada ao alto parece ir dizendo: — Aí vou eu, o campeão. Alguém duvida? Ao seu lado um jovem remador levanta por seu turno um remo que ao alto também estampa a célebre cruz de malta, símbolo do clube de São Januário.

fundação, que data do princípio dêste século, encontraremos várias vêzes o Vasco da Gama merecendo os aplausos do público e até mesmo a consagração como clube ímpar do nosso cenário esportivo. A massa, que aplaudiu seus «cracks» ao longo dos dois turnos, teve a oportunidade de ir à rua e manifestar com a alegria própria do povo sempre bem-humorado seu apoio ao campeão.

As alegorias foram em sua maioria satíricas. Cada clube vencido teve um boneco para encarná-lo. Cada qual tem o seu apelido, os bonecos sugeriam as circunstâncias das vitórias vascaínas. Tudo feito com graça e simpatia e sem cair, como seria fácil, no terreno da piada pesada.

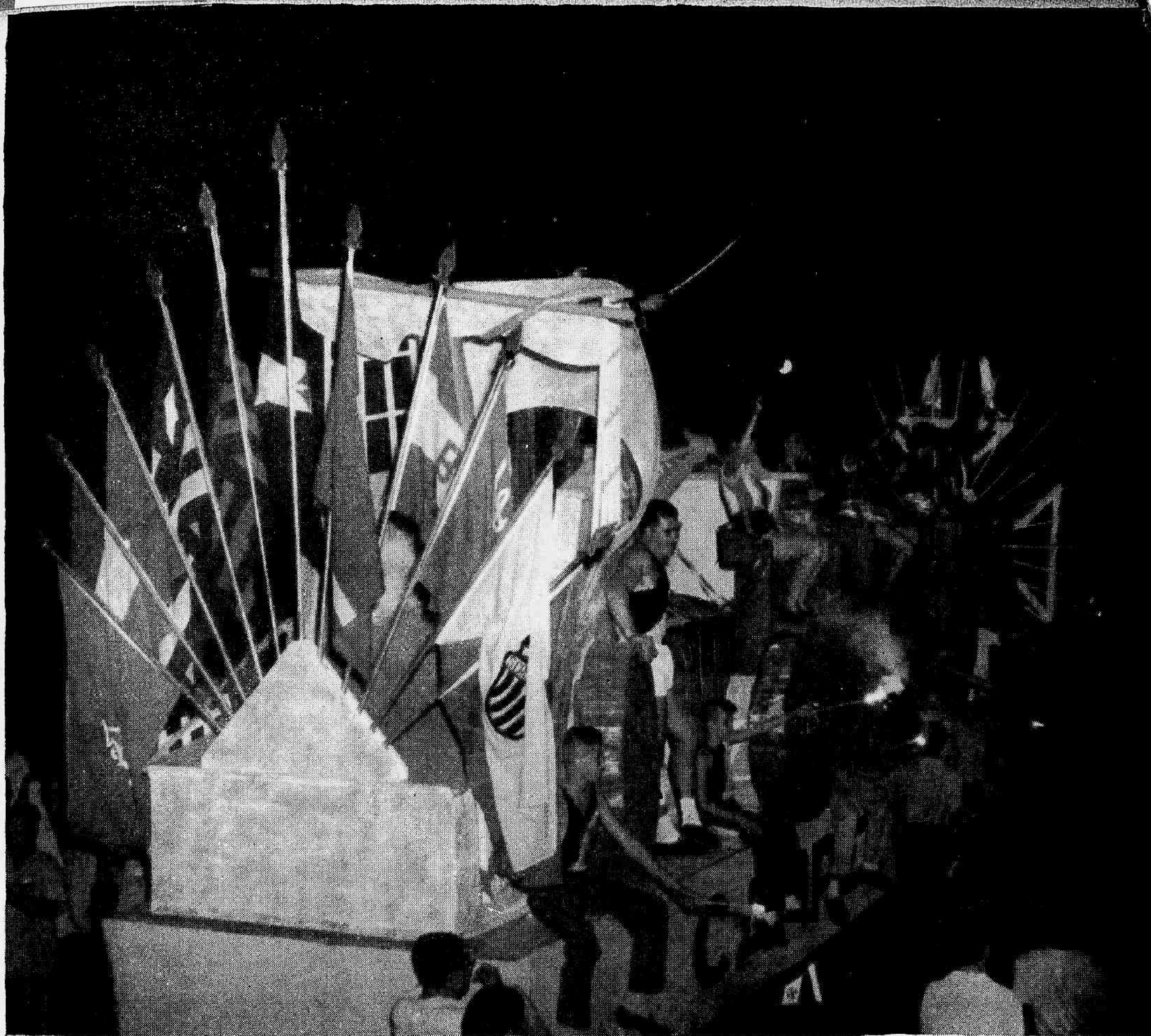
(Cont. na pág. 41)



O pessoal do Bangu também levou sua piada. «Agora, retalhos só Bangu». E os «cracks» suburbanos tiveram que aceitar a «sharge» sorrindo.



«Balança, balança e às vêzes cai», isso tocou ao Olaria, que teve sua representação numa olaria improvisada sôbre um caminhão que balançava.



Na parte posterior do carro-chefe do desfile, viam-se as bandeiras de todos os clubes que concorreram ao título. Os atletas envergavam suas camisas e prestaram também, esportivamente, sua homenagem ao Clube de Regatas Vasco da Gama, campeão carioca do ano de 1952.



O Popeye, ou melhor, o Flamengo viu-se satifizado e o seu famoso «rôlo compressor» virou um simples rôlo de comprimidos. O povo aplaudiu.



O Fluminense, que é conhecido na gíria esportiva como o pó-de-arroz, ou «cartola» encontrou seu boneco no desfile e com água de Laranjeiras.

A REVISTA há 50 anos

(8-2-903)

MADRIGAL

Enfim! Vejo-te de novo! Que bem me fizeste, flor, acudindo ao meu chamado ancioso.

. . . .

Se eu fosse rude como os montezinos, se eu, como elles, desse crença a tudo, certo não me verias mais comtigo.

Na montanha onde estive tanto tempo, longe do teu carinho, entre pastores, passava as horas tristes, meditando. Outra saudade não me perseguia senão a que me causas quando parto. Outro desejo não me atormentava senão o de te ver, minha formosa.

Trovas corriam junto a mim contentes; moços cantavam, moças respondiam. Desde a manhã nascente e buliçosa até que o sol morria — cantarolas!

Nada disso, porém, me consolava.

Saudades me feriam fundamente, desejos de te ver me perseguiam.

Digo, repito, minha flor querida: Se eu fosse rude como os montezinos, se eu, como elles, desse crença a tudo, certo não me verias mais comtigo.

Uma noite, ao luar, fui-me, de triste, sentar á beira da corrente clara. Puz-me a pensar em ti sem mais pensares. Pensando, eis que de manso, da corrente, como a mãe da agua de que fallam lendas, vulto de nevoa candido, formoso, ante meus olhos levantou-se. O vulto tinha as tuas feições no rosto branco — o seu porte era o teu, todo eras tu: o mesmo olhar bondoso, o mesmo riso, a mesma honestidade seductora.

Tive os olhos nelle, extasiado. Guardei de fazer qualquer bulicio para que a sombra não se evaporasse. Mas não podendo ter por mais, minha alma, fui a seus pés cahir humildemente.

Mas a visão de subito sumiu-se.

Contei o caso estranho ao pegureiro que commigo dormia na cabana.

O montezino, sem pensar ao menos, disse naturalmente: «Isso meu amo, é com certeza uma alma conhecida, que vem annunciar seu passamento para a morada do Senhor.»

E o bruto nem viu meus olhos que se enchiam d'agua.

Mas, minh'alma, minh'alma, que não mente, disse ao meu coração todo insoffrido:

«Deixa de choro, deixa de agonia. Essa por quem te lastimas, te finas, vive e, se a viste surgir d'agua tranquilla, é que a trouxe a Saudade invocadora.»

Foi o meu coração que te fez vir. Foi o meu coração que te creou, sombra que me assustaste e que eu bemdigo. Se eu fosse rude como os montezinos, se eu, como elles, desse crença a tudo, certo não me verias mais comtigo, porque, tomando a sombra por tua alma e imaginando que não mais vivias eu, na corrente de onde me surgiste, mergulharia para todo o sempre.

Emfim! Vejo-te de novo! que bem me fizeste, flor, acudindo ao meu chamado ancioso.

COELHO NETTO

★

1 — **Toilette** de verão, genero **tailleur**: panno assetinado «vermelho carnoubier» e branco. O vermelho é recortado sobre o branco de modo a formar uma especie de rectangulos. Figaro curto nas costas e ligeiramente alongado na frente, abotoado á esquerda com uma fila de botões esmalte vermelho e ouro. Saia á «tablier» enfeitada de losangos recortados como os do bolero.

2 — Costumes de verão para menino de 6 a 8 annos — Cheviotte branco, gola á marinheira enfeitada de azul. Calção direito e justo fechando com tres botões. Boina de palha branca.

3 — **Toilette** de verão. **Voile** creme enfeitado com renda Richelieu. Corpinho enfeitado a galão de ouro e aberto em ponta sobre um «plastron» de seda. Mangas largas terminadas em punhos bordados. Saia debruada por um cordão de seda e ouro.



Major Bruno Bourgard, photographado em Natal, R. G. do Norte.

CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

● **MORENINHA (Rio)**

SONHO: O sonho que lhe vou contar é velho de alguns lustros. Eu tinha, então, dez anos e estava no internato. Meu pai, com quem sempre fôra muito apegada, falecera há alguns meses. Sonhei que êle chegava à nossa casa, com um terno de linho branco, cuidadosamente vestido como nos seus melhores dias de saúde, sentando-se na varanda e dizendo à minha mãe: — Arrume a mala de F. (eu) porque vou levá-la para viajar. — Minha mãe perguntou para onde e êle respondeu: — Para muito longe. Será uma viagem demorada, por isso ponha tôda a roupa na mala. — Entrei no automóvel com papai e começamos a rodar por uma estrada interminável, através de uma paisagem imutável, da qual eu só notava um céu de poente, completamente rubro, que não mudava, nem esmaecia, por mais que avançássemos.

O sonho termina aí. Mas, poucos dias depois, ao descer para a missa obrigatória dos internatos, meu nariz começou a sangrar. Pedi a uma colega que fôsse avisar à freira e subi para o dormitório. Depois, não me lembro de nada. Só sei que ao me levantar, num dia que me parecia igual aos outros, correram a impedi-lo, dizendo-me que estivera muito mal: passara vinte e quatro horas totalmente inconsciente, imóvel na minha cama; se insistiam em falar-me, minha única reação era o pranto. E não conhecia ninguém. Na minha memória, há um hiato completo entre a hora em que subi para buscar o lenço e êsse despertar na manhã seguinte.

Há alguma relação entre o sonho e êsse fenômeno de ausência?

INTERPRETAÇÃO: Seu sonho, analisado pela Ciência oficial, nada tem a ver com o estado de inconsciência em que ficou. Porém, visto à luz da Ciência espiritualista — ocultismo, metafísica, kardecismo — traduz um perigoso estado de desdobramento do Eu, ocasionado por uma ordem que não soube, nem teve fôrças para desobedecer (a de seu pai que lhe mandara arrumar as malas). E' natural que depois destas viagens astrais, o indivíduo que as faz sem conhecimento e inconscientemente, fique desmemoriado (completo lapso de memória). Entretanto, como êsse sonho ocorreu há anos, como me diz, e não se repetiu o fenômeno, é possível que seu Ego houvesse comandado sua vontade, tomando conta de sua mente, tornando-a positiva e fortalecida, fazendo-a vencer as larvas espirituais que tentavam invadir seu campo emocional. Se me permite um conselho, estude um pouco e observe-se mais acuradamente.

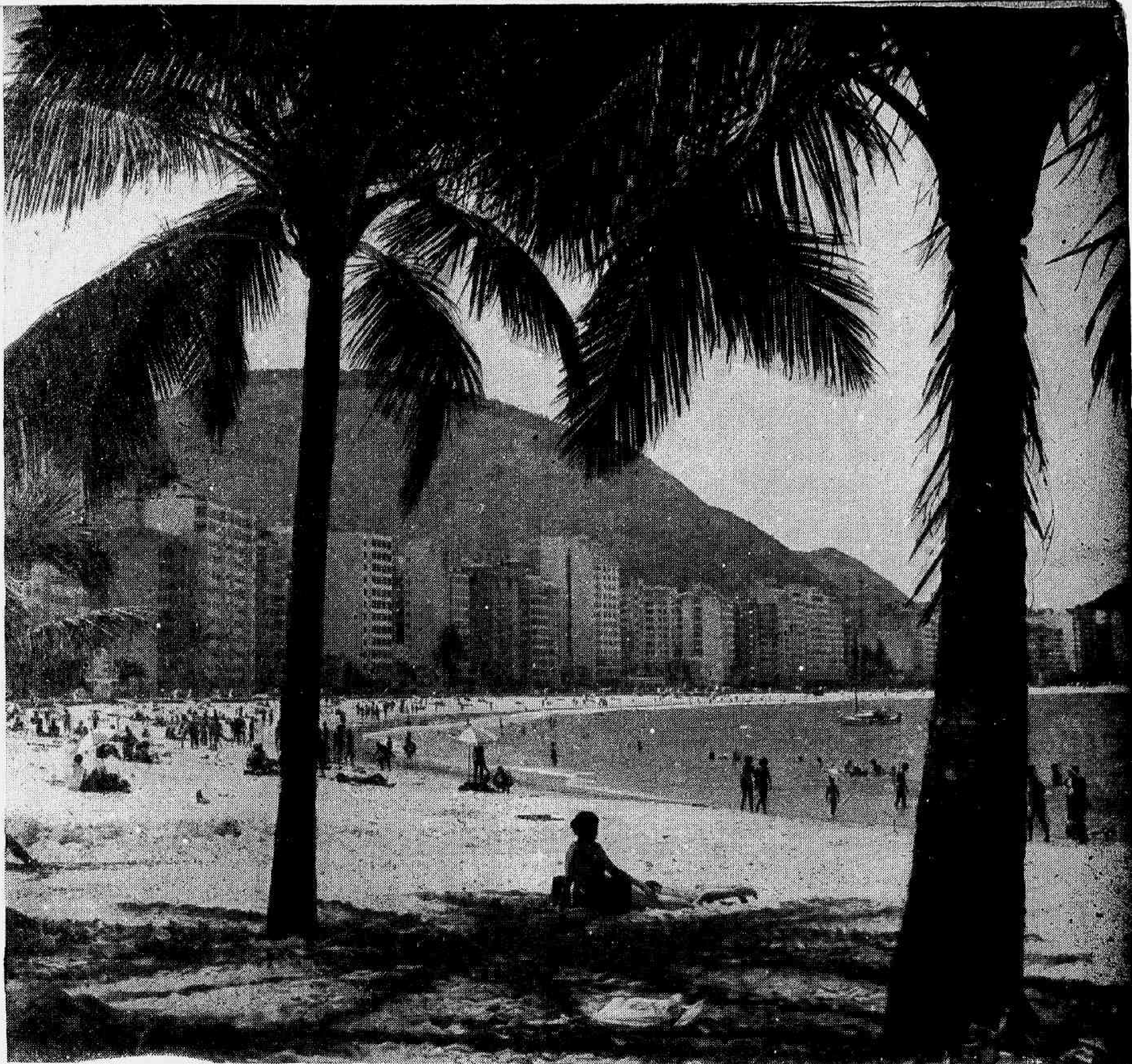
● **ZAMICA (Rio**

SONHO: Sonhava sempre que estava voando. Bastava desejá-lo e me elevava no espaço, sem o menor esfôrço. Uma vez, sonhei que, em pleno vôo, uma megera horrenda procurou interceptar-me o caminho, erguendo para mim suas garras de harpia. Acordei gritando e, desde então, (já faz um ano) nunca mais voei em sonhos.

INTERPRETAÇÃO: Tantas são as vêzes em que tenho escrito sôbre a questão, que receio tornar-me sediça voltando a tratar dos sonhos em que se tem a sensação de voar. Voar em sonhos, Zamica, significa uma tremenda insatisfação em matéria de amor. Num consultório de psicanálise, onde cliente e profissional se põem inteiramente à vontade, sem constrangimento de espécie alguma, seria fácil saber o que representa a megera de seu sonho. Ela diz tanta cousa!

● **GEDOVAR (Rio)** — Muito agradecida pela consideração que me dispensa. Sinto-me feliz em poder orientá-lo, como me pede. Nada tenho a dizer do seu modo de ser: cada qual, neste planêta, segue uma rota — metade traçada pelo Destino, metade pela orientação dada pela vontade bem desenvolvida no exercício do bem comum. Vejo em você um coração bem formado e uma natureza capaz de se transformar totalmente. Sem que você quisesse ou tivesse intenção, confirmou **in totum** a interpretação que fiz ao seu sonho. Com os estudos preparatórios que possui, poderá ser um «Ás» em sua carreira. Comece a ler um livro muito simples — «Alegria e Triunfo» — de Lourenço Prado e em seguida, leia «Nossas Fôrças Mentais», de Prentice Mulford. Depois, volte querendo. Sempre ao seu dispor.

● **DIX (Caxias do Sul)** — Agradeço os votos de Boas-Festas e os retribuo. Estou contente e feliz por ver que a interpretação que dei a seu sonho coincide com a sua. Aguardo seus novos sonhos. Resposta à sua pergunta: Não tenho restrições nem limitações de espécie alguma. Tudo para mim está certo certíssimo e tudo é bom.

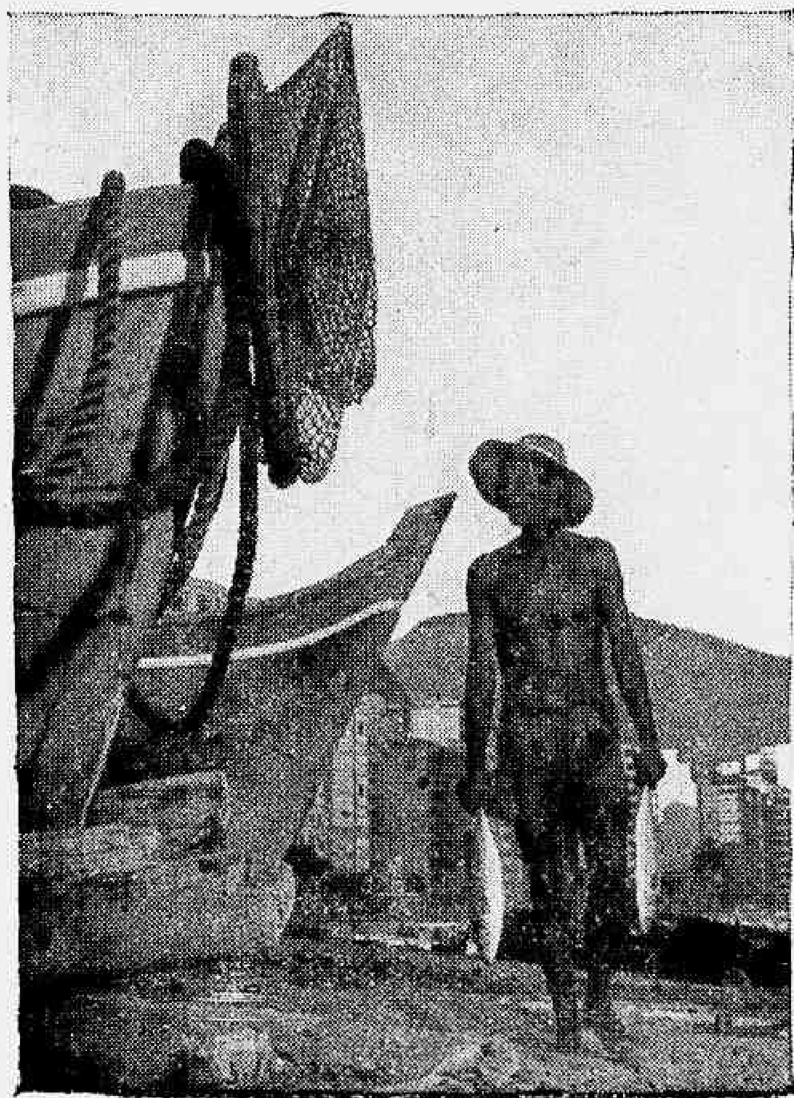


Copacabana, a mais linda praia do mundo, inspiração de nossos grandes pintores. E', também, a praia dos contrastes chocantes.

QUANDO É DOCE MORRER NO MAR...

CENTO E CINQÜENTA PESCADORES, EM COPACABANA, EMBELEZAM O MUNDO ★ "Z-6", FONTE DE INSPIRAÇÃO DE GRANDES PINTORES ★ JANGADEIROS DO NORDESTE ★ "BOLINHA", O CÃO DOS CANOEIROS

Reportagem de EDMAR MOREL **Fotos de ADIR VIEIRA**





Um quadro de J. Carvalho? Apenas uma cena comum na Colônia Z-6. Um pescador lava enchova, enquanto, à sombra das amendoeiras, descansam as canoas motorizadas.

Do Oiapoque ao Xuí, perdidos nas praias sem fim do Brasil, mais de 300.000 brasileiros vivem da pesca. Na longínqua Amazônia, ei-los afrontando os rios, nas suas frágeis pirogas. No Nordeste, são os jangadeiros audazes de Mucuripe, de Cabedelo, de Olinda, com a mais primitiva das embarcações: seis paus de piúba impulsionados por uma vela tostada pelo sol, sistema também usado pelos polinésios na conquista do Pacífico. Foi por isto, certamente, que Martins D'Alvarez escreveu:

«Jangadeiro cearense, adonde vais todo o dia?
Por êsses mares bravios,
Onde o perigo se esconde,
Onde o infortúnio se açoita,
Onde a desgraça te espreita,
O que procuras é a vida,
Ou a morte estás a buscar?»

Uma das principais causas da miséria do jangadeiro é, sem dúvida, a obrigação de dar ao proprietário da embarcação a metade do pescado. A outra é dividida entre os quatro



O barco saiu de madrugada e regressou ao anoitecer trazendo, no seu bôjo, centenas de quilos de pescado. A pescaria é sempre dividida em 3 partes.

homens de tripulação, geralmente, casados e cheios de filhos.

Daí o angustiante grito de S.O.S. lançado pelo «Mestre Jerônimo» e seus companheiros de epopéia nas jangadas «São Pedro» e «Nossa Senhora da Assunção».

Fizeram festas bonitas e promessas miraculosas. Os intrépidos homens do mar voltaram às choupanas da lendária praia de Iracema e tudo continuou no mesmo: miséria, impaludismo e analfabetismo.

PESCADORES DE COPACABANA

Copacabana não é, apenas, a praia das «boites», dos hoteis luxuosos. No Pôsto 6, no mesmo pedaço de praia palmilhado pelos 18 do Forte, 150 homens fundaram a Colônia de Pescadores Z-6.

À sombra de amendoeiras repousam as canoas. Os barcos são compridos, estreitos e quase todos têm um nome de mulher: «Maria Stella», «Marina», «Dolores», «Angélica» e os clássicos «Fé em Deus», «São Pedro», «Deus te guie», «Vendaval» também são vistos no fim de Copacabana, onde pintores brasileiros e estrangeiros buscam motivos para as suas telas. O genial Pancetti, Heitor Pinho, J. Carvalho, Gastão Formenti, Levino Fanzeres com a sua «Colméia de Pintores do Brasil», já levaram tôda a beleza do Z-6 para os mais longínquos recantos do mundo, através dos seus pincéis. Uma das telas figura no salão de honra do transatlântico francês «Normandie», outra na «Maison de L'Amerique Latine», em Paris.

Na Z-6 não existe a ignóbil exploração do homem pelo homem! A canoa ruma ao mar com dois pescadores, três litros de gasolina e o sistema de pesca preferido é o do arrastão, sem dúvida, o mais trabalhoso, porém, o mais rendoso.

O barco deixa cair a rêde a 500 metros de distância. A pescaria é dividida em três partes, depois de retirada a despesa: uma para o dono do barco e as outras para os dois pescadores. Nem todos gostam da rêde. Uns preferem a linha, enquanto outros o curricó, anzol prêso a uma pequena haste metálica, a qual, puxada pela canoa, em velocidade, numa média de 7 milhas por hora, dá a impressão de uma sardinha em fuga. E' a melhor isca para a enchova.



Na Colônia de Pesca Z-6 os pesos de um quilo pesam realmente um quilo e o peixe não passa pelo frigorífico. Sai do mar diretamente para o fundo da panela do freguês.

A Colônia Z-6 é especialista em enchova, badejo, garopa e cavala, considerados de primeira classe fora da tabela...

COMUNIDADE

Os pescadores, geralmente, são os próprios banhistas do Pôsto de Salva-Vidas. Pescam nas horas de folga. Cada canoa tem um pequeno quiosque com dois compartimentos. Num são guardados os apetrechos, inclusive a gasolina, enquanto o outro serve de depósito de gêlo.

Na Colônia predomina o elemento nacional. Isto não quer dizer que dois ou mais estrangeiros não estejam interessados em açambarcar o produto por quantia ínfima, para vendê-lo por alto preço aos cavalheiros e damas que descem dos «rabos-de-peixe» na Avenida Atlântica.

A Z-6 é a nota pitoresca oferecida ao turista no seu primeiro contato com Copacabana, principalmente entre os Postos 5 e 6. Os 150 pescadores formam uma comunidade das mais interessantes e quase todos são eleitores, coisa de bom grado para os candidatos à Câmara Municipal.

O general Mendes de Morais quando Prefeito resolveu destruir a Colônia. Diàriamente, turmas da Polícia Municipal tentavam quebrar as barracas e as canoas. Mas a Z-6 sempre venceu as iras dos poderosos.

A Z-6 que tem uma produção diária de uma tonelada de pescado, é uma das raras co-



A madame deixou o carro na Av. Atlântica e foi comprar o seu peixinho. A maior freguesia da Colônia Z-6 é constituída por senhoras da zona sul.



O peixe do Mercado é bom mas o da Z-6 é melhor... O casal adquiriu 5 k de badejo, pescado horas antes. São estrangeiros e moram na Tijuca.

lônias de pescadores do Brasil, que pela sua estranha localização, não tem uma escola e um pôsto de assistência médica. Tôdas as atividades são realizadas numa área com menos de 50 metros quadrados, onde consertam as rêdes, limpam o peixe, pintam os barcos e jogam cartas.

Os principais dirigentes da Colônia são conhecidos por apelidos: o mestre «Paulino», por exemplo, por ser alto e gordo, é o «Poita». Poita é a pedra que, arremessada ao mar, imobiliza o barco. O outro é «Ferro Velho». O «Fubá» não tem patrão Ganha gorjeta para escamar e limpar o pescado. Lá estão o «Cabeleira», o «Patacho», «Tubarão», «Engole Cobra», «Piaba», «Embira». A figura mais popular é, todavia, o «Bolinha», cão prêto que nunca deixou de acompanhar o seu dono às pescarias, algumas em alto-mar.

CONTRASTE

O que existe com fartura nas praias do nordeste — a miséria — falta na de Copacabana, a começar pela divisão do pescado. Enquanto os jangadeiros estão no mesmo estado deplorável de 100 anos atrás, com a malária e a tuberculose rondando as suas tôscas palhoças, os pescadores de Copacabana, com barcos motorizados e unidos numa comunidade «sui-generis», vivem felizes e tranqüilos, num dos mais belos recantos do mundo.

Na Z-6, Dorival Caimi poderá cantar: «E' doce morrer no mar...»

Acontece que, em Copacabana, o saveiro nunca volta só.



Quando as enchovas já foram vendidas e as canoas limpas, os pescadores da Colônia de Pesca Z-6 jogam cartas. Em Copacabana joga-se tanto nos apartamentos como na praia...

ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

CRIAÇÃO DE DARCY

EDIÇÃO ESPECIAL
SÓ PARA CASADOS











Ela faz parte da paisagem humana. Vende carícia a Cr$ 1.000,00. Pioneiro precisa de carinho. E lá tudo é muito mais caro.

O NOVO ELDORADO VERDE

O COMPLEXO DO PRACINHA ★ DOIS ADVOGADOS SONHADORES ★ OS PRIMEIROS JORNALISTAS DE MARINGÁ ★ PASSEIO PELOS CAMPOS ★ O PREÇO DE UMA CURVA ★ "FLASHES" E NOTAS

II Reportagem

VINICIUS LIMA

THEOBALDO Ribeiro e Maupyr do Amaral eram jovens estudantes em Curitiba; noivos de moças conhecidas entre si e tornaram-se, por isso, bons amigos. No dia da formatura (dezembro de 1951) resolveram correr mundo, ganhar dinheiro e voltar para os casamentos.

Tocaram para Maringá. E hoje são donos de automóveis e já falam em milhões. Theobaldo tem 28 anos, Maupyr, 26. Inteligentes e estudiosos, deixam para trás muitos rábulas experimentados. São atualmente os mais temidos causídicos de Maringá, respeitados pelos velhos colegas, donos de clientelas privilegiadas que só o tempo proporciona.

★

O pracinha perdeu o braço esquerdo na tomada de Monte Castelo. Servia no 1º Escalão do 6º Regimento de Infantaria. Tomou parte em tôdas as batalhas; tem duas medalhas e um desgôsto enorme de ter servido com o general Zenóbio da Costa, ao qual acusa: «Êle foi o causador da morte de centenas de brasileiros, mandou avançar contra os ninhos de metralhadoras alemãs dispostos nas colinas, em terreno descoberto. O Marechal Mascarenhas, não! Êste é um homem ponderado.»

Manuel de Souza serviu junto ao 5º Exército, na companhia do Capitão Gonzalez. Voltou pobre e decepcionado, mas já está recuperando o antigo espírito com o dinheiro ganho em Maringá.

★

Tem 17 anos apenas. E' bela e inteligente. Seu nome: Araci, Maria, Joana, Francisca ou qualquer coisa; depende do homem ou do momento. Com muita dificuldade e «whisky» consegui saber que é filha do Rio Grande do Sul. Nasceu em Santa Maria, Rio Grande, Pelotas... Que importa onde? Vegeta.



Êste garôto é um símbolo: — seu brinquedo é o mesmo de gente grande, no duro...

Acha que está ganhando (ou acabando com...) a vida para procurar depois o seu amor. Sorri para os homens, bebe e fuma vendendo carícias.

★

Dando um toque de poesia à paisagem, lá está Margot. Veio de Paris e chama a certo parasita de «borboleta do amor». Lê Oscar Wilde, fala em existencialismo e afirma ter feito parte da Resistência Francesa nas fileiras do General De Gaulle. E' bonita. Nasceu aventureira e, sendo francesa e aventureira, faz escola em Maringá, ensinando regras do existencialismo às brasileiras e uruguaias. Atira os cabelos dengosamente para os lados e faz lembrar Juliette Grecco. E' uma rameira, uma rameira francesa que veio trazer sua contribuição para as terras fabulosamente ricas de Maringá. Isto quando morrer, porque então será adubo...

Mas não foi só Margot que emigrou para aquelas bandas. Margareth, a inglêsa, também veio. Uruguaias, argentinas e até polacas com aquelas arrôbas de inxúndia no fim da espinha dorsal, reproduzem a história da borracha em minha terra, quando Manaus e Belém importavam tipos devidamente faturados, fazendo parte dos «conhecimentos» das mercadorias. Eram encomendas dos seringueiros.

★

Almiro Prompto e Ives Lagoano Pacheco são dois gaúchos fortes, altos e simpáticos. Chapéus desabados, a gente chega a pensar que vão amansar potro selvagem. São jornalistas. Fundaram uma porção de jornais em tôda a região, primeiramente semanais. Agora, alguns já são diários. E, a partir do dia 1º de janeiro de 1953, todo o Norte do Paraná terá a imprensa diária.

Visitei oficinas e redações, constatando os dois anos de progresso. Num canto, abandonada, a impressora «Minerva». Em atividade, um prelo «Marinoni» e numa sala nova os alicerces para linotipos e prelos que estão sendo esperados.

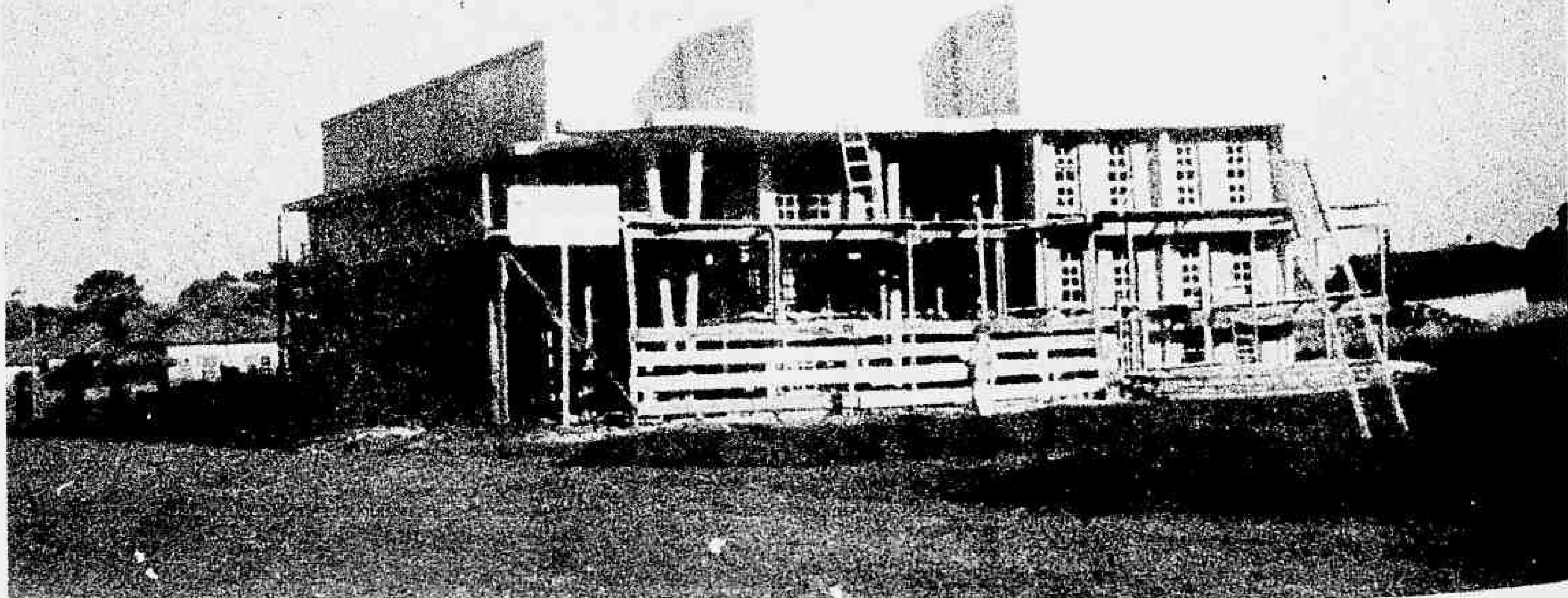
São estas as pessoas que chegaram depois de Oduvaldo Neto e de José Maringá. Distinguem-se apenas pela riqueza, pobreza ou pelos hábitos. Lutam pelo progresso do Norte do Paraná, o recanto do Brasil que está prestes a tirar de São Paulo o privilégio de maior exportador de café do mundo e o dono das divisas brasileiras. São Paulo, êste ano, produzirá 7 milhões de sacos de café. O Paraná, 5 milhões. Mas espera superar São Paulo dentro de três anos. E é bem possível porque os paulistas já produziram 15 milhões de sacos; suas terras estão exaustas, enquanto que o Norte do Paraná ainda não fêz a primeira colheita na maioria de suas terras cultivadas.

Outras pessoas estão chegando. Nobres italianos, a espanholita formosa que não se adapta aos costumes da terra poeirenta ou lamacenta.

★

Um amigo convidou-me para fazer uma visita aos campos cultivados. Na direção do carro, o filho

Oduvaldo Neto acaricia a terra e as plantas que vão nascendo. Andou pela Ilha de Santa Helena, foi marinheiro de sete mares e agora: — só Norte do Paraná.



A sede da estação radioemissora da cidade de Maringá. Construção em bom estilo funcional.

de 5 anos. E o garôto inteligente ia guiando com relativa segurança, até o momento em que cometeu um êrro e o pai lhe arrebatou das mãos o volante.

Entramos na mata. Palmito branco e até vegetais de minha terra — Açaí. Peroba, também. As plantas germinando mergulhavam da terra cheias de viço.

★

E o amigo me conta histórias deliciosas de gente ignorante e outras de espertalhões:

«O sujeito, cujo nome não sei, arranjou um teodolito. Plantava-se em frente à casa de um fazendeiro com um auxiliar. Olhava através da lente e fingia estar demarcando o terreno. O tempo passava e o fazendeiro ia ficando intrigado. Quando o homem do teodolito fincava estacas na direção de sua casa, lá ia o «coronel» perguntar o que era aquilo:

— Uma estrada de fêrro vai passar por aqui.

— Mas logo por cima de minha casa?...

— E', estou tirando uma reta...

— Mas não se dá um jeito nisso?...

— Quem sabe? Veja o senhor. Para fazer a curva teremos que gastar trilhos, e a Cia. não pode arcar com as despesas das curvas.

— Quanto custa uma curva?...

— Cinqüenta mil cruzeiros...

E a estrada de ferro imaginária desviava seu caminho.»

Outro caso pitoresco:

«Certo português residente em Maringá tinha um lote de terra, ou melhor, 8 alqueires. Numa «data» (data é um terreno para construção) ergueu sua casa, de onde saía atravessando os terrenos alheios. As estradas do Norte do Paraná e até o calçamento das ruas são de iniciativa particular. O povo se reúne, faz coletas e realiza. Ou então a emprêsa loteadora assume a responsabilidade, já tendo construído mais de 1.000 quilômetros de péssimas rodovias. Resolvemos construir uma estrada que deveria atravessar as terras do português. Êle disse que não precisava de estradas; por isso tivemos que parar o trabalho, desvalorizando os terrenos. Ofereci-lhe 600.000 cruzeiros pelas terras, mas o homem queria um milhão. Aí os donos das terras vizinhas cercaram seus terrenos. Quando, certa manhã, o português acordou, verificou estar impossibilitado de sair de casa. Agora quer vender as terras por 200.000 cruzeiros.»

Oduvaldo aponta a devastação das matas. Esta, porém, se dá em razão dos freqüentes incêndios nas florestas. Temos um «Código Florestal», que é o melhor do Mundo. Mas vale nas matas da Tijuca apenas. Como cumpri-lo se não temos guardas nem nada? Precisamos de uma lei para fazer cumprir as já existentes, isto, sim! Mandemos Padilha para lá: êle que gosta de apagar fogo de namorados.

«Dos contratos de compra da companhia pioneira, faz parte uma cláusula pela qual fica o comprador obrigado a poupar 10 por cento das matas. Mas ninguém cumpre o prometido, exceto a própria Cia. que procede corretamente nos terrenos que cultiva.»

«Nem Londrina, que é o maior centro, possui corpo de bombeiros. Como vê, não temos quem apague fogo nem nas cidades nem nas florestas. O Govêrno só entra aqui para cobrar impostos. Nossas estradas são horríveis. Podemos abastecer todo o Brasil. Eu me comprometo a fornecer a baixo custo todos os cereais que o carioca possa consumir. Para tanto quero apenas estradas, estradas meu amigo!...

E fiz uma tentativa, escute só: Mandei um caminhão a S. Paulo com milho: 31 dias na viagem e o caminhão chegou inutilizado, sendo vendido lá mesmo como ferro velho. Imagine que um saco de milho de 60 quilos custa aqui 60 cruzeiros, mas despendemos em transporte dêsses 60 quilos para São Paulo Cr$ 130,00.»

★

No Bar Central: O «Coronel» estava fulo de raiva: «Fui enganado por uma loja de S. Paulo. Isto é um desafôro! Me venderam uma tal de televisão. Me disseram que a gente via tudo na bicha. Afirmaram que o troço era cinema. Liguei a geringonça e só ouvi barulho. Figura que é bom! Nada!... Vinte e cinco contos, pessoal! Vinte e cinco!»



Os garotos da rua em Maringá, a nova e já próspera cidade do Norte do Estado do Paraná, também sabem ganhar dinheiro: — jornaleiro ali também paga com cheque.





À esquerda: — Souza, mutilado no teatro de operações da Itália, recuperou-se na fertilidade da terra generosa. À direita: — Os jornalistas Ives Lagoano Pacheco e seu colega Almiro Prompto foram os primeiros a imprimir no Norte do Paraná um jornal. Entrarão para a História.

Seus amigos, após boas gargalhadas, explicaram ao Serafim que êle tinha sido tapeado. Que a televisão só no Rio de Janeiro e S. Paulo pode ser usada por razões de ordem técnica. Alguém sugeriu que a estação de rádio local, que está construindo belo edifício próprio, enquanto a maioria das suas congêneres do Rio não possuem nem auditório, montasse televisão. O coronel achou a idéia excelente e prontificou-se a financiar a coisa. O que êle quer é ver e ouvir em seu aparelho o Mundo todo. Embora lhe tentassem explicar, não foi possível dissuadi-lo de querer ver e ouvir o mundo todo à hora que desejasse. Crê que a T.V. é uma tapeação ordinária. Prometeu ainda desmontar seu aparelho e mostrar u'a máquina de cinema **que deve haver lá dentro**. Na certa — diz êle — o fabricante é **adivinhador**. Sabe o que vai acontecer. Bota as coisas num filme e... pronto!...

★

Maringá quase não tem vida social. Ao repórter foi oferecido um jantar, ao qual compareceram dois candidatos a prefeito, um dos quais se tornou, pelas excelentes qualidades que possui, amigo do jornalista. O dr. Raul fêz um discurso e os ânimos se exaltaram. Havia políticos de todos os matizes. Mostrando minha sinceridade ou falta de educação, falei mal de Getúlio, de Adhemar e de todos. Houve confusão que culminou em abraços. O banquete acabou num alegre passeio profissional. Não acreditava no que me diziam. E o dr. Raul, como bom médico, atestou que, das 520 mulheres examinadas pela saúde pública local, apenas uma se achava contaminada.



Os dois advogados, máquina de escrever e «Código Civil», o comêço da legalidade.

A maioria dos meus acompanhantes ia a primeira vez aos bordéis, sòmente para serem agradáveis ao jornalista que desejava, como parte de seu trabalho, constatar o que se propalava. E era verdade: uma cerveja, Cr$ 30,00; um guaraná-caçula, idem; uma dose de vermute Cinzano, cujo litro custa Cr$ 24,00, por Cr$ 80,00.

A COFAP só agiu bem ao fazer concorrência aos preços de pneus vendidos na Região. Enquanto isso os ex-pracinhas atacavam o diário local a mão armada, tentando depredá-lo. Assaltaram a delegacia de polícia e espalharam o terror em tôda a Cidade. Cento e cinqüenta homens que pareciam atacados de neurose de guerra. Foram passados telegramas ao Presidente da República. Enquanto isso, Cabello continua recebendo seu salário.

No Norte do Paraná, a mulher, apesar da fartura, é artigo puramente comercial. Exceto as respeitáveis senhoras que para lá imigraram, ao lado dos maridos e filhos. O resto é rebutalho. Visionárias, às vêzes de boa educação.

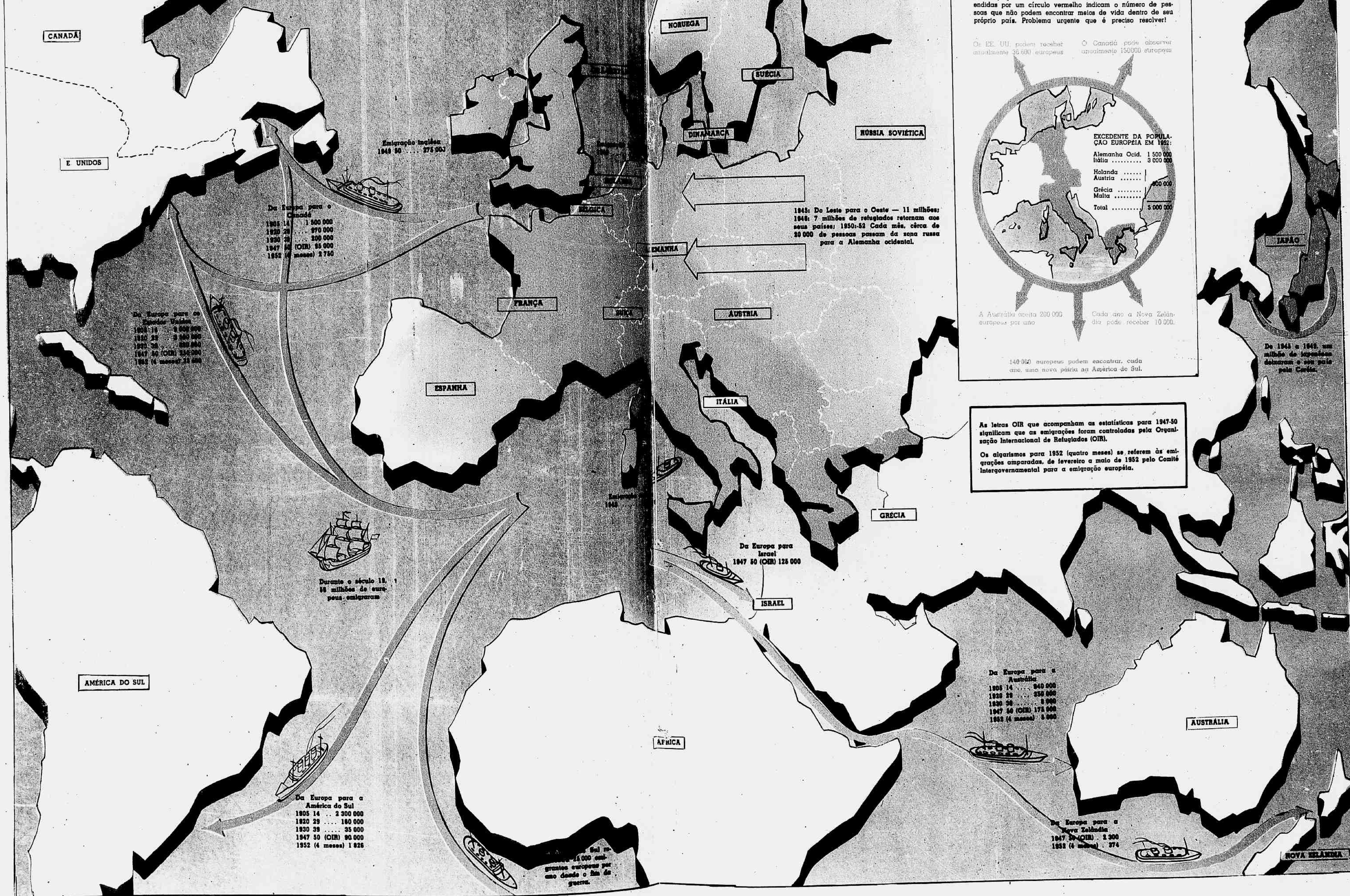
Terminada a visita, voltei juntamente com os amigos para o centro da cidade. Pelo menos uma coisa de bom eu tinha visto: saúde. Saúde atestada por um homem de bem e médico excelente. Tão bom que, nas tumultuosas eleições de Maringá, jamais foi insultado!



CARNAVAL DOS BROTINHOS

Os brotinhos também têm sua vez Eis aqui uma série de fantasias originais: Uma linda bailarina inteiriça. Uma «Fadinha» com o seu condão mágico. Uma linda «Taitiana», com colares de flores no pescoço e no cabelo. Uma «Modêlo» de calças curtas, bem fresquinho para o verão carioca. Veja outros modelos que apresentamos na página 30.

AS GRANDES MIGRAÇÕES DO SÉCULO XX



CARNAVAL DOS BROTINHOS



Semana LITERÁRIA

EDMUNDO LYS

UM AUTOR:

MÁRIO DONATO



Entre os novos romancistas brasileiros, destaca-se pelo brilhante êxito de seus dois livros o escritor Mário Donato. O rápido triunfo do escritor, mais do que o escândalo provocado por seus livros de cru realismo, ergueu contra êle uma oposição tão feroz como inútil, tanto é certo que há um motivo que se torna um autor imperdoável, nos corredores da contraria literária: o êxito.

Mário Donato está pagando, com uma conspiração de silêncio, em tôrno de seu nome e de sua obra, o crime de ter escrito um livro como «Presença de Anita» que se esgotou em poucos dias e que foi imediatamente filmado, tanto como o de ter vendido, em dois meses, um total de vinte mil exemplares do seu romance, «Galatéia e o Fantasma»... Nada deve confortar tanto o romancista como essa indisfarçável campanha de inveja. A verdade, entretanto, está com seus leitores que não apenas esgotaram sua primeira obra, como lhe continuaram fiéis, quando apareceu a segunda. E' que Mário Donato escreveu dois romances citadinos dos mais interessantes, quer como ficção, quer como observação do meio e da época. E escreveu-os bem, o que também não é tão comum, hoje em dia.

E' possível pessoalmente discutir os livros do romancista de São Paulo, notar-lhes as deficiências técnicas e os efeitos rebuscados na fabulação, visando por certo ao escandaloso. Mas, não é possível negar o merecimento de um autor que aparece triunfante, aliciando numerosos leitores, criando personagens vivos, dando, com extraordinário poder descritivo, o meio em que decorrem seus dramas, marcando suas histórias com penetração de psicólogo e agudo espírito de observador, além disso escrevendo bem, com um estilo fácil e atraente. Sem dúvida, Mário Donato é um dos valores novos da ficção brasileira, tendo acrescentado um capítulo à história de nosso romance.

FORA DO PRELO

(FRADIQUE)

O Natal, como acontece sempre, deu oportunidade a uma avalanche de literatura de circunstância. O «Sonêto de Natal», do velho Machado, entre velhos e novos, ainda é o que há de melhor.

★

A «Revista do Globo» comunica que o livro mais vendido na livraria do Globo, em Pôrto Alegre, é «Casos do Romualdo», contos gauchescos de Simões Lopes Neto. Observamos que tanto os escritores como os críticos e os editôres — agora os leitores — estão se interessando pelo conto, gênero sempre enjeitado entre nós. Já tivemos a fase do romance, depois a da poesia, depois novamente a do romance: agora é a vez, a primeira vez, do conto. Ainda a mesma revista informa que também o livro estrangeiro mais vendido é o de contos, de Maugham, «A Indomável». E' bom que se estude o fenômeno: a própria Academia está cortejando um escritor de contos: Guimarães Rosa, autor de «Sagarana».

★

Amontoam-se aqui na mesa muitos volumes, recente e remotamente aparecidos. Chama-nos a atenção a segunda edição, melhorada, de «Pensamentos Dispersos», de Ieda Graci. Edição Pongetti. Aliás, é curioso observar que a marca da editôra saiu assim: «Irmãos Pongetti, Editeurs». «Editeurs», por que? Quanto aos «Pensamentos», depois de Pascal e do Maricá, interessante mesmo, em matéria de pensadores, é o de Rodin: não escreve o que pensa, fica apenas pensando muito, como o papagaio do inglês, outro que não falava.

★

O rádio vai intelectualizar-se. Marques Rebelo, na direção da Rádio Clube, mandou novelizar a obra de Balzac. Faz-nos lembrar aquêle famoso cantor de rádio que um dia pediu aos companheiros:

— Vocês precisam me apresentar a essa tal de mulher do Balzac... Todos falam tanto nela que preciso conhecer a bicha... Que diabo, sejam amigos!

CENTENÁRIO

Na imprensa e fora dela, como no Centro Mineiro, desta capital, foi comemorada a passagem do primeiro centenário de nascimento do escritor e jornalista Estevam de Oliveira.

Estevam José Cardoso de Oliveira, de origem modesta, filho de pais paupérrimos, nasceu a 28 de janeiro de 1853, na antiga freguesia de São José do Turvo, então pertencente ao município fluminense de Piraí. Aos 12 anos perdeu os pais, passando a residir em Cataguazes, Minas. Analfabeto aos 21 anos, trabalhando na roça, como simples lavrador, procurou um professor elementar e com êle completou o curso primário, tendo que fazer a pé, diàriamente, para freqüentar a escola, um percurso de doze quilômetros. Em seguida, fêz-se mestre-escola, lecionando pelas fazendas do interior mineiro. Aos 24 anos consegue internar-se em um colégio, fazendo o curso secundário, pagando seus estudos com as lições que dava no curso primário. Obtém, por concurso, uma cadeira de instrução primária, indo lecionar em Campo-Limpo, em Minas. Nessa localidade, em 1885, inicia a carreira jornalística, fundando «O Povo», jornal que escreve, compõe e imprime, sòzinho. Começa a campanha abolicionista, em que Estevam se destaca como dos mais árdegos batalhadores. Depois, é a campanha republicana de que se faz um líder. Transfere-se para Juiz de Fora, que será pelo resto da vida o cenário de suas lutas. Em 1894 funda o «Correio de Minas», talvez o jornal de mais belas tradições da imprensa montanhesa e que dirige até 1914, quando o entrega aos seus filhos, Itagiba e Inimá de Oliveira, continuadores da obra paterna, estimulados pela bravura dêsse velho paladino ilustre e incansável que, analfabeto aos 21 anos, deixou uma obra ilustre e foi tradutor de latim, dos mais sábios que contam as nossas letras. Durante 40 anos Estevam de Oliveira foi um dos mais formidáveis e temidos combatentes da imprensa brasileira, tendo colaborado em «O País» e na «A Imprensa», de Alcindo Guanabara.

UM LIVRO:

ROSA DE SARON

Nilo Aparecida Pinto é um dos valores mais significativos da nova poesia mineira. Desde quando, em 1940, seu aparecimento foi saudado como o de um lírico que se estreava já armado cavaleiro, para os jogos florais, vem confirmando os prognósticos otimistas da crítica que vira nêle um trovador espontâneo, seguro de técnica e rico de inspiração, embora se conservando à margem das correntes modernas, preferindo cantar segundo as velhas normas que sempre provaram bem, tudo dependendo da fôrça do poeta e da riqueza de seu estro.

Seu novo livro, depois de alguns outros que consolidaram o nome do lírico montanhês, «Rosa de Saron» (Edições Mantiqueira) já se apresenta como obra de poeta com personalidade definida, marcando nêle, ao mesmo tempo que o neo-místico que já se previa em livros anteriores, um versejador seguro de todos os segredos da arte poética, capaz de lavorar alguns dos mais belos sonetos atuais, tanto do aspecto técnico, como pelos temas. Com o «parti-pris» do decassílabo, em que atinge uma larga capacidade de expressão e que lapida com admirável maestria, Nilo Aparecida nos dá, neste livro, alguns dos mais belos poemas desta década. Além dos sonetos que enfeixa neste volume, há também algumas canções, de um lirismo tocante, igualmente trabalhadas ao gôsto da melhor ourivesaria tradicional. Isso, entretanto, não quer dizer que, pelo fato de metrificar muito bem, senhor dos segredos do emistíquio e do «enjambement», Nilo Aparecida nos dê uma poesia acadêmica, fria, de vaga emoção, de suspeita sinceridade: pelo contrário, sua musa comove sempre, possui a eloqüência íntima, fôrça e beleza, sentimento verdadeiro, tornando êste lírico um poeta que fala, em sua arte pura, livre de resíduos, ao coração e à sensibilidade do leitor.

«Rosa de Saron» é um livro de autêntica poesia — de beleza e de emoção.

★

Muito brevemente Reynaldo Bairão lançará, pelas Edições Hipocampo, o poema «A Canção do Diabo Finlandês», com ilustrações de Darcy Penteado. A diferença entre o «Poema Soturno de Minas Gerais» e «A Canção do Diabo Finlandês» será justamente de um ano, no que se refere à publicação.

★

O poeta Vicente Augustus Carnicelli, que já tem colaborado nesta página literária, formou-se em Ciências Políticas e Sociais. O jovem poeta será homenageado por um grupo de amigos e admiradores em data e local a serem anunciados brevemente. Dentro de alguns meses, Vicente Augustus Carnicelli publicará o seu anunciado livro de poemas que, aliás, recebeu o título enxuto de «Hora Consumada».



Doutôra Auri Moura Costa, Juiz da Comarca de Canindé, no Estado do Ceará, a primeira do Brasil. Não vê no cumprimento do dever jurídico incompatibilidade alguma de sexo.

NO CEARA'

A PRIMEIRA MULHER JUIZ DO BRASIL

DRA. AURI MOURA COSTA, FORMADA EM RECIFE, E' JUIZ DO CRIME, DO CIVEL, DO TRABALHO, DO COMÉRCIO, ELEITORAL E DE EXECUÇÃO ★ SUA CORRESPONDÊNCIA INTERNACIONAL PARTE DE CANINDÉ PARA PARIS, PARA A ITÁLIA, PARA O MÉXICO, E MUITOS DOS GRANDES CRIMINALISTAS OUVEM SUAS OPINIÕES ABALIZADAS ★ PROFESSA A RELIGIÃO CATÓLICA E E' ANTIFEMINISTA.

Texto de NAPOLEÃO AGUSTIN LOPES **Fotos de PEDRO BRASIL**

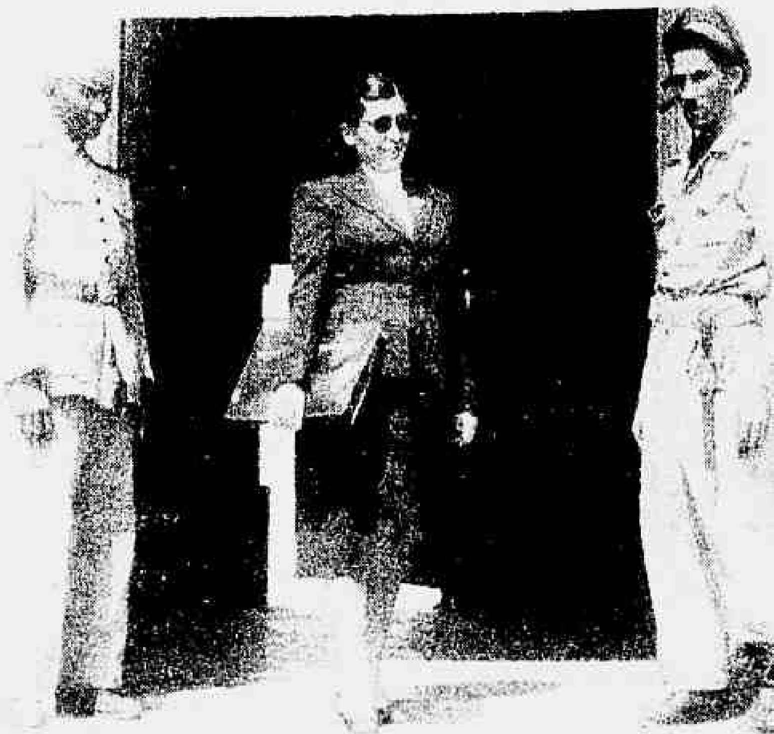
HÁ pouco tempo, quando se deu no Rio de Janeiro a Primeira Reunião das Penitenciárias Brasileiras, uma advogada, que também é Juiz no Ceará, apresentou nada menos que sete teses, tôdas vitoriosas, versando sôbre problemas penitenciários que constituem uma de suas maiores preocupações.

Já tendo sido Promotor de Justiça em São Paulo e no Rio em 1935, depois de nomeada Juiz em Canindé, no Ceará, ficou no norte e ali exerce a magistratura que complementa com uma intensa vida social em benefício dos presidiários de sua comarca, atendendo a diversos problemas que tão bem conhece em teoria e que tantos elogios já tem merecido por parte de juristas internacionais com os quais mantém regular e assídua correspondência.

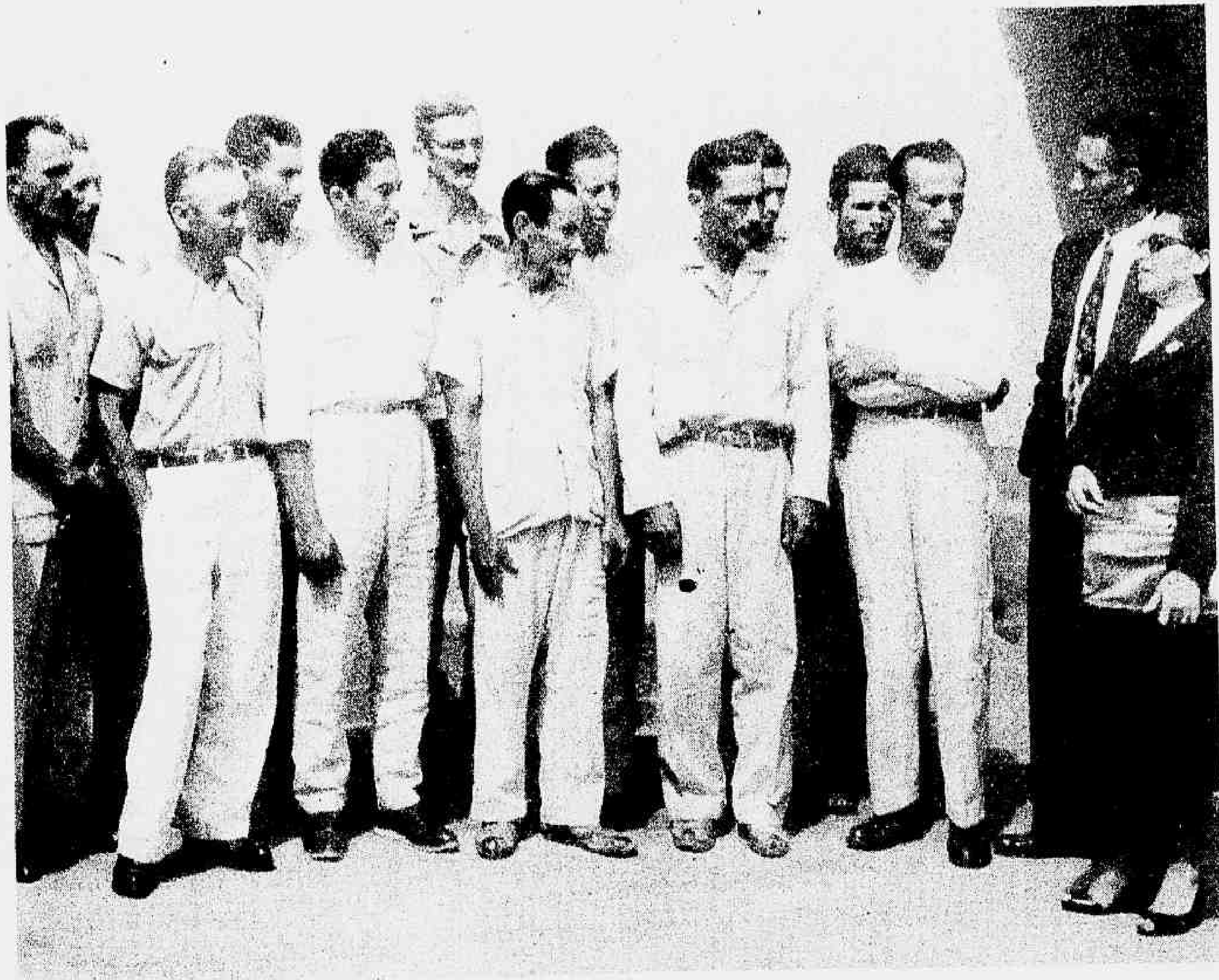
Um dos temas que mereceram da Dra. Auri um especial ardor nos debates da reunião penitenciária foi o problema sexual entre os presos. Opina a Juiz da Comarca de Canindé que, atendendo às experiências feitas na URSS, e há dez anos em sua própria jurisdição, o regime ideal para solucionar os escabrosos problemas sexuais nas penitenciárias seria o da castidade. Porém, atendendo a casos especiais, crê que o menor dos males seria «a saída regularizada, para os casados, segundo seleção médica e moral religiosa, além de, como é óbvio, ter-se em conta a conduta do presidiário». Esta tese contraria a orientação argentina, exposta no congresso pelo delegado Petinato, que se viu corroborado com o que se pratica no Brasil; ou melhor, na penitenciária do Distrito Federal: as visitas conjugais e a freqüência de rameiras em celas especialmente preparadas para tal fim. «Isto, disse-nos a Dra. Auri, é nada mais nada menos que a oficialização da prostituição pelo Estado!»

Outra tese da Dra. Auri, que também sofreu sérios ataques, porque ela contraria as sugestões da ONU, é a que se refere ao trabalho remunerado para o prêso, tal como se usa aqui no Brasil. Ela é favorável a êsse regime que dá não só o trabalho mas também um justo salário pelo produto do esfôrço do encarcerado. Sua eloqüência e seus argumentos venceram no Rio como vêm vencendo no Ceará onde é querida de todos que conhecem sua atividade no ambiente judiciário do Estado.

Não se satisfaz a Dra. Auri com estas vi-



A Juiz na porta do presidio da Comarca de Canindé. Ela condena, absolve, indulta...



Entre nordestinos do sertão e da cidade, todos condenados. Além de fazer justiça é preciso zelar por ela. E só acompanhando a vida do detento é possível. Assim pensa ela.

tórias. Tem também sua opinião formada sôbre o problema dos menores abandonados. Mantém um «front» aberto sôbre a questão e colabora na revista mexicana «Criminalia» e envia trabalhos para revistas especializadas da Itália, da França e da Argentina. Representou o Ceará no Congresso da ABAM, realizando em Belo Horizonte uma atuação declaradamente a favor de uma regularização nacional de um reformatório modêlo, no qual o menor fôsse tratado como um cidadão útil à pátria e não como simples mendigo.

PONTO DE PARTIDA

Em 1940, por uma série de circunstâncias locais, a Dra. Auri foi designada para servir na cidade de Cedro. Ali encontrou uma situação de descalabro entre os presos. Aquilo chocou-a. Convocou as autoridades e pôs mãos à obra. Reclamou trabalho remunerado para os prisioneiros e conseguiu modificar o rumo até então seguido no que é pertinente à vida do homem recluso. Sentiu que aquilo fôra uma vitória. Dedicou-se então a fundo aos problemas penitenciários. Impôs-se do que havia de mais avançado no mundo sôbre a matéria. E simultâneamente, assistindo de perto os presos e estudando com os mestres as suas sugestões, chegou a formar juízo seguro sôbre as questões que constituem a fôrça dos seus debates.

MATER FAMILIAS

«Um juiz no interior é um pouco pai de família», disse-nos a Dra. Auri. «Êle tem que ir visitar os seus jurisdicionados, conhecer-lhe os males depois de vencer sua natural timidez, aprofundar o conhecimento de suas reações psicológicas, enfim conhecê-lo na sua real e



E ainda assim acha tempo bastante para dedicar-se aos seus quatro filhos. Às duas meninas ela em pessoa ensina português, inglês e prendas domésticas. Não serão juízes.



O ideal para o jurista é aliar à prática a teoria dos grandes mestres do Direito. E a doutôra Auri Moura Costa, que é correspondente de «Criminalia», (México) estuda sempre.





— «Em nome da lei vos considero casados!» — E o vínculo matrimonial é indissolúvel.

escondida personalidade. E isso naturalmente contribui para que a sentença seja mais justa, mais compatível com a realidade. A letra mata, o espírito vivifica, como diz o Evangelho

Quanto ao tempo que lhe resta, depois de atender ao seu ofício, que entre outras coisas já conta com um arquivo organizado em meses, depois de abandonado há muitos anos, é inteiramente dedicado à seus filhos, que são quatro — dois rapazes e duas mocinhas.

— «A êles, e a meu marido, que é médico, diretor do Leprosário de Fortaleza, dedico minhas horas que não gasto com o público. Isso é que me faz ser o que sou sem cair no ridículo do feminismo militante. Sou religiosa, católica, antidivorcista, antifeminista, porque vejo que as mulheres se têm direitos a defender têm mais obrigações a cumprir. E digo ainda mais: «é fácil fazer justiça, difícil é fazer injustiça». Às minhas filhas ensino português, pintura, bordado. Quero que se casem e sejam boas donas de casa. E que não pensem que porque a Providência quis que eu arcasse com a responsabilidade de emitir sentenças que decidem a vida de muitas criaturas humanas, elas sejam obrigadas a me seguir. Cada qual tem o seu destino próprio. As generalizações são sempre perigosas.»

NO NORTE TUDO E' DIFERENTE

«Não só a atuação do Juiz no nordeste é peculiar. A região tem a característica de ser muito pobre, muito árida, materialmente muito abandonada. Porém a vantagem — sempre há uma compensação neste mundo — é que o povo tem melhor formação moral, é rico em piedade e de sólida formação religiosa. Isso ajuda a sobrelevar os seus problemas. Se não temos no Ceará melhores instituições públicas isto se deve à deficiência material e nunca ao descaso dos responsáveis.»

«Estou satisfeita no meu pôsto, terminou. Quero crer que a responsabilidade da mulher é compatível com o meu cargo, não faço porém, proselitismo.

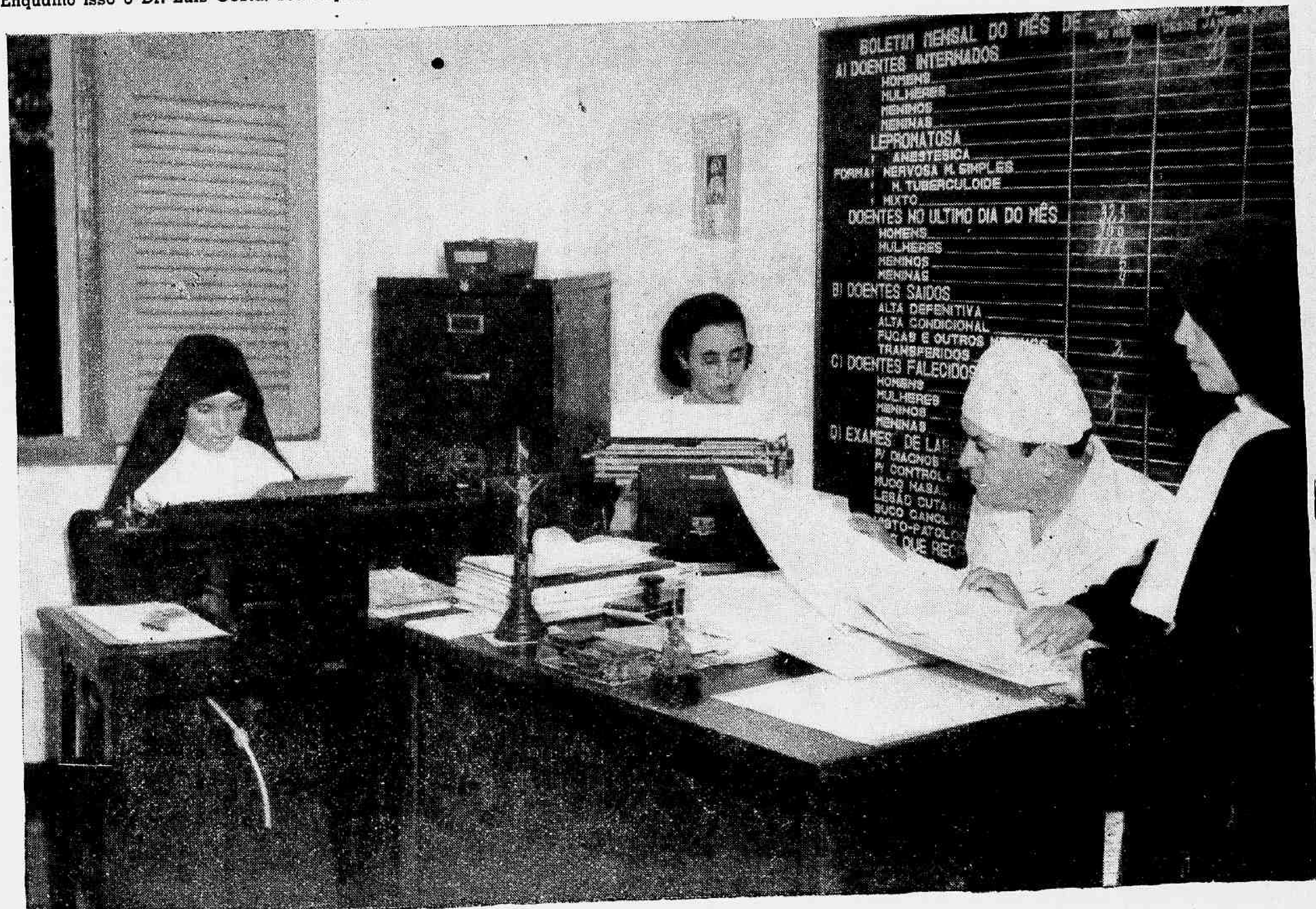


Êste casal casou no presídio, onde já lhes nasceram dois filhos. Um morreu, o outro é afagado pela Juiz em uma de suas freqüentes visitas ao cárcere.



O promotor e o advogado da defesa já tomaram seus postos à direita e à esquerda. A Dra. Auri faz o relatório oral do processo. O réu espera...

Enquanto isso o Dr. Luís Costa, seu espôso e diretor do Leprosário de Fortaleza, ao lado de pacientes religiosas, cumpre sua missão de salvar vidas.





Na amena serra de Teresópolis Prudente de Morais foi gozar sua licença para tratamento. A fazenda «Ermitage» hospedou inúmeras personalidades.

O CENTENÁRIO DE MANUEL VITORINO

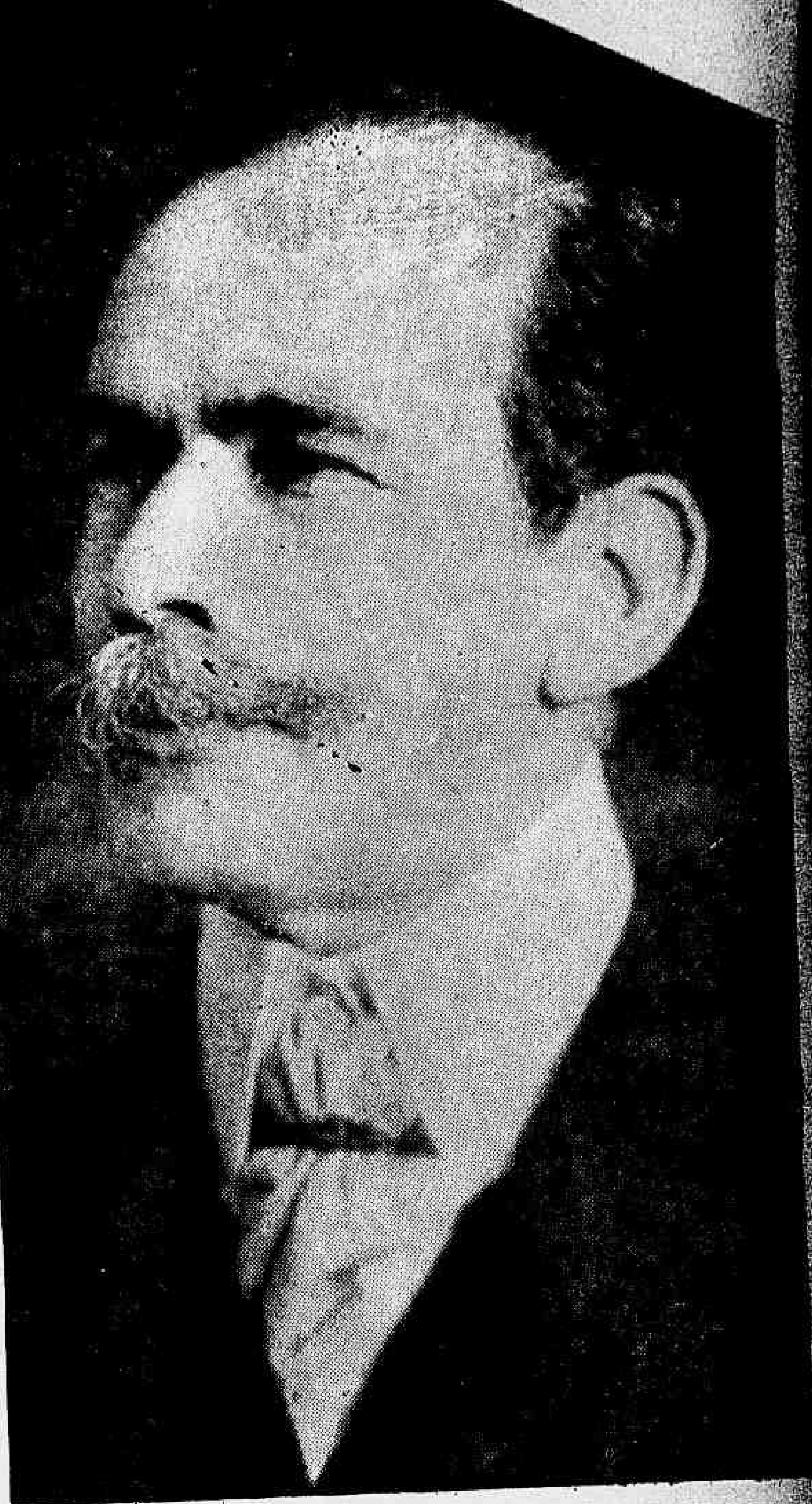
PEDRO CALMON (da Academia Brasileira de Letras)

A 30 de Janeiro comemorou-se (ou antes, deveria comemorar-se) o centenário de Manuel Vitorino.

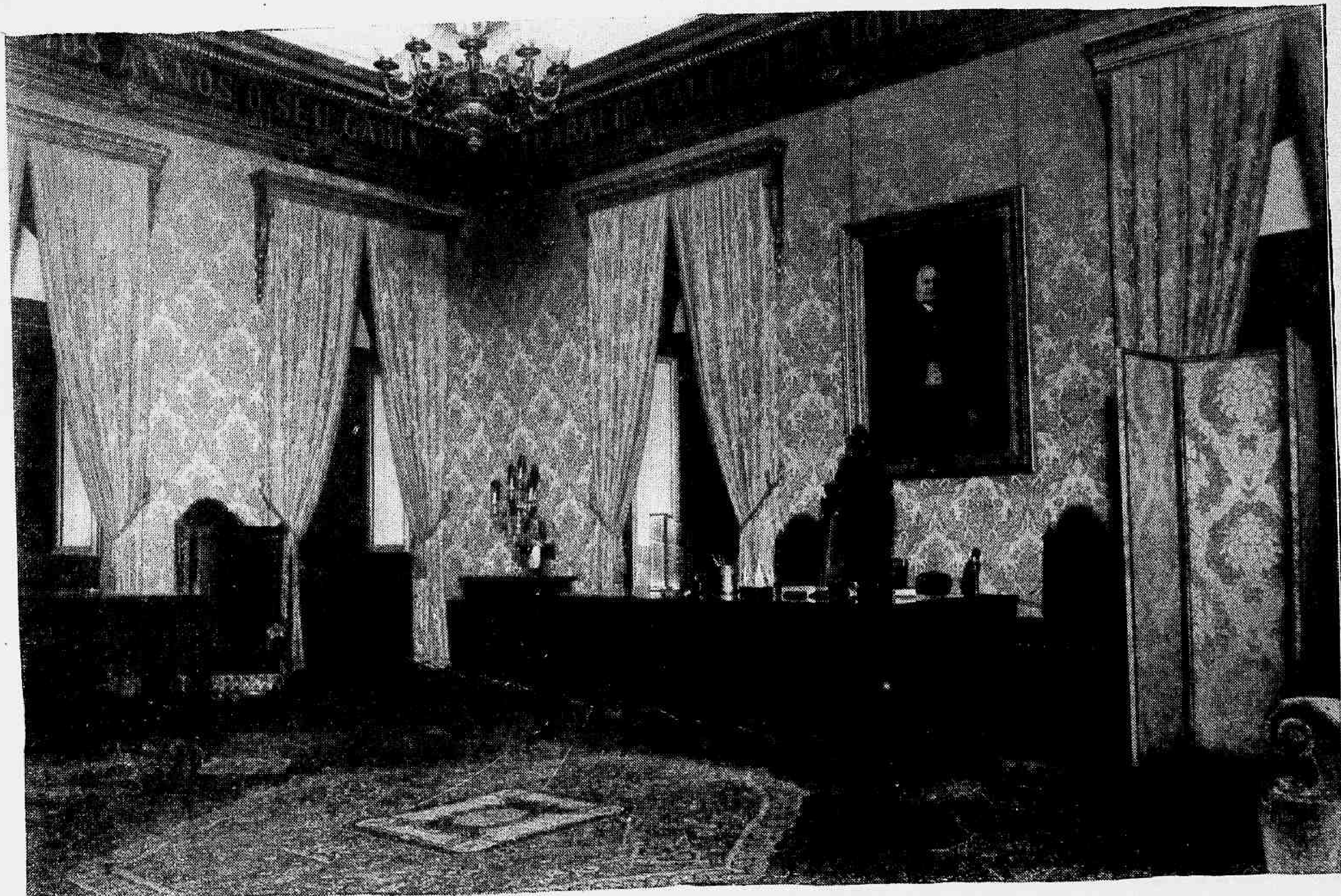
Êsse grande republicano nasceu na Bahia em berço pobre, sôbre o qual, entretanto, se debruçaram amàvelmente tôdas as musas: foi um predestinado da celebridade. Raros homens neste país fascinaram as multidões com os dotes de espírito que o distinguiam, na exuberância do talento e da palavra. Os oradores fazem-se, enquanto os poetas nascem... Manuel Vitorino desmentiu tal ilusão. Nasceu tribuno, porque desde a juventude, manejando com admirável destreza e eloqüência mais hábil e impetuosa, se destacou dos contemporâneos pelo vigor e pelo colorido do verbo era intensamente um Cícero moço, ardendo em sagradas cóleras contra os Catilinas reais e presumidos... Se estudasse a jurisprudência que se ensinava no Recife e em São Paulo, seria um grande bacharel. Como a Faculdade de Medicina lhe ficava mais à mão, na própria terra, foi, como o irmão Pacífico Pereira, médico sábio: e subiu o primeiro degrau da fama conquistando uma cadeira naquela Escola. Definira-se liberal e federalista. Alistou-se na ala avançada do partido de Saraiva em companhia de seu sócio de ideais, com quem compartia o pão e o sal da esperança, Rui Barbosa. Representando ambos essa corrente no congresso que em 1888 se realizou em São Paulo, para precisar as diretivas da nova política, adotaram com estridente intransigência o lema da federação com ou sem a coroa, isto é, da autonomia dos Estados, fonte necessária da «revolução brasileira»... Fracassou, com a resistência do último gabinete da monarquia, a reforma proposta. Mas aquêle programa pôs Rui Barbosa e Manuel Vitorino a serviço do regime que — contra êle — se organizasse. Em 15 de Novembro de 89 estava o primeiro, com Deodoro, à testa da nova ordem de cousas: em seguida, e por sua indicação, assumia Manuel Vitorino Pereira o govêrno da Bahia. Neste não se manteve-

Elegeram-no senador na vaga aberta pela renúncia do conselheiro Saraiva. Em 1893 cabia-lhe receber na «visita à terra natal» o glorioso compatrício, que, deslumbrado por sua rutilante oração, começou o agradecimento com esta memorável perplexidade: «Diante disto, e depois disto, não sei como principiar...»

No Senado continuou Manuel Vitorino, mas como seu presidente constitucional, elevado à vice-presidência da República em 1894, quando à magistratura suprema se alçou Prudente de Morais. Exerceu a chefia da nação em 1897, durante a longa enfermidade do presidente, de quem politicamente dissentia, propenso, por índole e doutrina, ao govêrno popular nas mais ousadas conseqüências. Tornou-se, pela evolução natural dos acontecimentos, a bandeira do republicanismo retinto, o bem-querido das massas, o forte estadista que herdara o bastão de comando de Floriano e prometia «salvar» as instituições ameaçadas na Vendéa sertaneja, que era Canudos, e nas conspirações inocentes da rua do Ouvidor. O seu populismo, porém, não excluía o gôsto da pompa, a elegância dos hábitos, essa aristocracia de maneiras e de preferências evidentemente incompatível com a modéstia da casa acanhada onde o govêrno residia, na rua Larga — o Itamarati: comprou o palácio do Catete e para êsse faustoso solar transferiu a presidência. A mudança resplandeceu nas luminárias de um baile, que recordava a euforia da velha sociedade imperial. Prudente de Morais irritou-se. Reassumiu o govêrno zangado com o sucessor. Os fatos terríveis de 5 de Novembro de 97 os situaram em campos opostos. Fortalecido um pelo atentado que quase lhe arrebatara a vida, lançado o outro escadas abaixo das denúncias injustas, da perseguição partidária e do ostracismo cruel, êsses dois homens, moral e fisicamente antípodas, não deviam mais encontrar-se. Manuel Vitorino não voltou às posições. Doirou o exílio voluntário no estrangeiro com a luz crepuscular das «Cartas de Paris». Sacudiu os nervos da mocidade com um manifesto fulgurante. Morreu prematuramente no Rio de Janeiro — em 9 de Novembro de 1902. Fizeram-lhe na Bahia exéquias comoventes. Jaz sob uma larga pedra de mármore em que se lhe evocam os títulos, num recanto do Campo Santo da cidade onde nascera. Poucos brasileiros foram tão discutidos e admirados como êle foi. A sua existência breve e ruidosa tem analogias flagrantes com a de Rui. Os dois levantaram a alturas insuperáveis o prestígio da palavra. Manuel Vitorino superou-o num amargo pormenor: sofreu as decepções da presidência com que Rui sonhou nas suas formidáveis campanhas; e dessas alturas a sua queda foi maior.



Manoel Vitorino Pereira governou o Brasil interinamente. Comprou o Palácio do Catete, transferindo a sede do govêrno do Itamarati. Isso foi no ano de mil novecentos e dois.



Êste nobre salão foi ocupado pelos três primeiros presidentes republicanos: Floriano, Deodoro, Prudente de Morais. Posteriormente foi o gabinete de trabalho do Barão do Rio Branco. Em 1902, Manoel Vitorino Pereira comprou o Palácio do Catete e ficou definitivamente transferida a sede do govêrno.

LIDO... VISTO...



MELHORE SEU PORTUGUÊS

ACENTUAÇÃO GRÁFICA — Respondendo à consulta de Maria Ângela, que se diz prejudicada numa prova de Português, apenas porque deixou de empregar certos acentos em palavras de sua prova escrita, informamos que, realmente, o assunto é obrigatório por lei, segundo o Decreto que instituiu a nova Ortografia oficial em 1943. Mas não devemos confundir **êrro** com obrigação legal. Se uma pessoa deixar de grafar palavras como **lençóis, vêzes, pêlo** (substantivo), **sêres, agôsto, êle, geléia, sòmente, qüinqüênio** (com trema e circunflexo) etc., não está **errando**, no sentido gramatical do têrmo. Está, sim, fugindo a imperativos da Lei que uniformizou a ortografia brasileira, e manda usar os acentos. E' natural que, em concursos oficiais, os examinadores ou julgadores considerem falta imperdoável, a ausência dos acentos exigidos pelo Decreto que estabeleceu tal obrigatoriedade.

QUEM DISSE ISSO?

1 Eu te saúdo, soberano do mundo!

2 Vossa Majestade se engana; no jôgo só se perde o tempo de dar cartas.

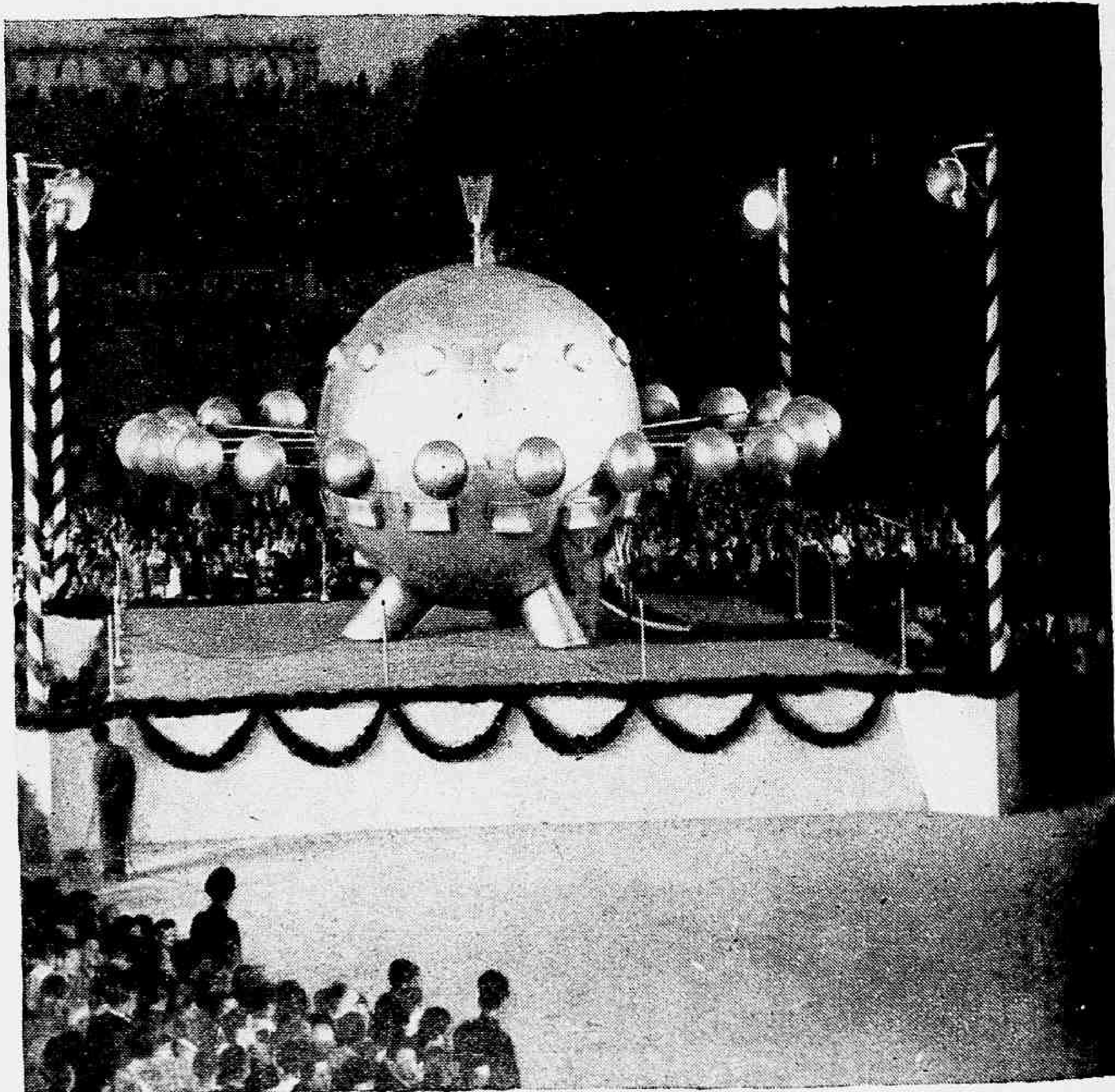
3 Ah! Os brasileiros nunca souberam o valor do homem que possuíam!

4 Meu amigo, a minha Monarquia é mais ou menos como o seu balão: — não sobe nunca.

5 No Brasil há duas posições invejáveis: senador e professor do Colégio Pedro II.

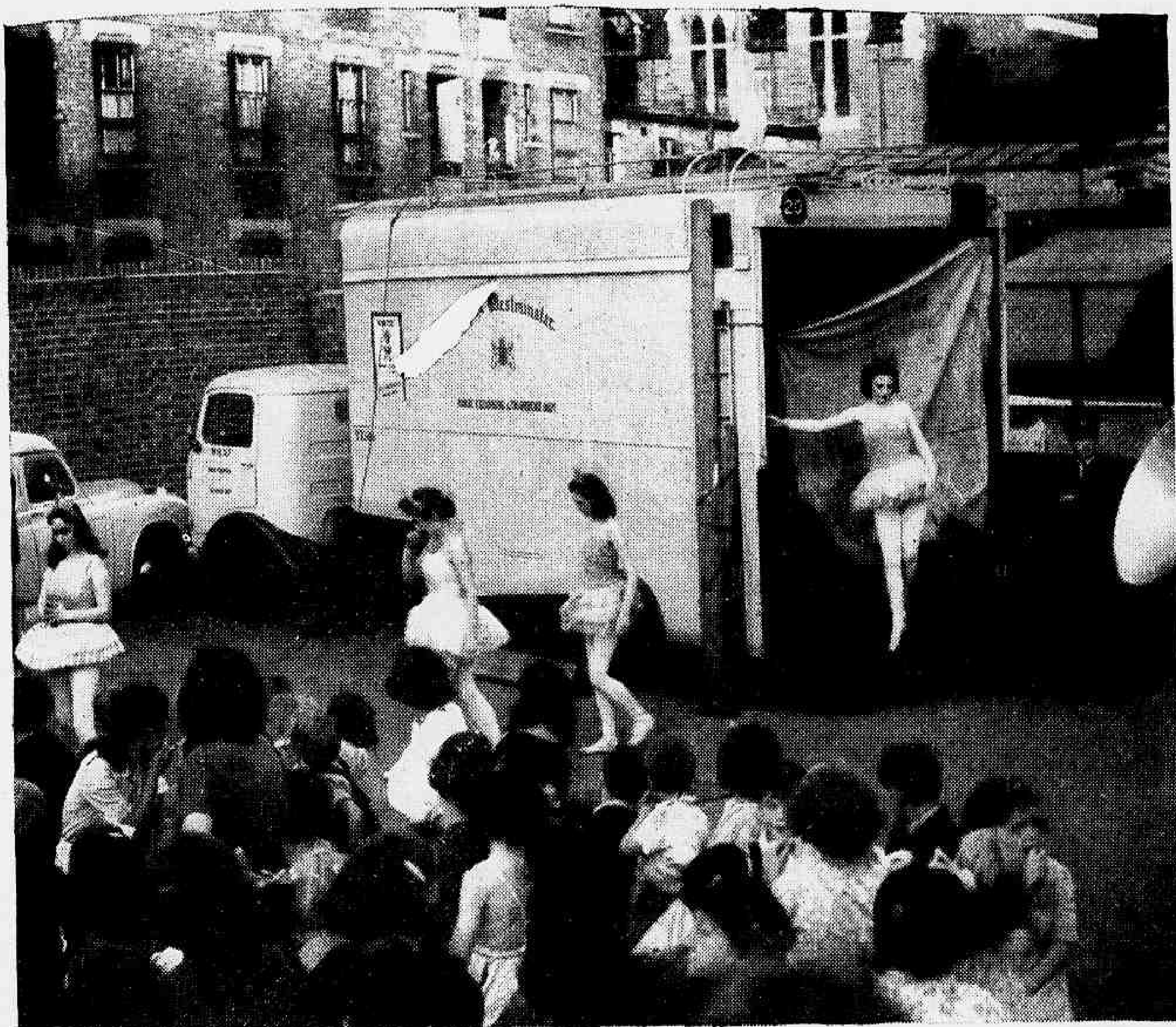
(Resposta na página 41)

PARA SALVAR MINEIROS — Apesar dos processos de segurança para garantir a vida dos trabalhadores de minas de carvão na Inglaterra, de quando em quando se dão casos fatais, verdadeiras catástrofes nas profundezas do subsolo. Para poupar a vida dêsses heróicos trabalhadores, os técnicos estão pondo em prática um novo tipo de tenda de oxigênio especialmente construída para salvar a vida de mineiros. Aqui vemos duas enfermeiras fazendo a experiência com uma dessas tendas portáteis, provando a sua eficiência.



COISAS DO CINEMA — Em Viena, milhares de pessoas testemunharam, ao ar livre, uma das mais interessantes cenas reais para a confecção de um filme de aventuras, intitulado, «1 de abril de 2000». Aqui vemos o balão que serve de veículo para cenas emocionantes, armado o «set» no Schoenbrumpark, aonde afluíram multidões de curiosos. O filme austríaco constitui um empreendimento de grande envergadura, pelo arrôjo de sua concepção e audácia de seus realizadores, inclusive artistas. A população que ali se comprimia admirou a realização de várias seqüências, numa propaganda antecipada da bela produção.

OUVIDO... ONTEM, HOJE, AMANHÃ...



«BALLET» AO AR LIVRE — Promovida pelo Westminster City Council, a «Donna Roma Company» levou a efeito interessante exibição de suas bailarinas num «play-ground» da rua Lillington, em Pimlico. O vestiário fôra instalado no próprio local da exibição artística, e as crianças presentes se encheram de curiosidade diante daquele espetáculo absolutamente inédito para elas, a quem, aliás, era oferecido o festival. Um locutor ia irradiando as fases da festa de arte, enquanto a bailarina, com seu indumento característico, ia tomando lugar no palco. Até hoje a garotada fala no sucesso e muitas meninas sonham com o «ballet».

BALZAC NO MANICÔMIO

Balzac, o grande romancista, usava de muita exuberância em sua conversação, o que os íntimos julgavam, ser uma chama do gênio a brilhar em seu rosto, mas as pessoas que não privavam com êle pensavam coisa muito diferente. Para estas, aquela maneira de expressar-se podia ser desequilíbrio mental.

Um dia, o famoso alienista Dr. Blanche, de quem Balzac era grande amigo, convidou o escritor a visitar o magnífico estabelecimento de cura que mantinha e dirigia; mas, na mesma ocasião também compareceriam na Casa de Saúde vários especialistas de renome.

Depois de percorridas as várias dependências do nosocômio, despediam-se os visitantes quando um dos psiquiatras presentes se aproximou do dr. Blanche e lhe disse um tanto confidencialmente:

Depois de percorridas as várias dependências do nosocômio, despediam-se os visitantes quando um dos psiquiatras presentes se aproximou do dr. Blanche e lhe disse um tanto confidencialmente:

— Tôdas as curas são evidentes; sòmente aquêle gordo que estava ao nosso lado conviria manter, mais algum tempo, em observação.

— Qual? — indagou o dr. Blanche.

E o seu colega, apontando, discretamente, com o dedo:

— Aquêle ali.

Era Balzac!

PUXE PELO CÉREBRO

1 QUE QUER DIZER «GRAÚLHO»:

— Semente de uva?
— Uma ave noturna?
— Sinônimo de pio de coruja?

2 QUANTAS VÊZES O TERRITÓRIO DO URUGUAI CABERIA NO BRASILEIRO:

— Vinte?
— Quarenta e cinco?
— Oitenta e seis?

3 QUAL O NOME REAL DO MARQUÊS DE MARICÁ:

— Mariano José Pereira da Fonseca?
— Sebastião Pereira Fonseca e Silva?
— Mariano Pereira?

4 QUANTOS QUILÔMETROS DE RIOS NAVEGÁVEIS POSSUI MATO GROSSO:

— 20 mil?
— 15 mil?
— Cêrca de 5 100?

5 QUAL O NOME VULGAR DE «CUCUMIS FLEXUOSA»:

— Quiabo?
— Maxixe?
— Chuchu?

6 NO SEGURO DE ACIDENTES DO TRABALHO EM TODO O MUNDO, PREDOMINA:

— A socialização?
— A comercialização? (seguro privado)
— Ou se equivalem?

7 DE QUE DATA E' A LEI BRASILEIRA CONTRA A DISCRIMINAÇÃO RACIAL:

— 3 de agôsto de 1950?
— 28 de setembro de 1871?
— 13 de maio de 1888?

8 QUANDO SE DIZ: «NO TEMPO DO ONÇA», A QUE PERSONAGEM QUEREMOS REFERIR:

— A D. Pedro I?
— A Luís Vahia Monteiro?
— A Tomé de Souza?

9 QUAL A DATA EM QUE APARECEU A GRANDE OBRA DE EUCLIDES DA CUNHA, «OS SERTÕES»:

— 1-3-1895?
— 4-9-1910?
— 15-8-1902?

10 A RESTINGA DA MARAMBAIA FICA:

— No Estado do Rio?
— No Distrito Federal?
— Em S. Paulo?

11 QUAL A ALTITUDE DO MAIOR MORRO DA ILHA DO GOVERNADOR:

— 200 metros?
— 125 metros?
— 90 metros?

12 EM QUE DATA SE DEU A ACLAMAÇÃO DE PEDRO I, COMO IMPERADOR CONSTITUCIONAL DO BRASIL:

— 7 de setembro de 1822?
— 9 de abril de 1823?
— 12 de outubro de 1822?

13 QUE NOME TINHA A ATUAL PRAÇA BARÃO DE DRUMMOND, EM VILA ISABEL:

— 7 de setembro?
— 21 de abril?
— 13 de maio?

14 EM QUE ANO PASSOU O BRASIL PARA O DOMÍNIO ESPANHOL:

— 1650?
— 1580?
— 1700?

15 QUAL A DATA EM QUE RECEBEU A CIDADE DO RIO DE JANEIRO, O TITULO DE «LEAL»:

— 6-6-1647?
— 12-8-1702?
— 5-9-1808?

(Resposta na página 41)

A SAÚDE DO BEBÊ

MINGAUS FARINÁCEOS E SOPINHAS DO LACTENTE

DR. SABOIA RIBEIRO

ATÉ completar cinco meses, vai bem o horário de seis mamaduras do menino de peito (peito de três em três horas). Já entrado, porém, o sexto mês, os intervalos deverão ser maiores entre as mamaduras (peito de três e meia em três e meia horas). A partir do quinto mês, porém, é de tôda a conveniência introduzir uma mamadeira de um mingau farináceo (leite, farinha, açúcar). No mês seguinte, subirão a duas as mamadeiras.

Dois exemplos:

No quinto mês: 7, 13, 16, 19 e 21 horas, peito.
Às 10 horas, 1 mamadeira de um mingau farináceo
No sexto mês: Às 7, 14 e 21 horas, peito.
Às 10,30 e 17,30, mingau farináceo.

● **Como preparar o mingau farináceo?**

Açúcar e farinha, 1 colher-de-chá, de cada, em 75 gramas de água. Desmanchar o açúcar e a farinha numa caçarola, cozer a fogo brando cinco a sete minutos.

Se se preferir o leite em pó, utilizar 4½ medidas ou colheres-de-chá:

Leite em pó	4 ½ medidas
Água	para 100 gramas

Misturar o leite ao açúcar e farinha, cozer a fogo brando, agitar fortemente na mamadeira.

● **Êsse mingau farináceo poderá constituir as mamadeiras do menino quando êste não dispõe de leite materno.**

Neste caso, ao quinto mês dar uma sopinha e ao sexto mês, duas sopinhas.

No quinto mês:
7, 13, 16, 19 e 21 horas, mingau. Às 10, sopinha.

No sexto mês:
Às 7, 14 e 21 horas, mingau. Às 10,30 e 17,30, sopinha.

Fórmula da sopinha:

Um litro de água
250 gramas de carne magra
Seis batatas, todos os legumes da estação e farinha (4 colheres-de-chá).

● **Damos a seguir mais algumas fórmulas de sopinhas que irão servindo para variar as refeições lácteas do bebê.**

a) Carne magra de vaca	100 gramas
Água	500 gramas

Ferver até reduzir a água à metade, retirar a carne e engrossar com maizena, semolina, araruta, tapioca, etc. Obtido assim uma espécie de pirão ralo, ferver a mistura 5 a 10 minutos, salgar com uma pitada de sal.

b) **Sopa de creme de aveia:**

b) Farinha de aveia (cozimento rápido)	1 colher-de-sopa
Manteiga	5 gramas
Água, leite ou caldo	200 gramas
Sal refinado	½ grama

Derreter a manteiga numa caçarola até fazer espuma, juntar a farinha, mexendo até a massa ficar marrom, acrescentar a água, leite ou caldo, salgar.

Essas sopinhas acrescidas de sal devem ser usadas por volta do oitavo ou nono mês, e sem sal antes.

Em vez da aveia, poderá entrar outra farinha (cevada, tapioca, vermicelas, arroz, etc.).

c) Sopa de legumes: Cenouras, batatas, chuchu, ervas (menos couve e repôlho). Lavar, cozer 2 a 3 horas, algum sal. Coar espremendo em peneira. Conforme a espessura do filtrado, ainda se poderá engrossar pelas farinhas (dar uma ligeira fervura).

● **Estas sopas de legumes vão melhor para os nove e dez meses, e o principal cuidado é que deverão ser preparadas de fresco e não contenham elementos fibrosos na sua forma fluida.**

COMEÇOS DE UMA FORTUNA

(Cont. da pág. 11)

querendo ser convidada para o cinema? — disse Carlinhos, e ambos olharam com curiosidade a menina que se afastava segurando a pasta.

Pensativo, Artur continuou a andar ao lado do amigo, olhando as pedras do chão.

— Se você não tem dinheiro para duas entradas, eu empresto, você paga depois.

— Pelo visto, no momento em que tivesse dinheiro seria obrigado a empregá-lo em mil coisas.

— Mas depois eu tenho que devolver a você e já estou devendo ao irmão de Antônio, — respondeu evasivo.

— E então? Que é que tem? — explicou o outro, prático e veemente.

« E então — pensou com uma pequena cólera — e então, pelo visto, logo que alguém tem dinheiro aparecem os outros querendo aplicá-lo, explicando como se perde dinheiro».

— Pelo visto — disse desviando do amigo a raiva — pelo visto basta você ter uns cruzeirinhos que mulher logo fareja e cai em cima.

Os dois riram. Depois disso êle ficou mais alegre, mais confiante. Sobretudo, menos oprimido pelas circunstâncias.

Mas depois já era meio-dia e qualquer desejo se tornava mais árido e mais duro de suportar. Durante todo o almôço êle pensou com rapidez em fazer ou não fazer dívidas e sentia-se um homem aniquilado.

— Ou êle estuda demais ou não come bastante de manhã — disse a mãe.

— O fato é que acorda bem disposto mas aparece para o almôço com essa cara pálida. Fica logo com as feições duras; é o primeiro sinal.

— Não é nada, é o desgaste natural do dia — disse o pai bem humorado.

Olhando-se ao espelho do corredor, antes de sair, realmente era a cara de um dêsses rapazes que trabalham, cansados e moços. Sorriu sem mexer os lábios, satisfeito no fundo dos olhos.

Mas à porta do cinema não pôde deixar de pedir emprestado a Carlinhos, porque lá estava Glòrinha com uma amiga.

— Vocês preferem sentar na frente ou no meio? — perguntava Glòrinha.

Diante disso, Carlinhos pagou a entrada da amiga e Artur recebeu, disfarçado, o dinheiro da entrada de Glòrinha.

— Pelo visto, o cinema está estragado — disse de passagem para o Carlinhos. Arrependeu-se logo depois de ter falado, pois o colega mal ouvira, ocupado com a menina. Não era necessário diminuir-se aos olhos do outro, para quem uma sessão de cinema só tinha a ganhar com uma garôta.

Na realidade o cinema só estêve estragado no comêço. Logo depois êle relaxou o corpo, esqueceu-se da presença ao lado e passou a ver o filme. Sòmente perto do meio teve consciência de Glòrinha e num sobressalto olhou-a disfarçado. Com um pouco de surprêsa constatou que ela não era pròpriamente a exploradora que êle supusera: lá estava Glòrinha, inclinada para a frente, a bôca aberta pela atenção. Aliviado, recostou-se de novo na poltrona.

Mais tarde, porém, indagou-se se tinha ou não sido explorado. E sua angústia foi tão imensa que êle parou diante da vitrina com uma cara de horror. O coração batia como um punho. Além do rosto espantado, sôlto no meio da vitrina, havia panelas e utensílios de cozinha que êle olhou, com certa familiaridade. «Pelo visto, fui», concluiu e não conseguiu sobrepor sua cólera ao perfil sem culpa de Glòrinha. Aos poucos a própria inocência da menina tornou-se a sua culpa maior: «então ela explorava, explorava, e depois ficava tôda satisfeita vendo o filme?» Seus olhos se encheram de lágrimas. «Ingrata», pensou êle escolhendo mal uma palavra de acusação. Como a palavra era um símbolo que queima mais do que a raiva, êle se confundiu um pou-

Clínica Dr. Santos Dias

CONSULTAS: Cr$ 30,00

Tratamento e cura pela hormonioterapia e alta freqüência específica, da velhice precóce, da função sexual no homem e na mulher, irritabilidade, fadiga e insônia, nos casos indicados.

MOLÉSTIAS SEXUAIS — IMPOTÊNCIA

Rua São José, 50 — 9º andar — Conjunto 903. Tel.: 32-6230.

Enfermagem a cargo de técnico e profissional diplomado.

Horário: — Diàriamente, das 14 às 19 horas.



BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ......
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

co e sua raiva acalmou-se. Parecia-lhe agora, de fora para dentro e sem nehuma vontade, que ela deveria ter pago daquele modo a entrada do cinema.

Mas diante dos livros e cadernos fechados, seu rosto desanuviou-se.

Deixou de ouvir as portas que batiam, o piano da vizinha, a voz da mãe ao telefone. Havia um grande silêncio no seu quarto, como num cofre. E o fim da tarde parecia com uma manhã. Estava longe, longe, como um gigante que pudesse estar fora mantendo no aposento apenas os dedos absortos que viravam e reviravam um lápis. Havia instantes em que respirava pesado como um velho. A maior parte do tempo, porém, seu rosto mal aflorava o ar do quarto.

— Já estudei — gritou para a mãe que interpelava sôbre o barulho da água.

Lavando cuidadosamente os pés na banheira, êle pensou que a amiga de Glòrinha era melhor que Glòrinha. Nem tinha procurado reparar se Carlinhos «aproveitara» ou não da outra. A essa idéia, saiu muito depressa da banheira e parou diante do espelho da pia. Até que o ladrilho esfriou seus pés molhados.

Não! Não queria explicar-se com Carlinhos e ninguém lhe diria como usar o dinheiro que teria, e Carlinhos podia pensar que era com bicicletas, mas se fôsse o que é que tem? E se nunca, mas nunca, quisesse gastar o seu dinheiro? E cada vez ficasse mais rico?... Que é que há, está querendo briga? Você pensa que...

— ... pode ser que você esteja muito ocupado com seus pensamentos — disse a mãe interrompendo-o — mas ao menos coma o seu jantar e de vez em quando diga uma palavra...

Então êle, em súbita volta à casa paterna:

— Ora a senhora diz que na mesa não se fala, ora quer que eu fale, ora diz que não se fala com a bôca cheia, ora...

— Olhe o modo como você fala com sua mãe! — disse o pai sem severidade.

— Papai — chamou Artur dòcilmente, com as sobrancelhas franzidas — papai, como é promissórias?

— Pelo visto — disse o pai com prazer — o ginásio não serve para nada.

— Coma mais batata, Artur — tentou a mãe inùtilmente arrastar os dois homens para si.

— Promissórias — dizia o pai afastando o prato — é assim: digamos que você tenha uma dívida.

O DESFILE...

(Cont. da pág. 13)

O desfile dos préstitos partiu da Praça Mauá tendo à frente, como carro-chefe a grande insignia do Vasco tendo ao centro o retrato do seu atual presidente — Dr. Ciro Aranha. Sôbre a grande cruz de malta vinha sentada a rainha do campeonato.

O desfile do campeão teve como principal caracteristica a alegria que com a proximidade do carnaval foi acompanhada de marchinhas e junto aos atletas das diversas seções do clube o povo em massa fazia côro, enquanto subiam aos ares fogos de artifício e as ruas se iluminavam com archotes coloridos. Um espetáculo de alegria muito justificada não só para os torcedores como também para todo o povo carioca, que vê no Vasco não só o campeão de 1952 como também um conjunto de excelentes jogadores que já levaram o nome do Brasil à glória em campeonatos internacionais.

QUEM DISSE ISSO?

RESPOSTAS

1 — Antônio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, diante dos canhões no dia da dissolução da Assembléia Constituinte, em 1823.

2 — Resposta de Cotegipe a Pedro II quando fêz alusão ao voltarete, jôgo inocente de que tanto gostava Cotegipe.

3 — Neukomm, grande músico e compositor alemão ao saber, em 1830, da morte do padre José Maurício, um gênio da música brasileira.

4 — Eduardo Prado, ardente defensor da restauração da monarquia no Brasil, a José do Patrocínio preocupado com um dirigivel de sua invenção.

5 — D. Pedro II, entre íntimos.

PUXE PELO CEREBRO

RESPOSTAS:

1 — Semente de uva.
2 — Quarenta e cinco.
3 — Mariano José Pereira da Fonseca.
4 — Cêrca de 5.100.
5 — Chuchu.
6 — A socialização.
7 — 3 de agôsto de 1950 (Afonso Arinos).
8 — A Luís Vahia Monteiro (governador do Rio).
9 — 15-8-1902.
10 — Distrito Federal.
11 — 90 (morro do Dendê).
12 — 12 de outubro de 1822.
13 — Sete de Setembro.
14 — 1580.
15 — 6-6-1647.

diária nunca
esquecida a sua
ENE ÍNTIMA
Metrolina
ANTISSÉPTICO
ADSTRINGENTE
BACTERICIDA

CICLISTAS!
JA' CHEGOU O
AFAMADO FREIO
CONTRA-PEDAL



O NOVO
PERRY
DUAS ESTRELAS
O mais perfeito freio contra pedal do mundo
FABRICADO E GARANTIDO PELA



PERRY CHAIN COMPANY LTD.
BIRMINGHAN — INGLATERRA



PARE!
A QUEDA DE SEUS CABELOS
USANDO
PETROLINA MINANCORA
O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA
CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

CONVERSA DE MULHER

A VIDA É SEMPRE DIFÍCIL

A organização da vida moderna e os inventos da civilização, feitos para facilitar a vida do homem, ainda não deixaram de exercer forte carga sôbre sua sensibilidade natural. Pode ser citado o exemplo do médico, que entrou recém-formado para o exército a fim de poder imediatamente constituir mulher, e depois desprezou sempre qualquer oportunidade — e não lhe faltaram algumas — para melhorar de padrão de vida, que o que ganha um oficial é pouco para a família nos tempos que correm. Era um estudioso, mesmo com certo talento, o qual, quando no interior do país, fazia léguas a cavalo para tratar dos míseros agricultores e, quando na cidade, obtinha de passagem uma ou outra cura entre vizinhos pobres ou ricos, êstes muitas vêzes tendo esgotado os préstimos de especialistas de nomeada e preço, sem no entanto jamais apresentar conta ou receber pagamento. Um velho, milionário e diabético, por êle se vendo livre de feia ferida no pé, perguntou-lhe: «Quanto lhe devo, doutor?». E como êle respondesse: «Nada...», em sinal de gratidão teve que aceitar uma caneta-tinteiro. A explicação é que o estranho profissional detestava as complicações da organização social e qualquer dinheiro acima do que lhe bastasse para as modestas necessidades. Porque, como expunha, se lhe ficasse algum no bôlso deveria depositá-lo em banco e então cairia na desgraça, pois para êle o mal de nossos dias se acha concretizado em alto grau no **guichet**, e aquêle a quem sobra pecúnia tem que movimentá-la através dessas portinholas infernais.

● **Outro caso é o do eminente gaúcho, jornalista e homem de letras, cujo «hobby» é a matemática, que desde que veio há muitos anos dos pagos natais para a capital e mesmo depois de prolongadas viagens pelas maiores cidades do mundo, continua a se pôr parado, de pé, a observar seja um simples aquecedor de água ou a apurar o ouvido para perceber melhor o ronco leve de um motor de geladeira, instrumentos que não cessam de o fascinar e cujas falhas de funcionamento sempre lhe causam um sofrimento desmedido e uma irritação irrefreável. Há também a dúvida da senhora que recebeu uma herança e escreveu à amiga mais íntima uma carta em que se lia o seguinte trecho:**

● «Imagina que estou em situação de adquirir um automóvel. Eu, gastando tanto em conduções para os meus afazeres, que não pretendo abandonar, e gostando de visitar os conhecidos e de passear, aparentemente sou a pessoa indicada para ser aquinhoada com a graça de um meio de transporte por todos julgado cômodo e à mão. Mas para mim a questão não é tão simples. Nunca ninguém me viu objetar contra a velocidade posta em prática por qualquer motorista, já senti fortemente a reprovação dos companheiros de uma viagem, por ter dormido com respiração regular na poltrona reclinada, enquanto os demais se angustiavam durante uma tempestade que fazia peteca do avião. Não sou, portanto, pessoa receiosa de deslocamentos rápidos e não se compreende que, com capacidade física e nervosa normais, tenha pavor de dirigir um automóvel. Mas tenho. E' simplesmente porque perderei o prazer dos percursos descuidados, perdida na apreciação de uma paisagem ou de cenas que se sucedem, ou ainda no emaranhado de pensamentos vagos. E terei que, enquanto me locomovo, conduzir o carro, trabalhar, trabalhar como um escrava, atenta às complicações do trajeto e às loucuras dos trafegantes. Como vês, é um caso muito sério sôbre o qual não me poderei decidir levianamente.»

ISOLETTE

À LUZ DA PSICANÁLISE

OS SEGREDOS DA ALMA

M. A. escreve-nos uma longa carta sôbre o fenômeno morte. Da sua leitura chegamos à conclusão que a estudante de Filosofia é espírita não ortodoxa, se é que há, na crença do além, lugar para tal classificação. Sente-se, todavia, que a missivista está atordoada, em virtude de algum trauma. O que do ponto-de-vista biológico se nos depara como o instinto da morte não pode tender a outra cousa senão ao restabelecimento da situação anterior ao nascimento, o que Freud chama a tendência à repetição e que deriva da natureza irrealizável dessa aspiração que, sob formas sempre novas, esgota tôdas as possibilidades. Colocando-nos sob o ponto-de-vista biológico, designamos êste processo sob o nome de «vida». Mesmo quando o indivíduo normal, evitando repressões neuróticas, adapta-se ao mundo exterior, como o melhor dos mundos, verifica-se que o inconsciente, com uma tenacidade irresistível, deve conduzi-lo contra a vontade do «eu», à meta primitiva e predestinada. Êste processo a que alguns cientistas chamam «envelhecimento», só pode atingir a meta inconsciente à custa da destruição sistemática do corpo, de doenças de tôda a espécie que acabam por conduzi-lo à morte.

● No momento da morte o corpo separa-se novamente do que para êle substituíra a mãe, dêsse mundo cuja fachada é bela e agradável à vista, ao passo que o seu reverso parece feio e horrível. Mas, para o inconsciente, parece ser fácil esta separação, pois trata-se, no fundo, de renunciar a um sucedâneo, para alcançar a felicidade verdadeira. Aí está a raiz da representação popular da morte, como sendo uma salvação, mas também do que há de essencial em tôdas as idéias, relativas à redenção. Vêem-nos à mente aquêle pensamento de Marco Aurélio:

● «A matéria é podridão: água, ossos, pó, infecção; o mármore é calosidade da terra; o ouro, a prata, os sedimentos; as vestes, pêlos; a púrpura, sangue; e assim são tôdas as cousas. Da mesma natureza é a tua respiração, que passará de uma a outra dessas categorias. Contempla do alto: rebanhos inumeráveis, milhares de cerimônias, navios que cortam os mares e aviões que cruzam os céus, a variedade de sêres que nascem, coexistem e desaparecem. Reflete, também, nos que viveram outrora, nos que vão viver depois de ti e nos que vivem hoje, em outros países. Quantos que te ignoram, até mesmo o nome, quantos te esquecerão em breve, quantos que hoje te elogiam e amanhã talvez te vilipendiarão. E como a lembrança, a glória ou qualquer outra cousa, nada vale os nossos sacrifícios.

DR. LUIZ FRAGA

COMO APRENDER A DANÇAR



1ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero Rumba, Swing, contendo 120 gráficos 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 643 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

TRABALHOS GRÁFICOS

LIVROS E FOLHETOS

Tratar na Companhia Editôra Americana, rua Visconde de Maranguape n.° 15 — Rio. Telefone 22-8647.

Carnaval Infantil!

PALHAÇO





BAIANA

RUMBEIRO



COELHO

A meninada encontrará aqui nestes modelos tudo para se divertir a valer. Ou sairá de palhaço prêto com pompons brancos ou vice-versa com o rosto enfarinhado e a bôca bem aumentada ou então se vestirá de «rumbeira» com mangas duplas e largo sombrero, lenço servindo de faixa na cintura. Para o irmãozinho menor um «Coelhinho» é fantasia bem fresca para o verão. Uma baiana nunca sai do cartaz. A do modêlo acima é estilizada, mas linda.

Carnaval Infantil



CIGANA



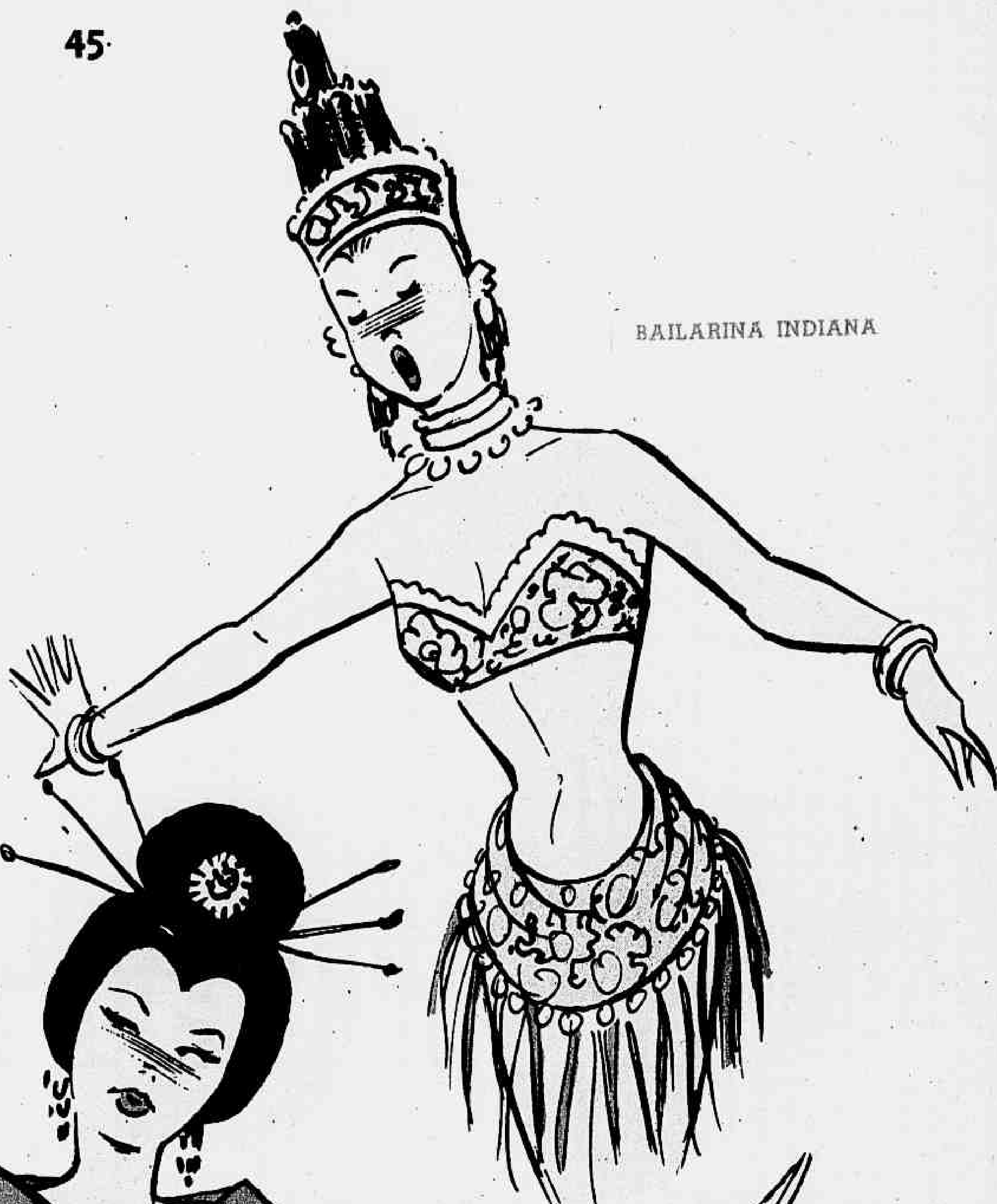
ÁRABE



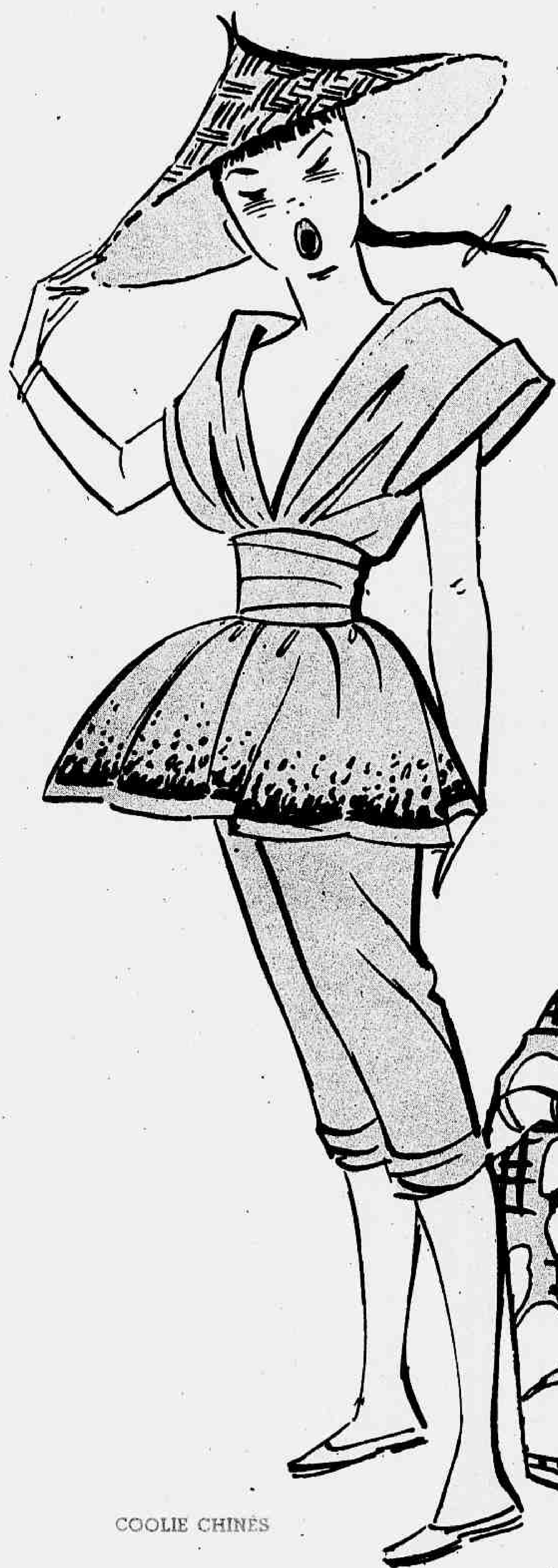
HOLANDESA



EGÍPCIA



BAILARINA INDIANA



COOLIE CHINÊS



TAITIANA

JAPONÊSA

A farra promete ser boa. As fantasias estão aqui: qual delas você prefere? Cigana, Holandesa, Árabe ou Egípcia? Se não servir nenhuma delas ainda tem mais. Indio. Mas também tem bichinhos do jardim zoológico: «Girafa», «Coruja», e «Zebra». Para as meninas «Coolie Chinês», «Japonêsa estilizada» ou então «Bailarina Indu», que lembra os mistérios do Oriente. Tôdas são bem fáceis de fazer. E se vierem a fazer um «sarong» de «taitiana» não esqueçam as flores.

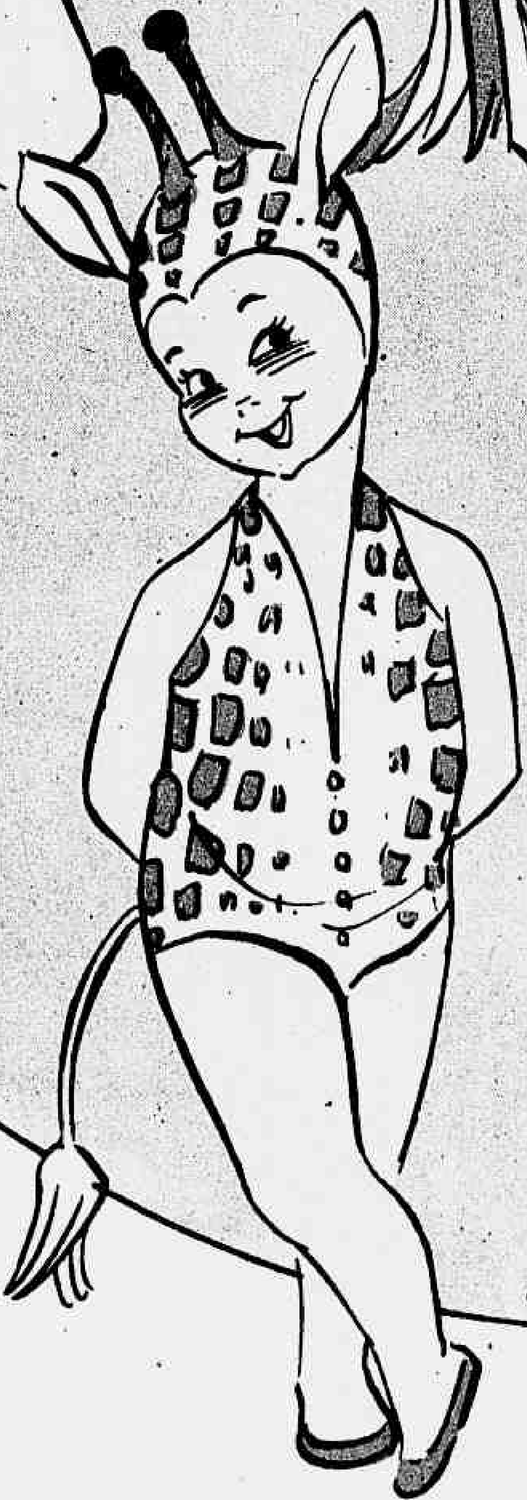
Carnaval Infantil



ÍNDIO



VAQUEIRO



IRAFA



CORUJA



ZEBRA

ATENÇÃO! É PRECISO LER!

AGUARDEM O MAIS SENSACIONAL, MAIS ÚTIL E MAIS EDUCATIVO CONCURSO DE QUE HÁ MEMÓRIA EM NOSSA IMPRENSA!

EM COMBINAÇÃO COM A "BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL, S. A." LANÇAREMOS O INTERESSANTÍSSIMO

Álbum - Revista da Semana



Com viagens turísticas pelo Brasil, por terra e por mar, desvendando aos olhos do nosso povo e dos estrangeiros aqui residentes, tudo o que de mais belo possui o nosso país! O "Álbum-Revista da Semana" é indispensável a pequenos e grandes, estudantes e professôres, homens e mulheres, operários e artistas, historiadores e políticos, médicos e bacharéis, engenheiros e militares, sacerdotes e cientistas, jornalistas e comerciários, pois em suas páginas ficará gravado o retrato do Brasil com tudo o que existe de belo, grandioso, sensacional, nas artes e nas letras, nas belezas naturais, nas obras da inteligência humana, numa empolgante seqüência histórica e artística, tudo caprichosamente colorido e de leitura instrutiva, educacional e atraente!

Álbum - Revista da Semana

E' um maravilhoso brinde que a "Revista" oferece aos seus leitores! Duzentos e quarenta e quatro prêmios no valor total de duzentos e oito mil cruzeiros para os leitores! Aguardem o lançamento dentro de alguns dias!

NÃO HAVERÁ FIGURAS DIFÍCEIS

BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL, S. A.
Rua Visc. de Inhaúma, 134 - 4º Andar — RIO
REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — LAPA — RIO

PASSATEMPO

LIDERGRAMA N.º 39

A	Nascente; oriente →	67	2	113	31	88	156	53	■
B	Tavernas, botequins em quartéis →	29	49	62	89	112	136	157	120
C	Ondulada →	5	28	68	40	99	118	133	■
D	Obstáculos, estôrvos →	7	35	55	71	83	65	154	93
E	Aumentativo de laço →	145	33	57	85	95	131	58	109
F	O que se aloja em casa alheia →	98	18	60	77	87	140	119	8
G	Sobrecarregam; impõem ônus →	44	6	61	124	96	153	■	■
H	Massa de gêsso para revestimento de teto →	10	63	37	143	104	110	92	■
I	Fazer recordar →	158	11	48	123	76	107	86	■
J	Fabricantes de jóias →	46	38	126	72	24	66	142	■
K	Que gazeia →	132	34	41	80	100	111	94	146
L	Enormes, ilimitadas →	14	45	90	1	128	56	12	■
M	Lesar, fazer mal →	59	148	21	81	79	91	103	■
N	Virtuoso; conforme à honra →	137	69	97	27	54	4	42	■
O	Perversas; contrárias à equidade →	16	101	51	19	149	82	139	■
P	O autor das "Viagens de Gulliver" →	116	3	30	52	9	■	■	■
Q	Projete; faça tenção →	17	130	50	70	64	122	150	23
R	O que ouve; ouvinte →	127	20	32	106	151	78	115	■
S	Cortada em declive ou rampa →	22	141	134	13	114	152	74	47
T	Recaíra; coincidira →	125	155	43	135	108	147	26	73
U	Nome indígena do "homem do mato", "roceiro" →	121	36	102	84	138	15	144	■
V	Fêz operação →	117	129	25	39	75	105	■	■

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra numa casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras.

■	■	■	■	■	■	■	L 1	A 2	P 3	N 4	C 5	G 6	■
D 7	F 8	P 9	H 10	■	T 11	L 12	S 13	L 14	U 15	O 16	Q 17	F 18	■
Q 19	R 20	M 21	■	S 22	Q 23	J 24	V 25	T 26	N 27	C 28	B 29	P 30	A 31
R 32	E 33	■	K 34	■	D 35	U 36	H 37	J 38	V 39	C 40	K 41	N 42	■
T 43	G 44	L 45	J 46	■	S 47	■	I 48	B 49	Q 50	O 51	P 52	A 53	N 54
D 55	L 56	E 57	E 58	M 59	■	F 60	G 61	B 62	H 63	Q 64	D 65	J 66	A 67
■	C 68	N 69	■	Q 70	D 71	J 72	T 73	S 74	V 75	I 76	■	F 77	R 78
M 79	K 80	■	M 81	O 82	■	D 83	U 84	E 85	I 86	F 87	A 88	B 89	L 90
■	M 91	■	H 92	D 93	K 94	E 95	G 96	N 97	F 98	C 99	■	K 100	O 101
U 102	M 103	H 104	V 105	R 106	I 107	■	T 108	E 109	■	H 110	K 111	B 112	A 113
S 114	R 115	P 116	V 117	■	C 118	F 119	B 120	U 121	Q 122	I 123	G 124	T 125	J 126
■	R 127	L 128	■	V 129	Q 130	E 131	K 132	C 133	S 134	T 135	B 136	N 137	U 138
O 139	■	F 140	S 141	■	J 142	H 143	U 144	■	E 145	K 146	T 147	■	M 148
O 149	Q 150	R 151	S 152	G 153	D 154	T 155	A 156	B 157	I 158	■	Otaner-Rio		

SOLUÇÕES DO LIDERGRAMA Nº 38 — HERCULANO. EURICO, O PRESBÍTERO. "Sem saber como, achava-me no viso mais alto da penedia; transpassava-me a medula dos ossos o relento frio da noite, e parecia-me que os membros hirtos se me haviam pregado no tôpo da penedia".

CORREIO DA REVISTA

Rio de Janeiro, 22 de janeiro de 1953

Exmo Sr Diretor da REVISTA DA SEMANA

A REVISTA DA SEMANA de 10-1-53 publicou sob o título **«Último Flash»** a fotografia de um ônibus que, tendo um dos seus pneus dianteiros furado, sofreu um desastre na Rodovia Presidente Dutra.

Aproveitou o jornalista a oportunidade para fazer certos comentários sôbre as condições da referida estrada, o que me obriga, a bem da verdade, a oferecer os seguintes esclarecimentos:

a pavimentação da Rodovia Presidente Dutra, presentemente, está em perfeitas condições;

o desastre, conforme reconhece a própria legenda da fotografia, foi ocasionado em virtude de se ter furado um dos pneus dianteiros do ônibus;

o policiamento rodoviário na Presidente Dutra é intenso e permanente (10 caminhonetes, 10 motocicletas e mais de 100 inspetores).

Para que V. S. comprove que os acidentes, na realidade, não têm aumentado na Rodovia Presidente Dutra, apesar da imprudência dos motoristas que não respeitam as velocidades limites, ofereço os seguintes dados estatísticos:

1951 — 27,2 acidentes por mês para um volume de tráfego diário de 1.600 veículos.

1952 — 30,9 acidentes por mês para um volume de tráfego diário de 2.100 veículos.

Comparação:

Taxa de crescimento de acidentes — aproximadamente 14 por cento

Taxa de crescimento de tráfego — aproximadamente 34 por cento

Cabe-me ainda informar, para comprovar a eficiência do policiamento dessa estrada, que só em multas são arrecadados anualmente mais de Cr$ 2.000.000,00.

Solicitando a publicação da presente retificação, coloco-me inteiramente às suas ordens para qualquer outro esclarecimento.

Atenciosamente

EDMUNDO REGIS BITTENCOURT, Diretor Geral.

PENSAMENTOS DE VICTOR HUGO

Em um dos últimos números desta REVISTA publicamos, na seção **Lido... Visto... Ouvido...** uns pensamentos filosóficos colhidos na revista carioca «O Momento», os quais vinham antecedidos do esclarecimento de que tais sentenças corriam mundo como do famoso poeta francês, mas que, realmente, eram de autoria de Manuel Segundo Wanderley, poeta potiguar. Achamos estranha a versão, e, para agitar o assunto, demos-lhe publicidade. Imediatamente protestaram alguns leitores, militares e civis, tendo vindo a esta redação o dr. João Batista d'Ávila Franca, médico nesta capital, que nos entregou a carta que a seguir transcrevemos:

«Rio de Janeiro, 21 de janeiro de 1953.

Srs. Redatores da REVISTA DA SEMANA.

Saudações cordiais.

Leitor assíduo de nossas publicações hebdomadárias, é com a maior admiração que acompanho desde o seu aparecimento a evolução excelente da REVISTA DA SEMANA. De sorte que se me deparou um equívoco em «Lido... Visto... Ouvido...» do número em circulação. Assim, foram publicados como pensamentos de Manoel S. Wanderley, Rio Grande do Norte, trechos de um célebre poema do genial Victor Hugo, intitulado «Paralelo entre o homem e a mulher». Com a devida vênia, tenho o prazer de apresentar a Vv. Ss. a tradução que fiz do referido poema de Victor Hugo, o maior poeta francês do século XIX:

O homem é a mais elevada das criaturas.
A mulher, o mais sublime dos ideais.

Deus fêz para o homem um trono, e para a mulher, um altar.
O trono exalta. O altar santifica.

O homem é o cérebro. A mulher é o coração.
O cérebro fabrica a luz. O coração produz o amor.
A luz fecunda. O amor ressuscita.

O homem é o gênio. A mulher é o anjo.
O gênio é imensurável. O anjo é indefinível.
Contempla-se o infinito. Admira-se o inefável.

A aspiração do homem é a suprema glória.
A aspiração da mulher é a virtude extrema.
A glória faz o mortal. A virtude faz o divino.

O homem tem a supremacia. A mulher tem a preferência.
A supremacia significa a fôrça.
A preferência representa o direito.

O homem é forte pela razão. A mulher é invencível pelas lágrimas.
A razão convence. A lágrima comove.

O homem é capaz de todos os heroísmos.
A mulher, de todos os martírios.
O heroísmo enobrece. O martírio sublima.

O homem é um código. A mulher é um Evangelho.
O código corrige. O Evangelho aperfeiçoa.

O homem é o Templo. A mulher, o sacrário.
Ante o templo, descobre-se. Ante o sacrário, ajoelha-se.

O homem pensa. A mulher sonha.
Pensar é ter no crânio uma lava.
Sonhar é ter na fronte uma auréola.

O homem é o oceano. A mulher é o lago.
O oceano tem a pérola que adorna.
O lago tem a poesia que deslumbra.

O homem é a águia que voa. A mulher é o rouxinol que canta.
Voar é dominar o espaço. Cantar é conquistar a alma.

O homem tem uma farol: a consciência.
A mulher tem uma estrêla: a esperança.
O farol guia. A esperança salva.

Enfim, o homem está colocado onde termina a terra.
A mulher, onde começa o céu.

Sem mais, com estima e consideração, subscrevo-me, amº adm. e obrdo.

(a) **Dr. J. B. Avila Franca** — Rua Cirne Maia, 9, Méier.

ARABELLE, a ultima sereia



Como se sente feliz agora a nossa Sereia! Já muito próxima do final daquela viagem, seu pensamento se dirige todo para Jacques Pommier.



Nunca pensara «Flor Azul» de encontrar enfermeira tão gentil. Arabelle lhe permitia até o luxo de compor seus poemas amorosos no leito.



Enquanto êle produz seus versos em louvor às sereias, Arabelle vai visitar o comandante. Ela gosta de ouvir as histórias do mar que êle conta.



Guiada por uma curiosidade natural, ela olha através da escotilha do beliche de Branca de Neve, onde estavam os bandidos e recua horrorizada



Jacques, o detective incumbido de prender os bandidos, chega ao Rio, em companhia de Bimbleton, o famoso cirurgião e pai adotivo de Arabelle.



No camarote de Branca de Neve ela discute com o bando. Era preciso acabar com aquilo e livrar-se de Arabelle e do traidor «Flor Azul».



Em obediência às ordens da chefe, que já estava furiosa, um dos «gangsters» vai até à enfermaria conduzindo, cautelosamente, um pacote.



O resultado não se fêz esperar e uma terrível explosão ressoa por todo o navio. Todo mundo se dirigiu à enfermaria, que voara pelo ar.



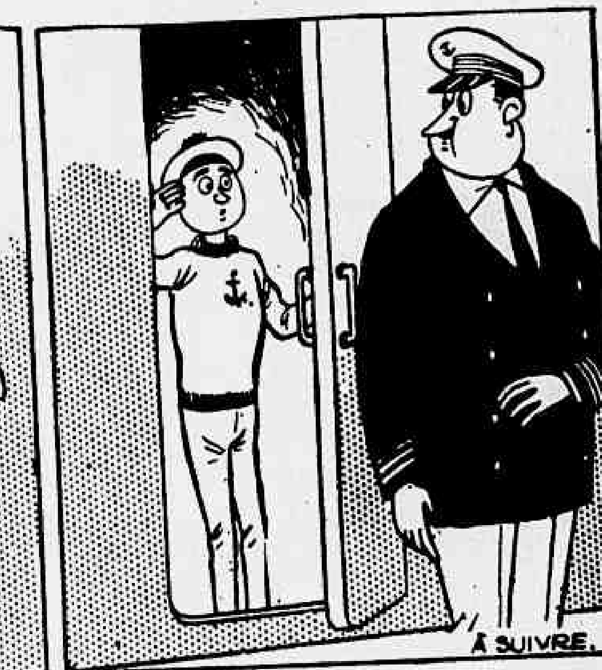
Arabelle, prevendo o crime, levou o enfêrmo para a cabine do comandante, o qual lhe pediu que explicasse tudo, sem maiores mistérios.



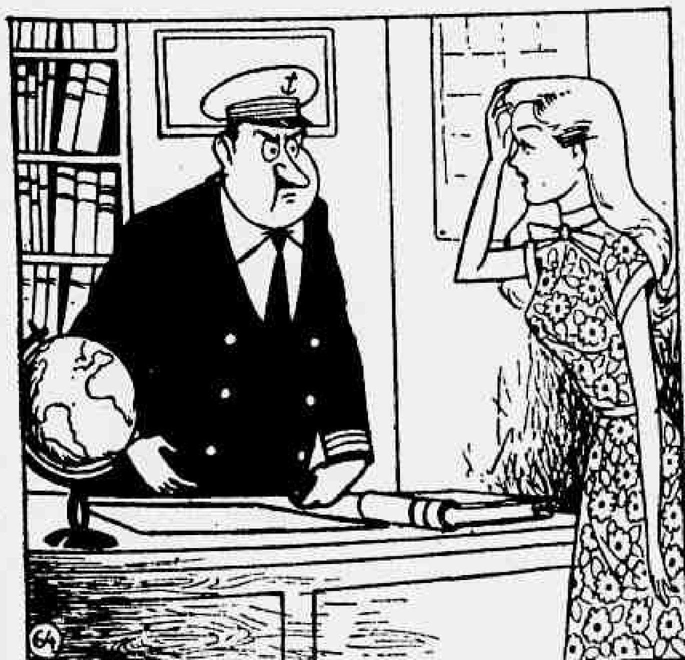
Então a Sereia conta tudo, tim-tim por tim-tim, não ocultando nada, nem mesmo o fim de sua missão no Rio. O comandante estava perplexo.



Arebelle terminou falando de Jacques Pommier, o detective, julgando-o mesmo seu noivo. Como estava ansiosa para desembarcar no Rio de Janeiro!



O comandante, atônito com a história dessa moça incrível, limpa o suor e lhe garante agir com prudência ao chegar ao Rio. Batem à porta...



— Mme., diz o comandante a Branca de Neve. Mandei chamá-la para saber algo do **turonium**, de que tanto a senhora fala. Mas a bandida vacilou.





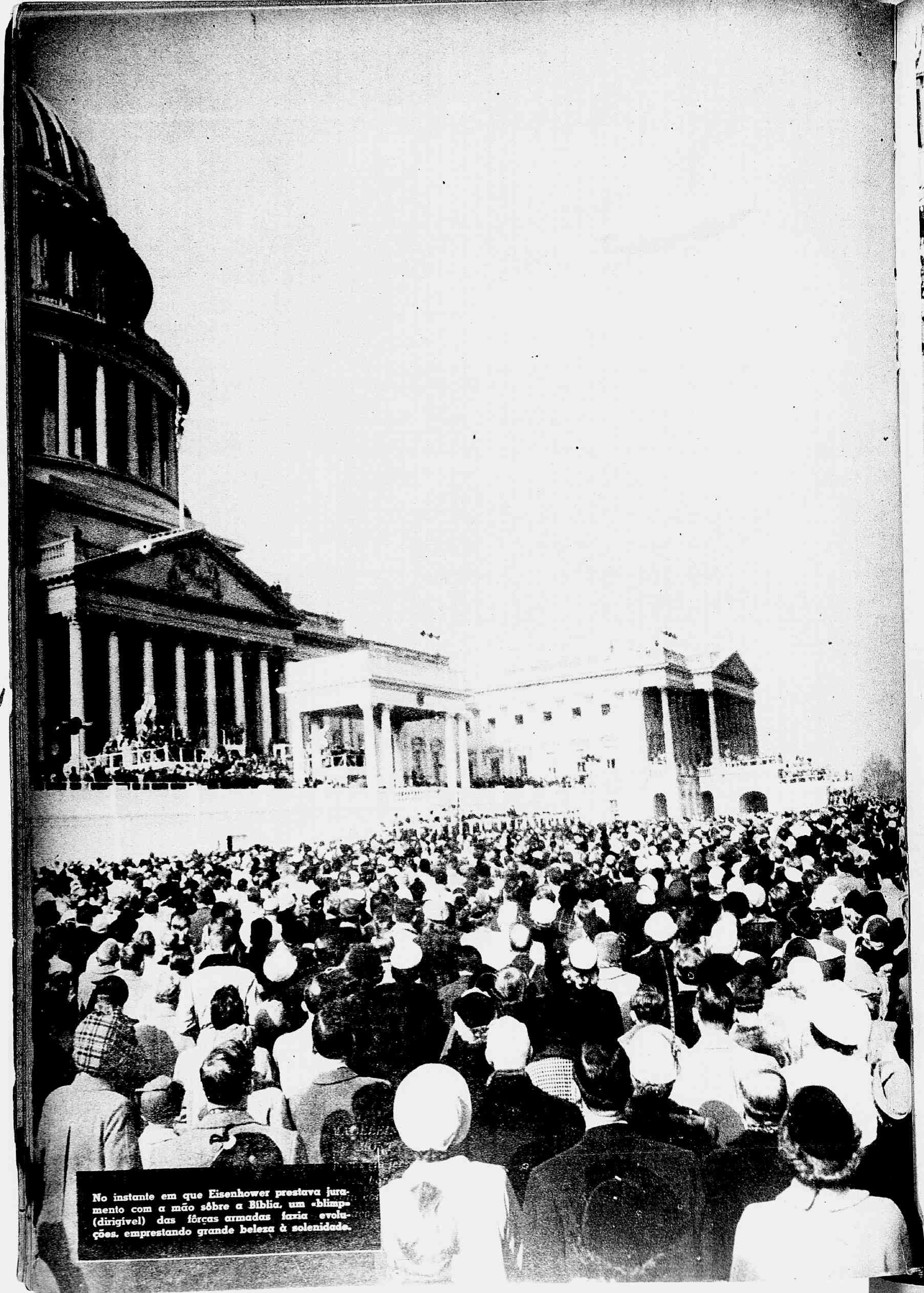
Diante do embaraço dela, o comandante lhe ordenou que fôsse para seu camarote e lá ficasse com tôda a «gang». A guarda impediria a fuga.



— O Rio estará à vista dentro em pouco, querida Arabelle. Se me promete não fazer tolice, eu lhe permitirei ir à terra antes de ancorar. Você pode ir encontrar-se com o seu amado Jacques Pommier, e não deixe de voltar ao navio, pois quero conhecê-lo. Arabelle estava exultando com isso.

Desenhos de JEAN ACHE

História de VANIA LAUREZ



No instante em que Eisenhower prestava juramento com a mão sôbre a Bíblia, um «blimp» (dirigível) das fôrças armadas fazia evoluções, emprestando grande beleza à solenidade.



Pela primeira vez o povo dos Estados Unidos viu um canhão atômico, arma de guerra que tomou parte na grande parada cívico-militar de 20.

A POSSE DE EISENHOWER

(CONTINUAÇÃO)

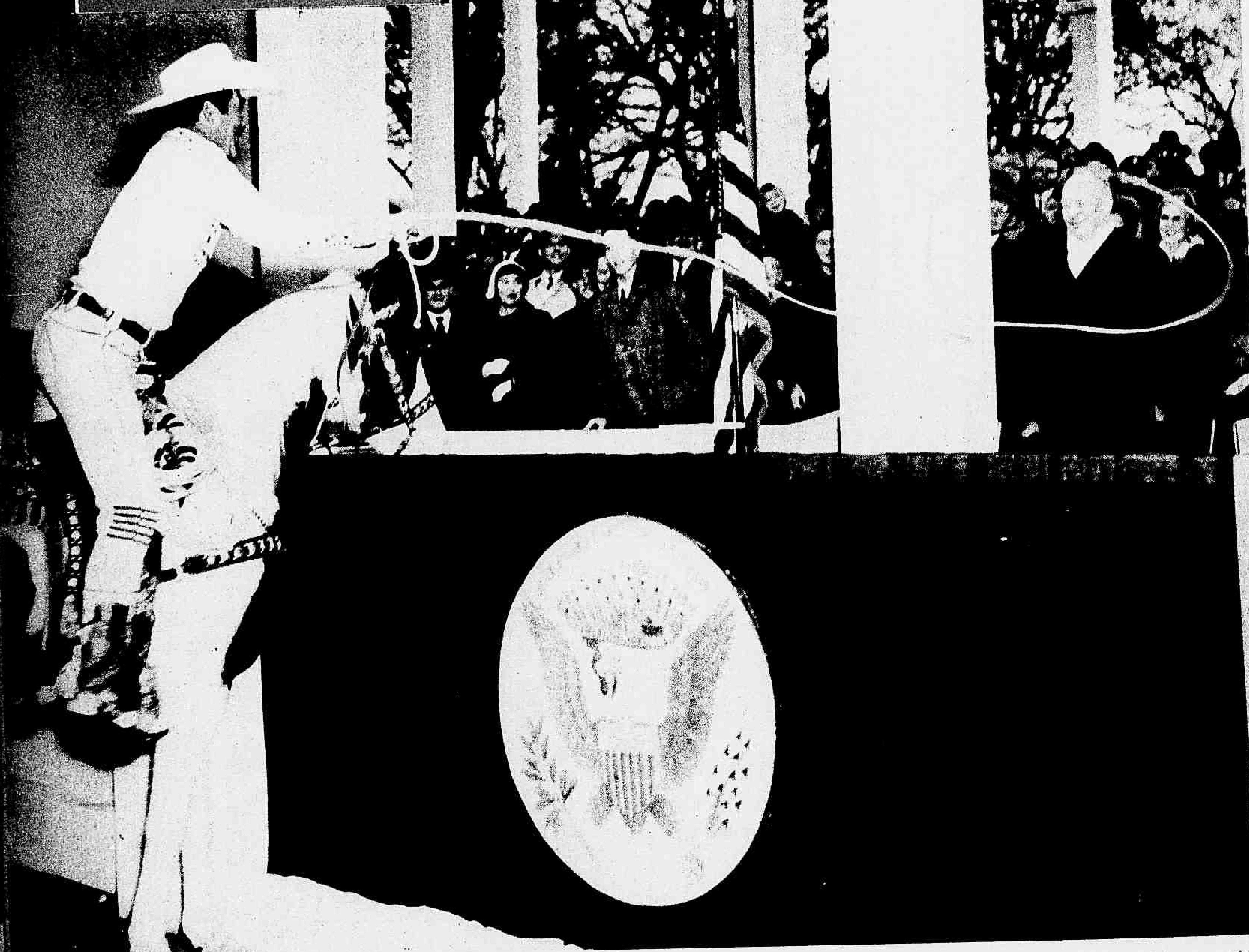
Apesar da incontável multidão que acorreu ao teatro das festividades da posse de Ike, tudo se passou dentro da maior ordem, o povo bem localizado em arquibancadas e cadeiras, além de milhares e milhares até nos telhados e monumentos, platibandas e árvores. Na praça do Capitólio se acotovelavam cento e trinta mil pessoas, separadas por cordões de isolamento, que ninguém procurou romper para causar confusão. O novo Presidente eleito, em carro aberto e sempre risonho, correspondia às aclamações do povo, a acenar com a mão. E todo mundo verificou que Ike cumprira a promessa feita aos organizadores do «protocolo»: não usaria cartola de sêda. E não usou. Seu chapéu foi do tipo «Homburg», de côr preta, o que provocou verdadeira revolução entre os tradicionalistas, levando o próprio Truman a também usar um «Homburg»... Seu juramento se verificou sôbre a Bíblia que serviu a George Washington, justamente às 12,31 minutos do dia 20 de janeiro.

Tudo culminou com o suntuoso baile de «inaugural» iniciado às 23 horas, reunindo tudo o que de mais distinto há na capital do país. O novo Presidente e sua família deixou a Casa Branca às 22 e 9 minutos, achando-se presente também, seu filho John, que voara do teatro



Carro alegórico da NATO, no grande desfile da posse de Eisenhower.

A POSSE DE EISENHOWER



O «cow-boy» Monte Armonte, pediu permissão a Ike para laçá-lo. O presidente concedeu, mas com a condição de não «arrastá-lo». Vejam a perícia.

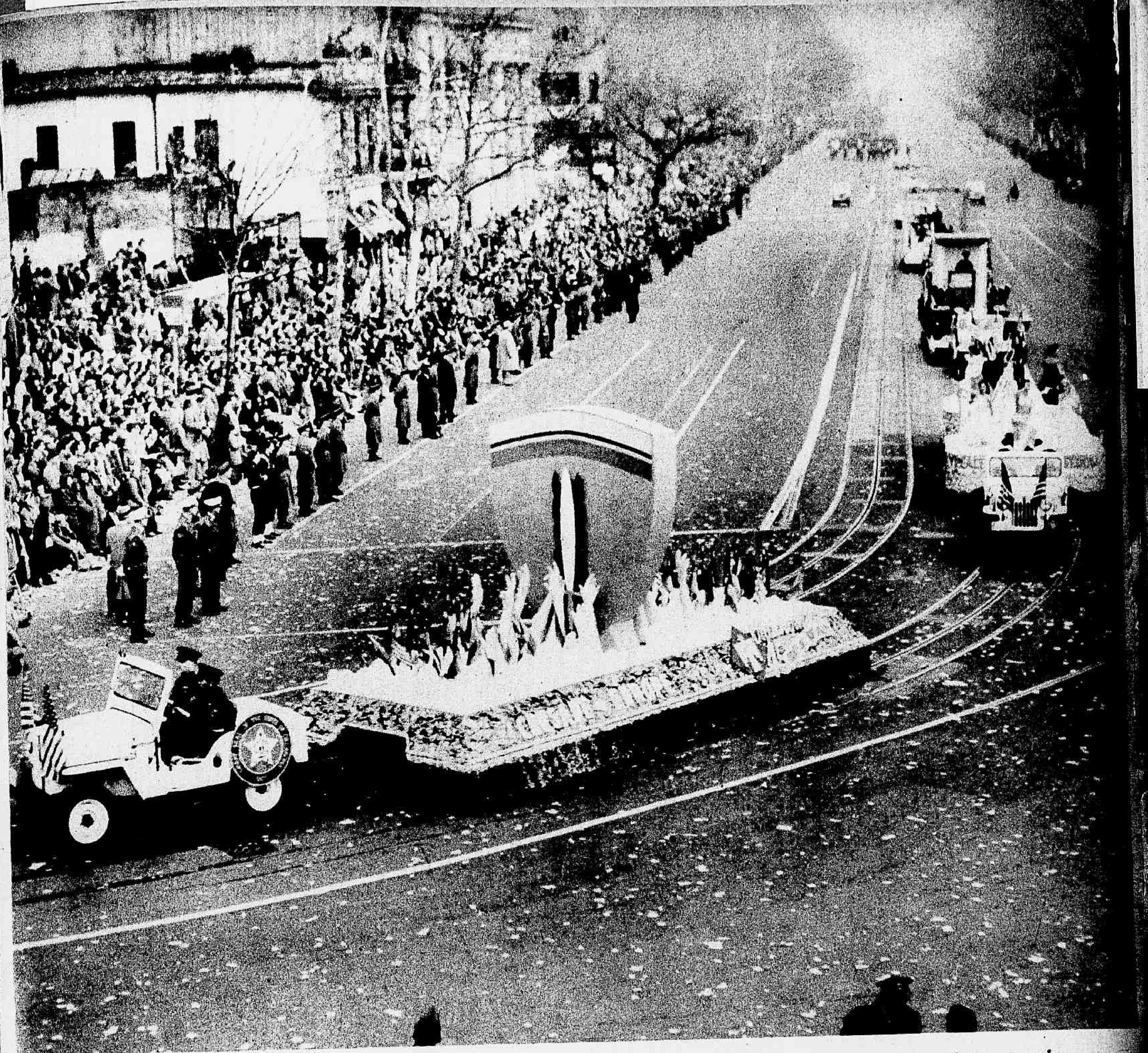


da guerra na Coréia até Washington a fim de assistir às festividades da posse do pai. Deu-se, porém, uma particularidade acêrca da chegada do major. Seu pai ignorava que êle viesse à posse, e perguntou com certa estranheza, a Truman, quem teria dado ordens para o filho deixar a Coréia para vir a Washington; mas Truman procurou contornar a coisa e deu uma resposta um tanto misteriosa, como quem queria dizer: «Foi o Presidente dos Estados Unidos, velho». E o caso era que, ainda Truman podia fazer isso, desde que não havia passado o poder ao recém-eleito.

Não há dúvida que foi um gesto de grande cortesia e delicadeza, o que deve ter tocado o coração dos pais do jovem e bravo militar que, na atual guerra do Oriente está mantendo com muita honra, as tradições de seu pai.

E' impossível ao repórter da REVISTA DA SEMANA em Washington, através das fotografias aqui estampadas, dar uma idéia exata do que foi a parada cívico-militar da posse do grande Ike. Mas bata dizer que a capital do país ficou superlotada de visitantes e tôda a sua população correu para as ruas e avenidas por onde passava o cortejo.

Da esquerda para a direita: a nora de Eisenhower, seu filho John, sua espôsa, sogra e êle próprio, quando se dirigiam ao baile da posse.



Aspecto do desfile de carros alegóricos no dia da posse de Ike. Mais de vinte e sete mil pessoas tomaram parte na majestosa parada.

a fim de não perder um só dos aspectos dessa festa política de tamanha magnitude e repercussão mundial.

A pessoa do novo Presidente foi cercada de tôdas as precauções, e dois mil e quinhentos detectives e milhares de policiais e soldados acompanhavam o cortejo e montavam guarda à sua precisa vida. Eisenhower assumiu o cargo de primeiro magistrado na grande República do Norte, numa hora de grandes apreensões, mas, tanto sua pátria como os povos amigos, depositam em Eisenhower a maior confiança e têm fé na sua atuação justa, proba, e, sobretudo, de consolidação aos princípios democráticos do mundo livre. Calcula-se que 60 milhões de pessoas assistiram, através da TV, às festas de 20 de janeiro em Washington, esquecendo os democratas derrotados nas urnas a ascensão de um republicano, para que a nação possa continuar a sua marcha vitoriosa através de mais um período presidencial. O espetáculo da posse de Eisenhower foi deslumbrante, e a parada militar causou sensação, quando o povo botou os olhos pela primeira vez num canhão atômico, do que damos uma foto nestas páginas. Todo mundo concorda com esta verdade: foi a maior festa do gênero, esta da «coroação» do velho e risonho Ike.



Eisenhower e sua família travam relações com diversas das mais altas personagens de Washington, durante o suntuoso baile de 20 de janeiro.



ÚLTIMO FLASH

MAURICE Weinzebaum, advogado nos auditórios de Chicago, chegou ao Rio, e, imediatamente, desejou comunicar-se com o vereador Pascoal Carlos Magno, que o conhecera nos Estados Unidos. Maurice se dizia em férias, estando disposto a empregar milhares e milhares de dólares no Brasil. Carlos Magno o levou a «boites», teatros, a Petrópolis, Teresópolis, e obteve do riquíssimo advogado a promessa de que ajudaria o Teatro Duse, que Pascoal mantém com tanto sacrifício. No dia seguinte, porém, estourava a bomba: Maurice era audacioso «Filipeto» «made in USA». A reportagem se agitou. O homem generoso e em férias, havia fugido da América do Norte depois de filipetagem no total de um milhão de dólares! Mas, quando se esperava que viesse pedido de extradição, eis que Weinzebaum declara que tudo não passa de campanha de difamação da espôsa, da qual vai divorciar-se. E' um homem correto, e está decidido a empregar aqui muito dólar em imóveis e negócio de automóveis, tendo mesmo uma conferência marcada com o Presidente da República! A Embaixada Americana, até o dia 27 de janeiro nada tinha contra êle. Mas Maurice, fugindo à reportagem, já percorreu quase todos os nossos hotéis de luxo. E pela cara está amoladíssimo!

MÓVEIS — TAPÊTES — CORTINAS



projeto da CASA NUNES para CURITIBA — Estado do Paraná



Tapêtes e passadeiras

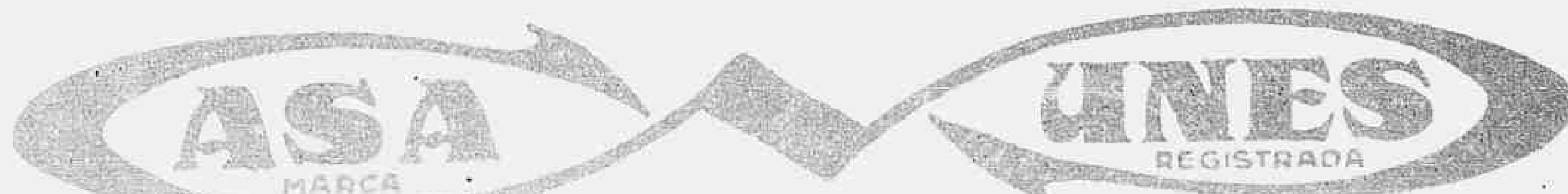
de forração em côres lisas e com flores

Grupos estofados

especialidade de nossas oficinas

Tapêtes feitos à mão

de grande beleza e originalidade



Uma legítima consagração...

O apurado bom gôsto e o agudo senso de seleção, peculiar aos que se distinguem pela elegancia, deram aos cigarros Hollywood uma insuperável tradição de alta classe.



cigarros hollywood

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.15